



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

IRACEMA VELEDA GOULART

**A VOZ DOS ESQUECIDOS: HISTÓRIAS DE VIDA DE PERSONALIDADES
NEGRAS JAGUARENSES COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA**

Jaguarão
2015

IRACEMA VELEDA GOULART

**A VOZ DOS ESQUECIDOS: HISTÓRIAS DE VIDA DE PERSONALIDADES
NEGRAS JAGUARENSES COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação.

Orientador: Dr. Adelmir Fiabani

**Jaguarão
2015**

G694v Goulart, Iracema Veleda

A voz dos esquecidos: histórias de vida de personalidades negras jaguarenses como ferramenta pedagógica / Iracema Veleda Goulart.

106 p.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Pampa, MESTRADO EM EDUCAÇÃO, 2015.

"Orientação: Adelmir Fiabani".

1. Educação etnicorracial. 2. Personalidades negras jaguarenses. I. Título.

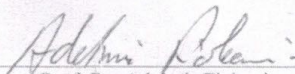
IRACEMA VELEDA GOULART

A VOZ DOS ESQUECIDOS: HISTÓRIAS DE VIDA DE PERSONALIDADES
NEGRAS JAGUARENSES COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Mestrado Profissional em
Educação da Universidade Federal do Pampa,
como requisito parcial para obtenção do Título
de Mestre em Educação.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 17 de março de 2015.

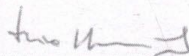
Banca examinadora:



Prof. Dr. Adelmir Fiabani
Orientador
UFFS

p/ Adelmir Fiabani

Prof. Dra Georgina Helena Lima Nunes
UFPeI



Prof. Dr. Lúcio Jorge Hammes
UNIPAMPA

Dedico este trabalho aos companheiros neste projeto, alunos e professores da Escola Municipal de Educação Básica Lauro Ribeiro, aos entrevistados e também personagens fundamentais neste trabalho, ao meu pai Diogo Goulart e à minha mãe Maria Goulart, a quem devo minha vida e a meu companheiro Moacir da Silva que sempre apoia minhas decisões profissionais.

AGRADECIMENTO

Ao Prof. Dr. Adelmir Fiabani, meu orientador, pela receptividade e compreensão nessa caminhada que construímos juntos. Mais do que orientador, um profissional dedicado que soube ceder espaço para que eu construísse meu aprendizado a partir de minhas experiências e que me ensinou a lapidar os diamantes que sempre tive a meu lado, meus pais.

Aos professores:

Bento Selau da Silva Júnior

Carmen Regina Dorneles Nogueira

Cristina Pureza Duarte Boéssio

Jane Schumacher

Maiane Liana Hatschbach Ourique

Mauricio Aires Vieira

Silvana Maria Gritti

Suzana Schwartz

A todos os colegas de curso.

Recordar é preciso

O mar vagueia onduloso sob os meus pensamentos

A memória bravia lança o leme:

Recordar é preciso.

O movimento vaivém nas águas-lembranças
dos meus marejados olhos transborda-me a vida,
salgando-me o rosto e o gosto.

Sou eternamente náufraga,

mas os fundos oceanos não me amedrontam
e nem me imobilizam.

Uma paixão profunda é a boia que me emerge.

Sei que o mistério subsiste além das águas.

(Conceição Evaristo)

RESUMO

A efetivação da Lei 10.639/2003, que trata do ensino da história e da cultura afro-brasileira nas escolas é um caminho que está sendo percorrido de forma lenta no município de Jaguarão. A história deste município traz em sua marca - não diferente do restante do país - o olhar europeu, privilegiando dados registrados pela elite branca. Por isso este projeto foi pensado, com a finalidade de apontar caminhos que vão ao encontro dessa efetivação, mostrando o papel do negro enquanto cidadão jaguarense, o lugar que ele ocupa nesta sociedade e as contribuições que deu e ainda dá a esta comunidade, bem como o valor que lhe é devido no espaço escolar e na historiografia deste município. O trabalho dar-se-á por meio de registro de entrevistas biográficas e autobiográficas, negros que trazem em suas histórias de vida dados importantes que ainda não ganharam espaço no registro escrito. O intuito é mostrar o quão são importantes e ricos esses relatos para a constituição da história do lugar, neste caso, Jaguarão. Este trabalho terá como colaboradores os alunos do ensino médio da Escola Municipal de Educação Básica Lauro Ribeiro, quando estarão dando apoio durante as entrevistas e ao mesmo tempo conhecendo e método da história oral como parte integrante de uma comunidade. O resultado final deste projeto será a elaboração de uma obra paradidática, destinada à consulta nas bibliotecas das escolas do município.

Palavras-chave: Lei 10.639/2003, educação, jaguarenses, memória.

Resumen

La efectivación de la Ley 10.639/2003, que trata de la enseñanza de la historia y de la cultura afro-brasileña en las escuelas es un camino que está siendo recorrido de forma lenta en el municipio de Yaguarón. La historia de este municipio trae en su marca – no diferente del restante del país – el mirar europeo, privilegiando datos registrados por la élite blanca. Por eso este proyecto fue pensado, con la finalidad de apuntar caminos que van al encuentro de esa efectivación, mostrando el papel del negro mientras ciudadano yaguarense, el lugar que él ocupa en esta sociedad y las contribuciones que dio y aún da a esta comunidad, así como el valor que le es debido en el espacio escolar y en la historiografía de este municipio. El trabajo se dará por medio de registro de entrevistas biográficas y autobiográficas, negros que traen en sus historias de vida datos importantes que aún no ganaran espacio en el registro escrito. El objetivo es mostrar como son importantes y ricos esos relatos para la constitución de la historia del lugar, en este caso, Yaguarón. Este trabajo tendrá como colaboradores los alumnos del liceo de la Escuela Municipal de Educación Básica Lauro Ribeiro, cuando estarán dando apoyo durante las entrevistas y a la vez conociendo el método de la historia oral como parte integrante de una comunidad. El resultado final de este proyecto será la elaboración de una obra paradidáctica, destinada a la consulta en las bibliotecas de las escuelas del municipio.

Palabras clave: Ley 10.639/2003, educación, yaguarenses, memoria.

SUMÁRIO

1 Introdução	10
1.1 Um pouco de mim neste projeto	10
1.2 Contextualizando o projeto	13
2 Contextualização do município de Jaguarão	16
3 A Educação	22
4 Contextualização da escola onde será desenvolvido o projeto	24
5 Justificativa	25
6 A Lei 10.639.03 em Jaguarão	27
7 Objetivos	28
7.1 Objetivo geral	28
7.2 Objetivos específicos	28
8 Metodologia	29
9 História oral e história de vida	30
10 Observações sobre o método história oral a ser utilizado no projeto	35
11 Referencial teórico	36
11.1 A sociedade brasileira	36
11.2 As vítimas da discriminação	38
11.3 Relações étnicas no Brasil	39
12 Apresentação da pesquisa e análise dos resultados	42
13 Entrevistas	45
13.1 Gilberto Montes Silveira	45
13.2 Seu Ricardo	54
13.3 Dona Conceição e Cláudio Pereira Freitas (Cheda)	59
13.4 Mestre Vado	74
13.5 Dona Neusa	78
13.6 Professora Lacy Caldas	86
13.7 Seu João Chaves	93
14 Considerações finais	96
15 Cronograma de trabalho	103
Referências bibliográficas	104

1 Introdução

1.1 Um pouco de minha vida neste projeto

Para melhor entendimento deste trabalho começo escrevendo a minha trajetória de vida. Ao final, o leitor perceberá aspectos em comum entre o que vivenciei e o que é relatado nas entrevistas.

Sou negra, nascida em uma comunidade rural, Alegrias, município de Pinheiro Machado. Meu pai, posteiro em uma fazenda, começava suas tarefas diárias ao clarear do dia e terminava-as ao anoitecer. Ganhava um salário e era o responsável por prover os mantimentos. Minha mãe, dona de casa, para vestir os seis filhos trabalhava de sol a sol. Empreitava lavouras tanto para plantar como para colher. Entre uma lavoura e outra, ia derrubar matos para fazer lenha, o que àquela época era permitido. Também costurava sob encomenda e aproveitava os retalhos para confeccionar nossas roupas, já que as compradas eram para ir à escola e usar quando passeávamos na vizinhança.

Iniciei a vida escolar aos seis anos de idade. A escola ficava distante da casa em que morávamos. Íamos a pé atalhando os campos, matos e sangas. Quando chovia muito, íamos pelo caminho mais longo que dava acesso à estrada principal. Lembro que naquela época o inverno era rigoroso, a geada branqueava os campos, mas isso não era empecilho, mesmo sendo o chinelo de dedos o único calçado que usávamos. As duas irmãs mais velhas é que usavam sandálias.

Fiz o primeiro semestre da vida escolar na mesma escola que meus irmãos depois fui morar com minha avó materna em outra localidade - até hoje trago em minha memória a morada simples, um rancho de torrão à beira da estrada. Estudei até a 5ª série na escola daquela localidade, um chalé com duas salas de aula, uma sala e uma cozinha. Os banheiros eram a parte, o que conhecemos pela denominação de patente. Lá, acredito ter sofrido o primeiro ato de discriminação. Sempre fazia desenhos e levava para a professora, assinando *da sua querida aluna Iracema*, até o dia em que a professora me perguntou por que eu assinava daquela forma. Bastou. Nunca mais fiz um desenho para ela e também nunca mais lhe abracei. Quando a referida professora me questionou o porquê de não lhe presentear mais com desenhos, respondi com um sorriso de canto de boca, sem graça. Desse fato jamais esqueci.

Aos oito anos de idade conheci a cidade, Pinheiro Machado, pelas mãos de minha avó em uma de suas idas para receber a aposentadoria e realizar as compras do mês. Depois disso foram raras as vezes que voltei lá.

Aos onze anos terminei os estudos e voltei a morar com meus pais. Foi quando minha mãe descobriu que havia uma família com duas filhas - uma da minha idade e a outra, dois anos mais nova - e que procurava alguém que ensinasse elas a ler, escrever e calcular. Para mim era a realização do sonho em ser professora. Morei com eles de março a dezembro. Lá ministrava aulas para as duas meninas e para um menino, sobrinho daquele casal. Não tenho noção da remuneração em dinheiro por aquele trabalho, sei que foi pago à minha mãe. Acredito não ser muito, pois deu apenas para comprar o tecido com o qual foi-me confeccionado um vestido.

No ano seguinte, minha avó paterna mudou-se do Cerrito para Pinheiro Machado, então indo morar com ela e ao minha mãe realizar minha matrícula na 6ª série, pude dar continuidade aos estudos. No mês de setembro do mesmo ano, os patrões de meu pai, em uma das poucas visitas que faziam àquela fazenda, descobriram-me e pediram permissão para que eu viesse morar com eles na cidade de Jaguarão. Deveria estudar e auxiliar a mãe da patroa de meu pai levando-lhe os medicamentos em horário correto e também a alimentação. Na verdade, assim que cheguei passei a ter outras obrigações, ajudar nos afazeres domésticos da casa, mantê-la limpa aos finais de semana e era a responsável por fazer e levar o café da manhã ao casal antes de levantarem-se. Não era remunerada pelos meus serviços e raramente me compravam uma peça nova de roupa, usava as que a filha do casal descartava. Fui matriculada na escola em que a patroa de meu pai era diretora na época. Lá concluí meus estudos com o curso de Magistério.

Ainda quando estava em estágio do curso Magistério, aos dezoito anos, participei de seleção para ministrar aulas por meio de contrato emergencial. Fazia estágio, ministrava aulas em uma escola estadual, mantinha a limpeza da casa dos patrões e ainda aos finais de semana ia para a fazenda do casal aqui no município para limpá-la e cozinhar a comida que era congelada para a semana seguinte. Hoje tenho noção do quanto fui explorada.

Finalmente, casei, prestei concurso para o magistério municipal e fui lotada em uma escola rural, portanto multisseriada, que funcionava em uma fazenda, pois o prédio da referida escola ficava distante daquele local onde moravam os alunos. Trabalhei por quatro anos

naquele local, sala improvisada em uma garagem onde separei uma parte para a cozinha. Para chegar até nosso quarto tínhamos que caminhar pela rua e fazer a volta pela casa do capataz, anexa ao galpão e conseqüentemente à garagem que servia como sala de aula. Todo final de mês tomava o ônibus para participar das reuniões, receber e fazer as compras do mês.

Adquiri terreno em loteamento da prefeitura, meu marido construiu uma peça com banheiro. Ainda não haviam instalado luz nem água, sendo que essa era carregada de uma bica. O banho era em chuveiro de lata - comum em local onde não tem água encanada - e a luz emprestada de um vizinho que morava próximo, mas não no mesmo loteamento. Passei a trabalhar em outra escola rural, na qual fiquei até novembro do ano que passou. Lá, fui professora, supervisora durante nove anos e diretora.

Em 2006, com a vinda da Universidade Federal do Pampa para Jaguarão pude voltar a estudar e fazer o curso que tanto quis, Letras. Dentro desse curso fiz as cadeiras de Literatura de Língua Portuguesa com ênfase na Literatura Africana e a disciplina de Pesquisa em Educação, essa última ministrada pela professora Georgina Helena Lima Nunes. Nessa disciplina o trabalho foi direcionado para a percepção das desigualdades sociais existentes na sociedade, desigualdades essas que atingem diretamente as pessoas negras. Foi então que atentei para este tema e passei a trabalhar com ele em todas as turmas da escola por meio de projetos. Foram poucas as parcerias por parte dos colegas professores. Talvez este fato seja um indicativo de desinteresse por esta temática.

Em meu Trabalho de Conclusão de Curso dissertei sob título *Cultura afro-brasileira: um estudo de materiais pedagógicos*. Um estudo do conjunto de material pedagógico disponibilizado à Secretaria Municipal de Educação pelo Ministério de Educação e Cultura. Desde então sempre que posso estou envolvida com a temática. Fiz curso de História da África oferecido pelo professor Adelmir Fiabani aos professores da rede municipal. Mesmo sendo gratuito apenas treze professores da rede participaram. Participei da Semana da Consciência Negra, realizada pelo mesmo professor por três anos consecutivos e em nenhuma delas vi um colega de profissão entre os participantes. Realizei o curso UNIAFRO, formação oferecida na forma semipresencial. Fomos apenas cinco professores da rede a cursá-lo. Ao ser selecionada para o Mestrado em Educação da Unipampa, vi a oportunidade de continuar os estudos sobre a temática.

1.2 Contextualizando o projeto

Em dezembro de 1996 foi aprovada a Lei 9.394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Em 2003, esta mesma lei é modificada pela Lei 10.639/03, que a amplia, incluindo no currículo da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira”.

A lei 10.639/03 coloca de forma ampla o conteúdo a ser trabalhado, conforme se pode observar no § 1º.

O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. (BRASIL, 2003).

Como parte desse povo, sinto-me motivada a trabalhar de forma positiva as questões que se referem ao negro e sua contribuição para a sociedade, neste caso, a sociedade jaguareense. Como educadora preciso estar atenta às modificações que ocorrem e acompanhar as mudanças, sobretudo, provocadas por esta Lei. Em relação a esta temática, as educadoras Selenir Kronbauer e Margareth Simonato afirmam que

nesse contexto de permanentes ressignificações, as competências pedagógicas dos professores também são constantemente desafiadas, pois os estudos no campo da educação apontam para a necessidade de propostas de trabalho voltadas para a potencialização dos indivíduos, ou seja, sugerem a necessidade da individualização. Nesse processo, entende-se que os indivíduos têm perfis cognitivos diferentes uns dos outros; cabe às escolas tentar garantir que cada um receba a educação que favoreça o seu potencial individual. (KRONBAUER & SIMONATO, 2008, p. 24).

A Lei 10.639/03 veio também para acabar com o preconceito e a discriminação racial. Lopes e Santos (2011) alertam para o fato de que todos os seguimentos sociais e entidades, principalmente a escola, devem estar empenhados em combater o preconceito, promover a igualdade e reforçar a figura do negro uma vez que este também é contribuinte na formação da nação brasileira.

Na mesma linha de Lopes e Santos, acreditamos que a escola, como espaço institucional, é responsável pela orientação pedagógica do conhecimento e da cultura. Estes autores fazem referência ao papel da Educação para as Relações Étnico-raciais, que visam atitudes, posturas e valores na busca de uma educação que objetiva a pluralidade racial, onde há interação e negociação de objetivos comuns, garantindo respeito aos direitos legais e valorizando a identidade da democracia brasileira.

No mesmo sentido, Amílcar Araújo Pereira concebe a escola como uma aliada, uma entidade que “goza de grande prestígio como peça ideológica e instrumental do processo de ascensão e integração sociais da população negra no Brasil” (PEREIRA, 1987). Da mesma forma, o Movimento Negro Unificado acredita que a escola tem o papel de reforçar a identidade positiva do negro enquanto grupo etnicamente singularizado, dentro da sociedade plurirracial brasileira (PEREIRA, 1982 *apud* PEREIRA, 1987).

Para (MERIEU, 2005 *apud* KRONBAUER & SIMONATO, 2008), “o desejo de homogeneidade é a ruína da escola”. Constatamos que, devido às multiplicidades que dividem o espaço escolar, cada uma com suas especialidades, não é possível pensarmos os alunos como alguém que recebe o que denominamos “ensino”¹ de forma passiva. Os alunos, fora do espaço escolar, adquirem uma gama de conhecimentos, de vivências e os internalizam. Sendo esse um processo contínuo de formação, sobretudo da identidade, faz-se necessário levar essas experiências para a sala de aula e vice-versa, uma vez que somos conscientes que o aprendizado ocorre em todos os espaços.

Em relação ao preconceito e racismos, nossos alunos trazem ampla bagagem, positiva ou negativa, quando chegam à escola. Muitos chegam neste espaço com determinados conceitos adquiridos na comunidade que vivem, através da mídia e da própria família. Na escola, externalizam o que aprenderam fora dela. Neste sentido, Elaine Cavalleiro afirma

O silêncio da escola sobre as dinâmicas das relações raciais tem permitido que seja transmitida aos(as) alunos(as) uma pretensa superioridade branca, sem que haja questionamento desse problema por parte dos(as) profissionais da educação e envolvendo o cotidiano escolar em práticas prejudiciais ao grupo negro. (CAVALLEIRO, 2010, p. 21).

Conforme Cavalleiro (2010), a escola tem o dever de discutir sobre as relações étnico-raciais, caso contrário, estará contribuindo para a perpetuação do racismo e do preconceito na escola. Dessa forma, não teremos uma sociedade justa e igualitária. O Projeto Político Pedagógico da escola deverá contemplar esta temática, e as ações positivas deverão ser rotina no contexto escolar.

Para cumprir a Lei 10.639/03, precisamos introduzir nos currículos conteúdos sobre História da África, do negro e cultura afro-brasileira. No entanto, os professores sentem certa dificuldade para ministrar estes conteúdos, por formação incompleta e falta de material pedagógico de boa qualidade. Atualmente, temos relativa quantidade de material pedagógico sobre esta temática. No entanto, carecemos de suporte sobre a história do lugar, neste caso, Jaguarão.

¹ Ensino com o sentido de saber único, neste caso o professor é o seu detentor.

Através deste projeto ação/intervenção pretendemos produzir material pedagógico - livro paradidático - com histórias de alguns personagens negros que fizeram/fazem parte da constituição deste município. Neste projeto realizamos entrevistas com pessoas que se destacaram na nossa sociedade. Trata-se de resgate da memória que não está nos livros didáticos formais e que, na maioria das vezes, não é abordado em sala de aula. Queremos dar vez e voz às pessoas que fazem parte da nossa história, mas não figuram nos currículos das nossas escolas.

Este projeto será executado com o auxílio dos alunos do Ensino Médio da Escola Municipal de Educação Básica Lauro Ribeiro, através de pesquisa em documentos e entrevistas dos personagens vivos ou familiares destes, quando falecidos. Serão escolhidas dez pessoas da comunidade, através de indicações da própria comunidade, sendo o limite de idade, amparado na Lei do Idoso (60 anos).

Para melhor compreensão, este projeto intervenção está dividido em partes: Primeiramente citamos aspectos da História de Jaguarão, mostrando que este município tem em sua formação populacional grande percentual de negros, herança do passado escravista na região. Em um segundo momento, faremos a contextualização da escola, para que o leitor saiba quem são os alunos e professores envolvidos neste projeto.

Em seguida trataremos do referencial teórico, no tocante aos autores que nos deram suporte para a construção deste projeto. A ênfase está na aplicação da Lei 10.639/03, na produção de material pedagógico que irá contribuir para a aplicação da referida Lei. Também abordaremos aspectos relacionados ao racismo, preconceito e relações étnico-raciais. Sabemos que o racismo pode ser explícito e velado, sendo este último, muito sutil, quase imperceptível aos olhos do professor.

Em relação à justificativa, iremos discorrer sobre a importância deste projeto para a sociedade, em especial, a comunidade de Jaguarão. Sem dúvida, o Programa de Pós-Graduação - Mestrado Profissional em Educação está sendo um divisor de águas na Educação da região, pois proporcionará mudanças, visto que o mesmo tem por objetivo a aplicação de um projeto de ação/intervenção. Quanto ao projeto, "A voz dos esquecidos: histórias de vida de personalidades negras jaguarenses como ferramenta pedagógica", o propósito é construir material de apoio pedagógico diferenciado, observando como em uma história de vida é possível perceber a história de um lugar.

2 Contextualização do município de Jaguarão

O município de Jaguarão tem aproximadamente vinte e oito mil habitantes. Cidade que faz fronteira com a República Oriental do Uruguai, separados/unidos pelo Rio Jaguarão, ligados pela Ponte Internacional Mauá. Para contar sobre sua constituição, optamos pela leitura em Vagner Pacheco dos Santos. Então relataremos com nossas palavras o que elegemos pertinente para esta ocasião.

Era o ano de 1801 quando terminava o conflito armado entre as coroas portuguesa e espanhola, assinava-se, então, o “Tratado de Badajos”. Este tratado não fazia referência a qualquer tipo de devolução ou reivindicação por parte da Espanha sobre a área conquistada pelas forças luso-brasileiras. Isso consagraria a posse em definitivo da coroa portuguesa, de algumas áreas, dentre elas, a região de Jaguarão e das Missões (Cf. SANTOS, 2012, p. 25).

O historiador continua sua explanação dizendo, em outras palavras que, para garantir o domínio das terras, até então pertencentes à coroa Espanhola, a coroa portuguesa implantou, ao longo da linha divisória, guarnições militares permanentes para garantir a soberania luso-brasileira sobre aquela região (Idem).

Em sua pesquisa, Vagner Santos aponta que ainda em 1801, o coronel Manoel Marques de Souza 1º, comandava as Guarnições estabelecidas em certas posições dominantes na região, principalmente em locais onde o rio Jaguarão permitia sua transposição nas épocas de grande vazante. Em torno das referidas guardas, foram-se estabelecendo fazendas. No mês de fevereiro do mesmo ano, erguia-se a capela da Guarda da Lagoa de Nossa Senhora da Conceição de Jaguarão (Idem).

Mesmo depois de ajustada a paz, em virtude do armístico, o Coronel Manoel Marques de Souza 1º determinou o estabelecimento de uma guarda - Guarda da Lagoa e do Serrito - posicionada num Serrito, onde permaneciam aproximadamente duzentos militares, os quais ficaram sob o comando do Tenente Coronel Jerônimo Xavier Azambuja (Idem).

Em fevereiro de 1802, implantada a referida guarda, os militares que aqui permaneceram tornaram-se os primeiros moradores de Jaguarão, os quais, muitos acompanhados pelas chamadas vivandeiras², encarregando-se de aumentar o contingente populacional deste local. Mais tarde, começaram a aparecer os primeiros colonizadores portugueses, dando forma de povoado ao acampamento (Idem, p.26).

² Mulher que acompanha tropas em marcha e fornece alimentos, bebidas e outros gêneros.

No ano de 1812, pela Resolução Régia de 31 de janeiro, Dom João VI, nomeava de “Freguesia do Divino Espírito Santo de Jaguarão”, visto que a guarda era elevada à categoria de Freguesia (Idem).

Em 06 de julho de 1832, a Freguesia ganhava o foro de vila, denominando-se Vila do Divino Espírito Santo no Serrito de Jaguarão - o 12º município do Estado, e finalmente, em 23 de novembro de 1855, Jaguarão é elevada à categoria de cidade (Idem, p. 27).

Em Santos (2012), os negros aparecem como dados estatísticos, diferindo com os apontamentos de Franco (2001), talvez pelo ano pesquisado. O primeiro, pesquisa os dados no censo de 1873 e o segundo, no censo de 1890. Cabe aqui fazer uma tabela para comparações:

POR ETNIA	SANTOS (1873)	PERCENTUAL	FRANCO (1890)	PERCENTUAL
Branços	4.176	62,23 %	7.579	70,0 %
Pardos	1.081	16,11 %	1.172	10,82 %
Pretos	1.175	17,51 %	1.451	13,40 %
Caboclos	278	4,14 %	181	0,86 %
Índios	-		94	1,67 %
Mestiços	-		350	3,23 %
TOTAL DA POPULAÇÃO	6.710		10.827	

(Cf. SANTOS, 2012, p. 33; FRANCO, 2001, p. 33).

Chamamos atenção para o fato de o primeiro autor ter buscado o censo ainda no período escravista e o segundo, optou pelo apontamento dos dados já em período pós-escravismo. Mesmo assim, eles revelam uma porcentagem baixa de pessoas negras. Mas Franco (2001) chama a atenção para o fato de não estarem especificados os critérios que os recenseadores usaram para distinguir, pardos, caboclos e mestiços. Se olharmos esses grupos juntamente com os de etnia negra teremos os seguintes dados:

Se considerarmos pretos e pardos:

SANTOS (1873)	FRANCO (1890)
2.623	2.256
25,22 %	33,62%

Tabela elaborada pela autora.

E se considerarmos pretos, pardos, caboclos e mestiços:

SANTOS (1873)	FRANCO (1890)
2.534	3.154
37,76 %	29,13 %
6.710	10.827

Tabela elaborada pela autora.

Esses dados se mostram uma significativa diferença com relação aos apontados na primeira tabela.

Tanto Sérgio da Costa Franco (2001) como Vagner Santos (2012), destacam, em suas obras, Jaguarão como foco de ação da Revolução Farroupilha. O coronel James Bolfoni da Cunha (2012) destaca passagem da Revolução Farroupilha, mas não a associa a este município. Nos historiadores encontramos as seguintes explicações:

[...] a Revolução Farroupilha, que fez de Jaguarão um de seus focos de ação,... o fato de Bento Gonçalves da Silva ter sido o comandante do 4º Corpo de Cavalaria, sediado em Jaguarão, onde o mesmo residiu por vários anos (SANTOS, 2012, p. 28).

[...] a circunstância de ser Bento Gonçalves da Silva comandante do 4º Corpo de Cavalaria, com sede em Jaguarão, onde ele morava havia vários anos, assim como outros irmãos e parentes, concorreu para colocar a novel a Vila no centro de conspirações e de intrigas. (FRANCO, 2001, p.43)

Em Cunha (2012), há uma revelação que chama a atenção devido ao percentual significativo de escravos, segundo ele, chegando a mais de 50% da população. Tentamos colocar em tabela, mas preferimos não correr o risco, pois a maior porcentagem que encontramos foi de 47,66% de negros em 1833. Como faltam dados do autor, preferimos descartar esse número e deixar o que ele afirma,

[...] 2.531 escravos, totalizando mais de 50% da população. Havia, ainda, outros 70 negros alforros. A escravidão era mais forte, no Rio Grande do Sul do século XIX, nas regiões onde havia maior concentração de charqueadas, o que indica o papel dessa indústria nesse período da história de Jaguarão. (CUNHA, 2012, p. 97)

Para os anos de 1858 e 1868, Cunha coloca de forma clara o número da população jaguareense permitindo-nos a que façamos uma tabela como anteriormente.

ETNIA	1858	PORCENTAGEM
Branco	7.943	61,10 %
Escravos	5.056	38,89 %
TOTAL DA POPULAÇÃO	12.999	

(Tabela elaborada pela autora).

ETNIA	1868	PORCENTAGEM
Branco	2.358	
Pardos	548	
Escravos	842	
Estrangeiros	569	

(Tabela elaborada pela autora).

Nesta tabela não fizemos o percentual, devido à observação que se pode fazer, pois mais uma vez os números não permitem um total específico, então não correremos o risco de mudar esses dados.

Pelo caminho que estamos fazendo é fácil perceber o quanto a população negra foi expressiva nesta sociedade e o quanto o escravismo perdurou, como já foi colocado anteriormente.

Retomando à leitura do volume 2 da coleção *Cadernos Jaguarenses*, destacaremos o que afirmamos na pequena explanação sobre essas obras, de que os negros apareciam coisificados em notas de jornais. No Jornal Atalaia do Sul - 1868,

[...] apresenta os corriqueiros anúncios de venda de escravos, triste evidência de uma instituição que a dinastia bragantina preservou até seus últimos estertores. Mas, entre os anúncios de 1867, um nos pareceu especialmente significativo: (N'esta typographia se dirá quem quer comprar um crioulinho de 12 a 14 anos de idade.) aparece figura de pessoa negra com algo na mão e a mão direita sobre a cabeça [...] (CADERNOS JAGUARENSES, Vol. 2, p. 44)

Ressalta outro trecho do mesmo Jornal: “Vende-se um crioulo de 20 anos de idade, sadio e de bonita figura; próprio para servir no exército; quem o pretender dirija-se a Antônio Vieira da Rosa para tratar” (Idem).

O autor explica que a expressão “próprio para servir no exército”, uma prática que se tornou usual durante a guerra do Paraguai. A intenção era a subtração ao recrutamento. Com essa prática “homens livres mandavam para as fileiras do exército um substituto, na pessoa de um escravo, que por esse motivo obtinha a liberdade” (CUNHA, 2012, p. 44)

Desta vez, a nota do Jornal local Atalaia do Sul, faz referência a um negro fugitivo, dando indícios da não aceitação do regime escravagista que lhe fora imposto.

A quem apreender e entregar ao seu senhor, nesta cidade, Antônio Machado da Silva, o mulato Ambrosio, de 26 anos de idade mais ou menos, de regular altura, fornido de corpo, de rosto proporcionado e barbado. E' filho desta província, crioulo de Candiota, donde tem mãe e irmãos; lugar este por onde foi visto, e presume-se que d'ali passou para o Estado Oriental. (JORNAL ATALAIA DO SUL *apud* CUNHA, 2012, p. 46).

O autor explica que a expressão ‘próprio para servir no exército’, uma prática que se tornou usual durante a guerra do Paraguai. A intenção era a subtração ao recrutamento. Com essa prática “homens livres mandavam para as fileiras do exército um substituto, na pessoa de um escravo, que por esse motivo obtinha a liberdade” (CUNHA, p. 44).

Franco (2001) também faz menção ao elevado número de escravos que estiveram como força de trabalho no município de Jaguarão.

o elevado estoque de escravos quando se poderia imaginar que as operações de recrutamento, de um e de outro dos exercícios em conflito, houvessem devastado as senzalas e comprometido a estrutura de trabalho das fazendas, até então estritamente baseado no cativo negro. O certo é em que 17 inventários processados no Cartório de Órfãos e Ausentes de Jaguarão, examinados por amostragem no Arquivo Público do Estado, sendo 13 fazendeiros e 4 moradores urbanos, encontramos a elevada cifra de 108 escravos. Vale dizer que nem recrutamentos nem evasões proporcionadas pela desordem cívica haviam abalada a estrutura escravista do município. Levantamento estatístico de 1858, depois da extinção do tráfico africano,

ainda revelou um percentual de 39,9% de escravos no município; o censo de 1833 acusava uma percentagem de 43,3% de cativos; redução de apenas 6,4%. (FRANCO, 2001, p.52)

Na mesma obra, Costa Franco, de posse de dados do censo de 1833, tenta justificar a perda de traços culturais dos negros escravizados.

O censo não cogitou de discriminar entre os negros nascidos no Brasil e os africanos, o que, se feito, elevaria a um percentual bem mais alto o coeficiente de alienígenas na população geral. Mas o africano, por sua própria condição de escravo, aculturava-se ao grupo dominante e perdia a maior parte de seus traços culturais, não podendo rigorosamente equiparar-se aos “estrangeiros”. (Idem, p.81)

Franco (2001) faz jus ao sobrenome quando explica as condições do município de Jaguarão quando elevado à categoria de cidade.

A vila rústica crescia e foi declarada “cidade” em novembro de 1855, não por mera cortesia do governo provincial. Aquele incremento implicava, evidentemente, o aumento do número de artesãos, de artífices, de comerciantes e auxiliares do comércio, com a natural contribuição de estrangeiros, sempre importante no contexto de uma sociedade que permanecia fundada no trabalho escravo, rural e doméstico. A condição escrava excluía o indivíduo da instrução pública e inibia o processo de aprendizagem de artes e ofícios. Os cativos artesãos, que os havia, eram exceção, e não podiam ter atividade autônoma, trabalhando em geral como “escravo de ganho”, a serviço de seus senhores. [...] (FRANCO, 2001, p.84)

Como pode-se perceber, foi neste autor que encontramos dados referentes à época escravagista no município e também por ele pudemos sustentar nossos apontamentos. Também é nele que mostraremos o final desse período em Jaguarão.

Na década seguinte - a de oitenta - a transformação das relações sociais no campo já era bastante expressiva. Relativos ao período de 1884 a 1886, verificamos dez inventários de criadores, nos quais foram arrolados tão somente 14 escravos, em média 1,4 por propriedade. Como resultado da campanha abolicionista, metade desses 14 já se achavam alforreados, embora obrigados à permanência na fazenda por eufemísticos contratos de “locação de serviços” em que se estabelecia a obrigação de servir por algumas vantagens para o liberto, eis que não poderia mais ser vendido, dado em penhora ou hipotecado, como antes sucedia. Esse hábil estratagema legal, sob a forma de um contrato de locação de serviços a prazo certo, era praticado na Fronteira desde a década de sessenta, com vistas aos escravos levados a trabalhar em fazendas do Uruguai, onde já fora abolida a escravidão havia décadas. Tanto era simulado ou fraudulento esse contrato, feito para driblar as autoridades uruguaias, que libertos nessa condição chegavam a ser inventariados como propriedades, dizendo-se, no rol de bens de um inventário de 1865 (FRANCO, 2001, p.102).

O que nos diz Costa Franco é sobre o descontentamento por parte dos senhores donos de escravos nesta terra, prevalecendo-se por viver em região de fronteira para tardar a libertação de seus cativos. E reafirmamos, o negro aparece muito bem colocado por este autor, mas ainda em condição de escravo, alguém posto à marginalidade, ainda sem direito ao protagonismo.

Quem traz mais dados sobre o período da abolição e sobre alguns negros é Eduardo Alvares de Souza Soares no volume 3 da coleção *Cadernos Jaguarenses*, transcrevendo

trechos de atas sobre acontecimentos. A primeira delas refere-se à entrega de cento e setenta e sete cartas de alforria, devidas à Lei do Ventre Livre. Esse ato ocorreu na data de 28 de setembro de 1884. Destacou o autor sobre o evento

Mas o que se notou mesmo foi a falta da representação da câmara municipal, e a ausência de todos os principais funcionários do mundo oficial, só tendo acedido ao convite da SEJ³ o delegado de Polícia de Jaguarão. Que temores políticos rondariam os detentores de cargos públicos? Não sabemos em verdade a que atribuir esse retraimento, sem que, contudo o registremos, como infenso à ideia da abolição. (SOARES In: CADERNOS JAGUARENSES, 2006, p. 82)

E segue anotando atas que continuam a revelar abolicionistas neste município. Destacaremos um trecho que nos pareceu pertinente e revelador

Não resta muito a fazer, é muito menos que se supõe, porque o que está feito ninguém julga, como demonstrarei para deixar saliente que o município de Jaguarão, na parte do Herval, encontrou-se um número avultado de almas generosas que, colocando-se acima de todos os encômios, souberam hastear gloriosamente a bandeira da liberdade. (Idem, p. 83)

Soares é quem encerra essa obra, Cadernos Jaguarenses volume 2, transcrevendo trechos de atas que marcam o movimento abolicionista em contraponto aos já citados estancieiros que usavam subterfúgios para continuar com seus escravos.

Vemos os relatos sobre o negro nestas obras, mas como prática comum até há pouco nos livros didáticos, são as últimas páginas a eles reservados. É urgente a necessidade de trabalhos escritos sobre o negro neste município pelo olhar do negro, um protagonismo que oportunizará discussões no meio social e no espaço escolar. Há a necessidade de pessoas negras enxergarem-se com olhar positivo, dentre essas pessoas estão os alunos que se sentem marginalizados no meio educativo. Como destacam KRONBAUER & SIMONATO (2008),

Estamos vivendo um processo de ruptura paradigmática que recusa a racionalidade técnica e o ensino cartesiano, se configurando como uma nova concepção de mundo, de homem, de ciência. As verdades absolutas dão lugar ao reino das incertezas; o conhecimento lógico e definido cede lugar ao conhecimento provisório. Construir o conhecimento tecido nas perplexas redes contextuais de significação pressupõe assumir o processo pedagógico com objetivos e estratégias pedagógicas diferenciadas; a sala de aula passa a ser palco de discussões, de argumentações, de pesquisa. A discussão a partir da complexidade pressupõe acolher a investigação como princípio pedagógico norteador, onde professor e aluno se lançam na construção de projetos – de vida, de saberes. (KRONBAUER & SIMONATO, 2008, p. 24).

Baseando-nos também no trecho destacado acima, desenvolveremos este projeto na sala de aula e fora dela, oportunizando o ir e vir do ensino e da aprendizagem. Por este projeto exercitaremos o que os teóricos da educação idealizam como um saber significativo.

³ Sociedade Emancipadora Jaguarense.

3 A Educação

O município de Jaguarão possui 22 escolas, dentre essas, oito estão localizadas na zona rural e uma é particular. As escolas municipais estão localizadas mais à margem na zona urbana, atendendo a população que compõe os bairros. Muitos desses alunos estão matriculados em escolas estaduais, senão para garantir o ensino médio, é pelo fato dos pais terem preconceito com as escolas municipais, acreditando que as escolas estaduais ministram ensino mais qualificado.

Nota-se nos estabelecimentos de ensino municipal uma maioria de alunos negros e alunos pobres. Alguns, sabemos, frequentam a escola não por esta lhe ser atrativa, mas por fornecer a merenda, neste caso, uma boa refeição. A realidade desta população jaguareense é semelhante a qualquer região pobre do Brasil.

Também no que se refere ao racismo e preconceito, muito pouco vem sendo feito nas escolas. Os currículos ainda trazem grande carga do pensamento eurocêntrico. As crianças afrodescendentes não se sentem representadas nestes currículos, nos livros didáticos e até, no Projeto Político Pedagógico. Temos a consciência que podemos mudar esta situação, através deste projeto de ação/intervenção.

O papel da escola em “reafirmar com adequados recursos didático-pedagógicos toda essa série de estereótipos negativos sobre o negro” (PEREIRA, 1987, p. 44), deve mudar de rumo. A história do Brasil e neste caso, do município de Jaguarão, deve trazer como co-construtor ou, como já nos pronunciamos, protagonista, o negro. Pereira (1987), baseando-se em Bernd (1987), afirma que a adoção de uma literatura paradidática “ajuda a desnudar a iniquidade do sistema racial brasileiro”.

Observamos que o professorado deve dispor-se em ser socialmente mais responsável trabalhando em favor da desestigmatização da imagem do negro. Temos consciência que para isso devem incorporar aquilo que denominamos alteridade. Acreditamos que ao colocarmos no lugar do outro que teremos ideia de suas ansiedades. E esse exercício de alteridade mostrará melhor resultado se professor e alunos transpuserem as paredes das salas de aula.

Por este projeto estaremos estabelecendo uma ação afirmativa dentro da área da educação neste município. A intenção é direcionar os pensamentos para uma tomada de consciência em relação à discriminação praticada no passado. Aqui exercitaremos a finalidade destacada por Munanga e Gomes

a concretização do ideal de efetiva igualdade e a construção de uma sociedade mais democrática para as gerações futuras. Por isso, está no horizonte de qualquer ação afirmativa a remoção de barreiras interpostas aos grupos discriminados, quer sejam explícitas ou camufladas e a prevenção da ocorrência da discriminação. (MUNANGA & GOMES, 2006, pp. 186-187)

Não é de hoje que os debates no meio acadêmico e no meio político remetem ao investimento em educação para que ocorra uma mudança real na sociedade. À escola é delegada essa responsabilidade, mas parece haver resistência e despreparo dos educadores para desempenhar tarefa de magnitude tamanha. Também nesta comunidade é observado esse pensamento, essa prática, ou melhor, essa não prática.

Na condição de município fronteiro e pertencente à metade-sul do Rio Grande do Sul, Jaguarão apresenta índices de desenvolvimento humano e social, compatíveis às regiões mais pobres do país. Na Educação não é diferente. Há altos índices de evasão, reprovação, pouca permanência na escola, se comparados aos municípios do norte do estado ou da região metropolitana de Porto Alegre.

Dando legitimidade ao exposto no parágrafo anterior, buscamos dados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) para este município no ano de 2011, último registro: anos iniciais, atingiu a meta prevista, 4 %, um crescimento de 11 %, diferente dos anos finais que apresentou queda no índice, atingindo 2,5 % quando a meta estipulada era de 3,1 %.

4 Contextualização da escola onde será desenvolvido o projeto

A Escola Municipal de Educação Básica Lauro Ribeiro fica situada na zona rural, mais precisamente na Granja Bretanhas, 2º subdistrito. É a única escola municipal com educação básica e também possui um curso técnico em agropecuária, de nível médio. Atende alunos de seus arredores, da comunidade Bretanhas, da sede do município e dos municípios vizinhos, Arroio Grande e Herval – esses aceitos apenas para fazer o curso técnico e médio.

A escola possui cento e oitenta e um alunos, vinte e quatro professores incluindo a equipe diretiva e três funcionários. São negros: uma professora, cinco alunos e um funcionário. O que podemos considerar uma expressividade muito pequena, apenas 14,56% do total.

Desde 2010 há um exercício para a efetivação da lei 10.639/03 nesta escola. Em projetos desenvolvidos esporadicamente durante o ano, tendo seus ápices em sábados letivos, quando há maior facilidade de agrupar as turmas – desde o primeiro ano do ensino fundamental a último ano do ensino médio. Durante esse exercício com alunos são trabalhados textos escritos e fílmicos, históricos e/ou literários, são trabalhados contos e obras escritas completas. Há um trabalho interdisciplinar com as professoras de História, Geografia, Artes, Português e Literatura. Esses trabalhos eram dirigidos por mim, enquanto professora, negra, supervisora pedagógica, e hoje, diretora desta escola.

Há uma aceitação grande por parte dos alunos, embora a maioria sendo não negros. Os professores estimulam-se ao trabalho interdisciplinar, mas admitem ter dificuldade em elaborar as atividades, sentem-na devido à relação que devem fazer entre a forma de trabalho, o conteúdo, as disciplinas e a faixa etária dos alunos. Pois no final do projeto tudo converte para o mesmo interesse, um grande seminário de integração entre as turmas e professores. O que até hoje, só teve êxito devido à cumplicidade daqueles envolvidos nas atividades.

5 Justificativa

No que se refere à implementação da lei 10.639/03, os relatores percebem a escola como um lugar estratégico e destacam que ela deve apresentar condições materiais e professores preparados para trabalhar objetivando a construção de uma cidadania igualitária. Para tanto, esse trabalho será favorecido se a escola tiver em seu acervo subsídios que contemplem a temática do negro de forma positiva.

Foi pensando nestes subsídios que surgiu a ideia de escrever este projeto de ação/intervenção. Elaborar material de apoio pedagógico a partir de histórias de vida de cidadãos negros jaguarenses. Histórias essas que ainda não tiveram seu espaço na oficialidade escrita deste lugar e, dessa forma, como lemos em Alberti (2005), essas narrativas, mesmo centradas na trajetória dos entrevistados, informarão sobre o lugar e o contexto histórico.

O antropólogo Roberto DaMatta é feliz ao escrever que “o homem é o único animal que se constrói pela lembrança, pela recordação e pela ‘saudade’, e se ‘desconstrói’ pelo esquecimento e pelo modo ativo com que consegue deixar de lembrar (DaMATTA, 1986, p. 68). Partindo desse pressuposto, buscaremos nas histórias orais, sobretudo, de vida, um meio de conhecimento pouco explorado pelos historiadores que escreveram sobre este município. Uma forma de levar às nossas escolas proposta que deverá provocar, instigar, alunos e professores a refletirem sobre a construção e os valores em nossa sociedade.

Uma sociedade se constrói com muitas culturas, muitas verdades, muitas histórias. A sociedade brasileira, não é diferente. É, pois, composta por uma riqueza de diversidades, uma complexidade de culturas, uma mistura de raças. O Brasil é “entidade viva, cheia de autorreflexão e consciência: algo que se soma e se alarga para o futuro e para o passado, num movimento próprio que se chama história”. (DaMATTA, 1986, p.12)

A sociedade jaguarenses pode orgulhar-se da diversidade de contribuições que teve ao longo de sua formação, pois, surgida a partir de acampamento militar que guarnecia a fronteira com o Uruguai, comportou moradia de Bento Gonçalves devido à Revolução Farroupilha; teve em certa época, considerável representatividade de negros escravos em sua população; e, ainda como fronteira, atraiu para cá estrangeiros. Sendo assim, não se pode, em momento algum, negar essas representatividades culturais, principalmente a dos negros.

A historiografia oficial deste município mostra o negro como escravo, como número, coisificado nos anúncios de jornais, uma peça que se alugava, se vendia, e se oferecia recompensa a quem o capturasse enquanto fugitivo. Este projeto, a ser desenvolvido no município de Jaguarão, deverá firmar-se como primeiro passo de atividade valorativa do

negro na história de Jaguarão, conseqüentemente, política afirmativa à população afrodescendente.

Jaguarão, como restante do país, viveu a pretensa "democracia racial", idealizada por Gilberto Freyre. Como sabemos, esta ideologia serviu para encobrir, camuflar o racismo em nossa sociedade. Essa "democracia racial", ainda um mito, segundo Cavalleiro (2011), "representa uma falácia que serve para encobrir as práticas racistas existentes no território nacional e isentar o grupo branco de uma reflexão sobre si mesmo". Ressalta DaMatta

É claro que podemos ter uma democracia racial no Brasil. Mas ela, conforme sabemos, terá que estar fundada primeiro numa positividade jurídica que assegure a todos os brasileiros: o direito básico de toda igualdade perante a lei! Enquanto isso não for descoberto, ficaremos sempre usando a nossa mulataria e os nossos mestiços como modo de falar de um social marcado pela desigualdade, como se tudo pudesse ser transcrito no plano do biológico e do racial. (DaMATTÁ, 1986, p.47).

Uma vez que pertencemos a uma sociedade firmada na complexidade, que vive sob muitas convenções, convenções essas ditadas por uma minoria, percebemos que a caminhada é muito longa até que cheguemos à prática da verdadeira democracia racial. Até que o mito deixe de ser mito muito dessas convenções precisam que mudar. Para isso, a minoria elitista, detentora das regras que regem a sociedade, tem que dar novos focos a seus olhares, possibilitando enxergar o real, o concreto, o imediato, favorecendo àqueles até então marginalizados e que saiam do periférico e passem a fazer parte do central.

6 A Lei 10.639.03 em Jaguarão

Percebemos ainda longe a efetivação do ensino baseado na lei 10.639/30, que obriga ao ensino de história da África e dos africanos e o ensino da cultura afro-brasileira. Dessa forma, as escolas contribuem para que seus alunos abandonem-nas mais cedo, pois mesmo que não saibam expressar o porquê do desinteresse, entre eles está o descaso em ensinar a história de seus antepassados e a valorização de sua cultura, da realidade em que este aluno encontra-se inserido.

Em muitas situações, a escola mata identidades quando não trata corretamente a história de determinado segmento, como no caso, a história dos afrodescendentes. A criança afrodescendente não se sente representada e tende a negar sua identidade, assumindo outra identidade. Neste caso, os professores têm responsabilidade pelo fracasso, pois não contribuíram para o fortalecimento da identidade dessas crianças. A Lei 10.639/03 veio justamente para corrigir um erro histórico que é a negação da contribuição do africano e do trabalhador escravizado na formação da nação.

A historiografia de Jaguarão está impregnada do olhar do homem branco, de origem europeia e que faz parte da elite, uma minoria que como em qualquer sociedade, dita o que é válido e o que não é. Esta historiografia privilegia essa minoria, dando a entender que pobres e negros não fizeram parte de sua constituição.

7 Objetivos

7.1 Objetivo geral

Elaborar material de apoio pedagógico a partir da história de vida de cidadãos negros jaguarenses que construíram este lugar e permanecem invisíveis para a história oficial.

7.2 Objetivos específicos

Identificar, na sociedade jaguarense, pessoas de etnia afro que de alguma forma contribuíram ou contribuem para a história do município;

Elaborar material de apoio pedagógico para as escolas deste município;

Promover reflexão acerca da efetivação da Lei 10.639/03 na escola;

8 Metodologia

O referido projeto pretende registrar biografias de pessoas negras que de alguma forma contribuíram para o desenvolvimento do município de Jaguarão.

A escolha do método história de vida deve-se ao fato de estarmos engajados no desafio brasileiro em construir uma democracia substantiva neste fim de milênio e a nova história que surge dá vez e voz à massa. Isso não possibilita que saiam concretamente do lugar que ocupam na sociedade, mas permite que esses indivíduos se mostrem e ao mostrarem-se fazem-se parte do todo, legitimando pela palavra escrita a contribuição que deram e dão enquanto seres sociais. As identidades que buscaremos durante a efetivação deste projeto contarão Jaguarão sob um olhar ainda desconhecido, mudando, assim, sua historiografia. Isso possibilitará a saída desses indivíduos do ostracismo que acreditam ser o seu lugar.

Quando recairmos em pessoas que já foram a óbito, as informações serão buscadas com os familiares e documentos comprobatórios de sua existência. Esses relatos serão gravados em áudio e/ou filmados com a ajuda dos alunos do 3ª série do Ensino Médio e professores da escola Municipal de Educação Básica Lauro Ribeiro, que durante o processo de investigação e registro dos relatos, estarão sendo incentivados à pesquisa e à valorização de outras culturas, percebendo-se como parte importante no processo educativo, assim como indivíduos capazes de produzir conhecimento. Argumenta Roza,

Estamos vivendo um processo de ruptura paradigmática que recusa a racionalidade técnica e o ensino cartesiano, se configurando como uma nova concepção de mundo, de homem, de ciência. [...] Construir o conhecimento tecido nas perplexas redes contextuais de significação pressupõe assumir o processo pedagógico com objetivos e estratégias pedagógicas diferenciadas; a sala de aula passa a ser palco de discussões, de argumentações, de pesquisa. A discussão a partir da complexidade pressupõe acolher a investigação como princípio pedagógico norteador, onde professor e aluno se lançam na construção de projetos – de vida, de saberes (ROZA. In: KRONBAUER e SIMIINATO, 2008, p. 24)

9 História oral e história de vida

No artigo, "O oral e a fotografia na pesquisa qualitativa", de Valeska Fortes de Oliveira, Vânia Fortes de Oliveira e Laura Elise de Oliveira Fabrício, mais uma vez é dado destaque para a história oral como forma de manter vivos os costumes e história. Ressaltam

nas comunidades em que a escrita se faz ausente, o relato oral tem importância capital, visto que este é o modo como todos os costumes e história permanecem vivos, através do relato dos mais velhos aos mais novos. Até mesmo nas comunidades em que hoje a escrita se faz presente, existiu um período, anterior a este, em que a história oral era o instrumento que possibilitava a perpetuação da cultura local (ABRAHÃO, 2004, p. 171).

Sabe-se que o trabalho com história oral, se bem estruturado, rende bons frutos. Para realizarmos nosso projeto optamos pelo gênero histórias de vida, pois a intenção, como já foi dito, é buscar em algumas personagens negras pertencentes à comunidade jaguarense - pessoas com mais de sessenta anos de idade e/ou já falecidas - o desvelamento para si mesmas, para esta comunidade, bem como para os demais que virão. Essas pessoas serão protagonistas que versarão por ângulos diferentes uma história até hoje contada por historiadores que buscaram suas fontes já na palavra escrita sob o olhar do homem branco, sem a preocupação de buscar testemunhas fora do papel.

A história oral, para Meihy e Holanda é uma “forma de pensar a sociedade contemporânea” (2010, p. 13). Ao discorrem sobre o método da história oral eles o colocam como algo que “de forma instruída é capaz de motivar, mais que sua justificção, mudanças nas formas de ver o mundo e nela o papel de seus agentes” (2010, p. 13). E destacam,

por se considerar moderna e coerente com os avanços do mundo eletrônico e com as linhas da globalização, àqueles que optam pela história oral como algo mais do que simples entrevistas é dado pensar a estruturação de procedimentos capazes de dignificá-la além do possível valor informativo que possa conter. (MEIHY e HOLANDA, 2010, p.13)

Para esses autores a história oral é sempre social “sobretudo porque o indivíduo só se explica na vida comunitária. Daí a necessidade de definição dos ajustes identitários culturais. (Idem, p. 28)

Verena Alberti, em seu manual de história oral, aponta sobre a finalidade desta, um meio de conhecimento. Para esta pesquisadora, o emprego do método história oral “só se justifica no contexto de uma investigação científica, o que pressupõe sua articulação como um projeto de pesquisa previamente definido” (ALBERTI, 2005, p. 29). Chama a atenção também para o fato de que trabalhar com esse método implica em trabalhar aspectos qualitativos mais do que com aspectos quantitativos. A isso ela denomina “unidades

qualitativas” (idem, p. 32). O que significa que escolher integrantes de uma determinada categoria de pessoas requer um conhecimento prévio do objeto de estudo.

Outra pesquisadora que compactua com os já relacionados é Maria Helena Abrahão. Como organizadora da obra “A aventura (auto) biográfica: Teoria e empiria”, ela seleciona artigos que versam sobre a importância desse tipo de método. Defensora do método biográfico de história oral ela empresta do sociólogo Michael Pollak sua justificativa, “uma nova forma de investigação que possibilita dar voz aos sujeitos que, apesar de fazerem a história, são apenas contados e não possuem o direito de contá-la (POLLAK, 1989, *apud* ABRAHÃO, 2004, p. 170). E reafirma

Assim, entendemos que este é um método que centra-se no sujeito. Neste sentido, a escolha da história oral mostra-se contrária ao que sociólogos designam como a história-batalha, ou seja, a história permeada por datas cronológicas, nomes e fatos, características das narrativas da história clássica, na qual os sujeitos-agentes pertenciam à classe dominante (ABRAHÃO, 2004, p. 170).

Estes pesquisadores têm o mesmo olhar sobre o método que elegemos para trabalhar, o método de história oral, onde optamos por histórias de vida. E nos resta concordar com eles, pois ao pensarmos este projeto já predefinimos que trabalharíamos com pessoas negras, pertencente a este município. Pessoas estas com determinada vivência - idosos – ou que tenham falecido e deixado uma contribuição para esta sociedade. Como afirmamos anteriormente, sabemos que essa pesquisa qualitativa, além de revelar pessoas importantes para a construção desta comunidade, revelará também uma história ainda desconhecida sobre este lugar. Esses sujeitos preenchem, sem dúvida, os requisitos necessários para o sucesso deste trabalho. Destaca Alberti, que “se a pesquisa versar sobre determinada categoria profissional ou social, seu desempenho, sua estrutura ou suas transformações na história, torna-se igualmente aconselhada a opção por entrevistas de história de vida (2005, p. 38) e encerra Abrahão, “A abordagem da história de vida é apropriada para a compreensão da cultura pelo ‘lado de dentro’. Trata-se de um procedimento que permite a aproximação entre a teorização e os fatos empíricos” (ABRAHÃO, 2004, p. 171).

Para fazermos o caminho do método história oral, destacaremos trechos da obra de Maria Helena Abrahão. Iniciaremos tomando emprestado a definição que a autora faz de história oral a partir de Paul Thompson, “a mais nova e a mais antiga forma de fazer história”.
Escreve a pesquisadora

Sabe-se que, através dos séculos, a história dos povos foi transmitida pela tradição oral, mas o caráter renovador se deve, justamente, ao trabalho sistemático de

recuperação da memória e à possibilidade de permanente utilização da fonte oral, em instituições encarregadas de preservar documentos, como é o caso dos arquivos de som. (ABRAHÃO, 2004, p. 610).

Esta autora coloca em seus estudos as resistências que esse tipo de pesquisa sofre. As críticas recaem sobre a “confiabilidade da memória e da palavra, como se as fontes escritas delas não dependessem” (Idem, p.62). E continua buscando em Fraser (1993), sua afirmação, “na verdade, a oralidade se materializa em documentos que são atraentes para historiadores que verbalizam desconfiança com as fontes orais” (FRASER, 1993, pp.131-134 *apud* ABRAHÃO, pp. 62-63).

Oficializada em Bucareste no ano de 1980, a história oral desperta maior interesse entre os historiadores, “sobretudo porque permitia dar respostas aos problemas derivados da ausência de fontes escritas. Constitui, sobretudo, uma possibilidade de recuperar o testemunho de sujeitos que viveram ou protagonizaram um fato histórico” (Idem, p. 63). Sobre o trecho destacado entre aspas está também debruçada a justificar em realizarmos esse projeto.

Meihy e Holanda concordam que

A necessidade de se ativar ou materializar o que existe em estado oral retido na memória, ou mesmo o que foi abafado por processos de cerceamento, quase sempre acontece por desafios da própria comunidade, que não quer deixar morrer determinadas experiências e que, para isso, / produz situações nas quais, no tempo presente, reinventam o passado não resolvido. Nesse sentido, a história oral se mostra fator significativo, meio de manter a experiência passada em estado de “presentificação”. Mas deve-se lembrar sempre que não é apenas quando não existem documentos necessários que a história oral acontece. Ela é vital também para produzir outras versões promovidas à luz de documentos cartoriais consagrados e oficiais. (MEIHY; HOLANDA, 2010, pp. 25-26)

Mosquera e Stobäus, em seu artigo "Narrativas de vida: fundamentos de uma dimensão metodológica" dizem ser a narrativa uma dimensão existente em todos os povos, uma capacidade universal, mas classificam-na de desafiadora e polêmica, enquanto testemunho de vida. Para eles

essas ideias nos desafiam a entender que as narrativas, além de possuírem um sentido em si, servem como moldura a uma compreensão mais ampla de uma época, problemática ou sentido valorativo. O problema está em tentar, por um momento, aperceber-se invisionadamente e, como tal, penetrar esse registro histórico. (in ABRAHÃO, 2004, p. 84)

Alberti (2005), assim como os outros autores citados anteriormente, concorda com a importância das histórias de vida, pois, para ela, esse tipo de narrativa oral “tem como centro de interesse o próprio indivíduo na história, incluindo sua trajetória desde a infância até o momento em que fala, passando pelos diversos acontecimentos e conjunturas que presenciou, vivenciou ou de que se inteirou” (idem, p. 38).

No artigo, "Foucault e a história de vida: aproximações e que tais...", Beatriz T. Daudt Fischer faz o caminho mostrando como a história de vida se constitui enquanto metodologia. No Brasil, segundo autora, os trabalhos datam desde os anos 50. Entretanto, destaca que, “de um modo geral, a opção por esta metodologia tomou maior força no mundo inteiro a partir dos movimentos de resistência de intelectuais pesquisadores, que viam nessa abordagem a alternativa dar voz aos excluídos” (FISCHER, *in*: ABRAHÃO, 2004, p.152).

A história de vida como a concebemos, ressalta Fischer,

vai além do enfoque pessoal da história. Ao focalizar o indivíduo é possível dimensioná-lo no contexto mais amplo. Para isso é necessário evitar o sentido romântico...[...] percebemos esta abordagem como uma das mais eficazes justamente por permitir que se venha a compreender, a partir da diversidade, as múltiplas especificidades que constituem a complexidade humana (Idem. p. 153).

Então, encerrando a análise em Foucault, Beatriz Fischer destaca três aspectos que considera fundamentais naquele autor, o “fato de que todo conhecimento será sempre parcial, de que a realidade é uma construção e de que a identidade é sempre um estado em processo” (Idem, p. 153).

Elegemos Meihy e Holanda (2010, p. 36) para destacar a trajetória de afirmação da história oral de vida.

A semente das histórias de vida repousa distante, mas certamente há um começo que pode ser assinalado pelas *Confissões* de Santo Agostinho (354-430) que interna em si o Deus do cristianismo e com ele estabelece um diálogo íntimo, apaixonado, e revelador de dúvidas e convicções. Tudo baseado em uma trajetória que é histórico/pessoal. O Texto de Santo Agostinho projetou-se na literatura sobre o eu como um modelo que, sem dúvida decorreu das percepções socráticas que prezavam o *cuidar de si*, que, por sua vez, se manifestaria por meio da interiorização reflexiva dos próprios atos. Séculos se passaram entre Agostinho e Pedro Abelardo (1079 – 1142), que escreveu um texto de encontro pessoal intitulado *A história de minhas calamidades* ou, em latim *Historia Calamitatum*, que também exerceu enorme impacto na época. Mais séculos transcorreram até que outra fundamental obra se firmasse no céu dos que consideravam fundamental o “*eu narrador*”, dessa feita a de Jean-Jacques Rousseau, no século XVIII, em suas *Confissões*. O livro de Rousseau é de todas as obras germinais o mais prestigiado, e sua reputação como sêmen da moderna biografia é incontestável, mas é importante lembrar que muito antes, uma mulher, Christine de Pisan, nos idos de 1365, abria caminho para revelações pessoais da vida feminina. Esse registro é importante porque desloca o olhar masculino e masculinizante que marcou o surgimento do gênero.

Ainda falando em história oral de vida Meihy e Holanda (2010) destacam que para essa história a questão subjetiva se mostra essencial. Esses autores vão buscar em Frank Kermode a afirmação de que “é inviável às narrações de histórias de vida o conceito ‘verdade honesta’”, ainda segundo eles, Willian Labov vai mais além, determinando as narrativas orais como “nada mais do que uma grande mentira”. “Assim situa-se as disputas

entre a História e a história oral” (idem, p. 34). Contextualizando, Meihy e Holanda (2010) trazem o seguinte destaque

No caso da história oral de vida, o que a distingue é exatamente a independência dos suportes probatórios. As incertezas, descartabilidade da referência exata, garantem às narrativas decorrentes da memória um corpo original e diverso dos documentos convencionais úteis à História. Em particular, a história oral de vida se espalha nas construções narrativas que apenas se inspiram em fatos, mas vão além, admitindo fantasias, delírios, silêncios, omissões e distorções. (MEIHY e HOLANDA, 2010, p. 34)

Ora, esses autores mostraram-se contrários à valorização da história de vida, confrontando com estudiosos mais atuais quando estes revelam a importância do ser humano como um ser atuante, construtor de sua história e conseqüentemente, da história da sociedade da qual faz parte, uma vez que este depende das relações para construir-se como indivíduo.

Foi no “alvorecer do século XX”, na escola de Sociologia de Chicago que a prática acadêmica incorporou as histórias de vida como documento de responsabilidade acadêmica. “Nessa linha de atuação emergem os trabalhos cintilantes de Oscar Lewis, que se compõem com outros como Maurício Catani, Daniel Bertaux e Lucien Stève. Estava aberto o caminho para se pensar o que viria a ser depois a história oral de vida” (MEIHY e HOLANDA, 2010, p.37)

Dão continuidade à sua pesquisa revelando que

A captação acadêmica das histórias de vida serve como pesquisas sobre o funcionamento das sociedades (Peneff) e, segundo outros, como funções terapêuticas (Legrand). Por uma ou outra via, contudo, tem-se um leque de aceitação enorme, que tanto permite aos leitores como aos estudiosos da área de humanidades e mesmo ciências se aproximarem das histórias de vida. Nessa direção, o acréscimo de “oral” às histórias de vida é um ganho permitido pela junção da aparelhagem eletrônica com os procedimentos que se enfeixam nos critérios da investigação em história oral. (Idem, p. 38)

10 Observações sobre o método história oral a ser utilizado no projeto

Percebemos o povo negro como exemplo de resistência, pois mesmo “castrados de seus direitos” e sendo-lhes impostas uma série de barreiras, resistiram e de forma camuflada promoveram a continuidade de suas histórias e suas culturas, bem como o ensinamento de suas visões de mundo.

Eliane Cavalleiro reconhece na história oral uma das marcas da cultura negra. Afirma que desde os tempos remotos da humanidade a “contação de estórias constitui um poderoso meio de transmissão de conhecimento” e que “nas culturas tradicionais, as estórias informam e formam as futuras gerações” (2010, p. 8). É por isso e pelo status que ganha a história oral na sociedade de hoje que possibilitaremos às pessoas negras jaguarenses a oportunidade de contarem suas histórias, uma vez que permitirá o testemunho de quem está do lado de dentro de um contexto, que vivenciou e vivencia experiências as mais diversas ainda não tomadas como importantes.

Nosso método terá a centralidade nas histórias de vida de pessoas negras em Jaguarão sem uma preocupação maior em contextualizá-las com a historiografia oficial do município. Essa preocupação deverá dar-se quando no contexto de sala de aula. Esse documento produzido ao final deste projeto deverá ser o início de acervo pautado no que denominamos “ações afirmativas” em relação ao povo negro. A perspectiva de mudança, sabemos, é de longo prazo, pois as mudanças não acontecem tão repentinamente e essa temática, infelizmente, ainda evoca à resistência.

Com clara consciência de nossos objetivos, contemplaremos nas entrevistas as histórias de vida dos entrevistados, sua trajetória e o lugar de onde eles falam. Ao ser desenvolvido em conjunto com alunos e professores, o intuito é que haja plena participação dos colaboradores, evocando que cada um considere seus interesses, internalizando seu papel – o de investigador, de interlocutor, de produtor de conhecimento.

11 Referencial teórico

11.1 A sociedade brasileira

O antropólogo Roberto DaMatta, na obra *O que faz o brasil, Brasil?*, escreve que o “Brasil com B maiúsculo” “é casa, pedaço de chão calçado com o calor de nossos corpos. Lar, memória e consciência de um lugar com o qual se tem ligação especial, único, totalmente sagrado” (1986, p. 11), um lugar onde “ pessoas seguem certos valores e julgam as ações humanas dentro de um padrão somente seu” (1986, p. 12).

Vemos nessa passagem de DaMatta, espaço para iniciar as reflexões sobre iniciativas a serem tomadas, como este projeto de intervenção, para que outros personagens colaboradores para a história deste município deixem de ser ocultos, revelando-se e às suas histórias, por outros ângulos, outras questões, que proporcionarão espaços de reflexões nas escolas e em âmbito maior, na sociedade. Isso implica direto na questão da identidade, o “saber quem somos e como somos; de saber por que somos”, (1986, p. 15), como lembra o sociólogo, temos a capacidade de “justificar e singularizar”. Assim criamos nossa identidade social, o que é muito importante, e nos associamos intensamente a uma série de atributos especiais e com eles e através deles formamos uma história: a nossa história. Segundo DaMatta, essa “construção de uma identidade social, então, como a construção de uma sociedade , “é feita de afirmativas e negativas diante de certas questões”, (idem, p.17). Somos únicos e essa unicidade acaba por formar um todo, a sociedade.

No Brasil, o preconceito racial, afirma DaMatta, é reforçado e enraizado pelo sociólogo Gobineau⁴, o verdadeiro genitor desse valor tão caro: “escrevia revoltado a seus amigos franceses, o quanto nossa sociedade permitia a mistura insana de raças” (GOBINEAU, *apud* DAMATTA, 1986, p.39), assim, prevendo que “o Brasil levaria menos de 200 anos para acabar como povo!” (ibidem, p. 39). DaMatta completa sua fala dizendo que na sociedade brasileira não há igualdade de oportunidade entre as pessoas e que o preconceito velado é uma forma muito mais eficiente de discriminar pessoas de cor.

Sabemos que nas sociedades modernas, a discriminação em função da cor da pele continua, mesmo sendo proibida por lei. Confirmamos pelo estudo do antropólogo DaMatta, quando em outras palavras ele coloca que na sociedade brasileira não há igualdade de oportunidade entre as pessoas e o preconceito velado é uma forma muito mais eficiente de discriminar pessoas de cor.

⁴ Joseph Arthur de Gobineau foi um diplomata, escritor e filósofo francês. Foi um dos mais importantes teóricos do racismo no século XIX.

Mesmo que não se acredite, hoje, em hierarquias sociais baseadas nas raças, ela existe e é simbolizada pela cor da pele. Neste sentido “se pode afirmar que o racismo é uma ideologia, ou um discurso que justifica processos de discriminação social” (BOWSER, 1995b; van DIJK, 1997 *apud* CAMINO *et al.*, p.17.). O negro não teria vez na sociedade brasileira não por ser negro, mas por ser pobre. (SILVA, 1995, *apud* CAMINO *et al.*, p. 22), comunga da ideia de DaMatta, ao destacar que “racismo à brasileira é zelosamente guardado, porque é sutil, engenhoso; a bem dizer, mascarado”. Concordamos que este racismo à brasileira é eficiente em sua função de discriminar as pessoas negras e também reconhecemos que por toda essa engenhosidade com que ele se camufla, é difícil de erradicar. Para Cavalleiro, o racismo no Brasil, erroneamente denominado “cordial”

acarreta grandes prejuízos para aqueles que lutam diariamente contra um inimigo “invisível”, que não aparece em hora, situação ou lugar determinados. Sua ação, porém, é cruel para aqueles que, sob uma pele negra, buscam a sobrevivência física e emocional próprias e de seus familiares. Em consequência desse racismo, o negro tem sido impedido de construir uma cidadania plena, encontrando-se desprotegido diante de situações de violência. (CAVALLEIRO, 2011, p. 30)

Segundo Munanga e Gomes, os negros trouxeram em suas bagagens e memórias coletivas elementos representativos de suas culturas. Por isso, vêem o Brasil, como país e como povo, que oferece o melhor exemplo de encontro de culturas e civilizações. “Cada um desses componentes étnicos ou culturais trouxe sua contribuição para a formação do povo e da história dos brasileiros; na construção da cultura e de nossa identidade”. (MUNANGA e GOMES, 2006, p. 17)

Estes autores abordam sobre o equívoco histórico, a crença na passividade do africano escravizado no Brasil, na sua indolência, preguiça e seu conformismo diante da escravidão. Para eles, essa crença interferiu e interfere, ainda hoje, no imaginário construído em nossa sociedade a respeito dos nossos antepassados africanos e dos seus descendentes na atualidade. Esse tipo de crença ainda influencia na visão que temos sobre as pessoas negras e no modo como nos relacionamos com elas, assim como intervém na construção da autoestima e da identidade tanto das pessoas negras como das brancas, afirmam.

A mudança de situação dos negros de escravos para libertos, não foi aceita imediatamente pela sociedade brasileira. E um agravante, essa mudança de condição por força da lei não lhes garantia os mesmos direitos de fato nem as mesmas oportunidades dadas aos brancos em nosso país, sobretudo as camadas mais ricas da população. “Os negros, após o período da abolição implementaram um longo e árduo processo de construção de igualdade e de acesso aos diversos setores sociais” (MUNANGA e GOMES, 2006, p. 107). Ainda hoje, essa luta continua, porém com outros contornos, pois o Brasil construiu um processo

complexo de desigualdade. Essa movimentação, essa reação e essa resistência do negro brasileiro fazem parte da sua história e constituem momentos importantes da história do Brasil.

11.2 As vítimas da discriminação

Estudos apontam que o desenvolvimento da autoestima se dá nos primeiros anos de vida, por meio do modo com que a criança é tratada pela família e também nas relações sociais, conseqüentemente, se exposta a situações vexatórias, a criança desenvolve sentimento de desvalorização, rejeição da própria imagem, inibição e dificuldade de confiar em si mesma.

Eliane dos Santos Cavalleiro, em um de seus estudos identificou que crianças negras, na faixa etária de quatro a seis anos já apresentam uma identidade negativa em relação ao grupo étnico ao qual pertencem. Em contrapartida crianças brancas desempenham muito bem seu papel, apreendido no meio em que convivem, o papel da pretensa superioridade branca, assumindo protagonismo em situações preconceituosas e discriminatórias. Dessa forma, essas crianças negras aprendem a conviver com a dor da discriminação desde cedo. E enquanto criança, cada uma interiorizará aquilo que lhe é exposto, experimentado. Idiosincrasias na maioria das vezes, cancerosas para as crianças negras. A professora e doutora Jaqueline de Jesus, acredita que

a ideia de lugares adequados e inadequados para negros, por exemplo, pode ser o primeiro impacto para crianças que testemunham a segregação ainda existente hoje. O racismo fica explícito quando se observa que a população pobre é majoritariamente negra, que as seleções de emprego preferem as pessoas brancas, quando a maioria da população carcerária é negra, quando leis contra o racismo simplesmente não são aplicadas. (JESUS, *In*: Revista Fórum, 2013)

Pereira (1987), chama a atenção para o fato de que a construção da identidade está diretamente ligada ao processo de socialização. Afirma que “uma das funções da socialização é a da construção da pessoa humana dentro dos parâmetros de seu lócus espacial, temporal e sociocultural”. Então essas pessoas ficam sujeitas aos valores cultivados dentro desses espaços e culturas. O negro, a exemplo do que ocorre com todos os brasileiros, “está submetido a esse complexo mecanismo construtor, definidor e manipulador de identidades”, ressalta.

A criança, novo membro da sociedade, interioriza um mundo já posto, que lhe é apresentado, com uma configuração já definida. Interagindo com outros, ela aprenderá atitudes, opiniões, valores a respeito da sociedade ampla e, mais especificamente, do espaço de inserção de seu grupo social. Enquanto negra, essa criança é exposta a muitas situações negativas e as interioriza, levando pra sua vida adulta todas as amarras que lhes são impostas,

o que fere substancialmente sua autoestima além de lhe privar de muitos de seus direitos. Segundo Gomes,

ao final do processo de socialização a criança não só domina o mundo social circundante, como já incorporou os papéis sociais básicos – seus e de outros, presentes e futuros – mas, acima de tudo, já adquiriu as características fundamentais mentais de sua personalidade e identidade. (GOMES, 1990, *apud* CAVALLEIRO, 2011)

Em uma sociedade como a nossa, ainda com uma visão negativamente preconceituosa, historicamente construída a respeito do negro contrapondo com a identificação positiva do branco, a identidade estruturada durante o processo de socialização terá como base uma precariedade de modelos satisfatórios e uma abundância de estereótipos negativos sobre negros, observa Cavaleiro (2011).

Percebemos uma continuidade árdua na busca pela igualdade entre os homens, pois esta acaba defrontando-se com a afirmação da existência de uma hierarquia racial entre os homens, o chamado racismo científico, que está introjetado nos valores de nossa sociedade. Nesse sentido o racismo apresenta-se como uma ideologia que permite o domínio sobre um grupo, atribuindo a inferioridade a uma raça e está baseado em relações de poder, legitimado pela cultura dominante (MUNANGA, 1996). Para Gofman,

Os estereótipos, por sua vez, dão origem ao estigma que, imputado ao indivíduo negro, dificulta sua aceitação no cotidiano da vida social, impondo-lhe a característica de desacreditado. Essa “marca” na relação social faz recair sobre o negro um olhar preconcebido, impedindo ao observador perceber a totalidade de seus atributos. (GOFFMAN, 1963, *apud* CAVALLEIRO, 2011, P.27)

Pelo racismo e o preconceito não apoiarem-se em fatos concretos, por serem eles proibidos por lei, pelos direitos assegurados em lei para a cidadania brasileira, e mais, por transitarem em caminhos que possibilitam um disfarce, diz-se que no Brasil eles estão extintos. Com isso, prefere-se silenciar sobre a temática nas diversas instituições sociais, favorecendo que “se entenda a diferença como desigualdade e os negros, como sinônimo de desigual e inferior”. Esse silenciamento faz emergir o que denominamos “mito da democracia racial” e é em nome desse mito que fechamos os olhos a essas questões que atingem a massa de pessoas pobres e mais ainda se essas pessoas forem negras.

11.3 Relações étnicas no Brasil

As relações étnicas no Brasil, como constataam os estudiosos dessa questão, são complexas. Elas sustentam um racismo e um preconceito que se praticam sem discurso, em silêncio, para que não se desencadeie um processo de conscientização. “O silêncio, o

implícito, a sutileza, o velado, o paternalismo são alguns aspectos dessa ideologia”. (MUNANGA, *apud* CAVALLEIRO, p. 27)

É sabido que o Brasil é o segundo país não africano com a maior população negra do mundo e o segundo maior se considerarmos todo o globo terrestre (Cf. RIBEIRO, 1996, *apud* CAVALLEIRO, 2011). Mesmo com essa constatação, a maioria desses indivíduos permanece ocupando a base da pirâmide social, sobrevivendo nas condições mais adversas, com poucas chances de realizar seus projetos de ascensão social, escolarização, moradia, trabalho etc. (CAVALLEIRO, 2011, p. 27)

Para discutir essa temática, Cavalleiro destaca em (SANTOS, 1996, p.14), o seguinte trecho:

Os relatórios feitos por organismos internacionais deixam a nu dois brasis: um moderno, rico e desenvolvido e outro, pobre e anacrônico, O que chama a atenção, nesses dois países contidos em um só, são os estoques raciais alojados em cada um deles. No primeiro Brasil, país que mais cresceu, neste século, tem-se um povo marcadamente branco e amarelo. No segundo Brasil, a esmagadora maioria é preta e parda (SANTOS, 1996, p. 14, *apud* CAVALLEIRO, p. 28).

Para a autora, essa realidade deve-se desde 1888, quando os escravos foram libertos, uma igualdade perante a lei que dava início a uma nova sociedade. Depois da Abolição, a nação fornece a chave para o entendimento das relações raciais no Brasil republicano, o que, ao invés de solucionar o problema da desigualdade desses ex-escravizados, “resultou em um branqueamento com uma integração simbólica dos brasileiros não brancos através da ideia da democracia racial” (HASENBALG, 1990, p. 2, *apud* CAVALLEIRO, p. 28)

Constata-se que a lei abolicionista não possibilitou a cidadania para a massa de ex-escravos e de seus descendentes, ela serviu como alavanca para a segregação social e econômica, transformando essas gentes em “despossuídos, com necessidades materiais imediatas para a sua sobrevivência e a de seus familiares” (CAVALLEIRO, 2011, p. 28). Eles passaram a disputar todas as formas de sobrevivência, incluindo técnicas de seleção profissional, cultural, política e étnica, colocados à margem, oprimidos, explorados e subalternizados.

Eliane Cavalleiro busca em Clóvis Moura, trechos que reafirmam sua escrita,

o racismo brasileiro [...] nas suas estratégias e nas suas táticas age sem demonstrar a sua rigidez, não aparece à luz, é ambíguo, meloso, pegajoso, mas altamente eficiente nos seus objetivos. [...] não podemos ter democracia racial em um país onde não se tem plena e completa democracia racial, política, econômica, social e cultural. Um país que tem na sua estrutura social vestígios do sistema escravista, [...], um país no qual a concentração de rendas exclui total ou parcialmente 80% da sua população da possibilidade de usufruir um padrão de vida decente; que tem trinta milhões de menores abandonados, carentes ou criminalizados não pode ser uma democracia racial. (MOURA, 1994, p.160, *apud* CAVALLEIRO, 2011, p. 29).

Em Abdias Nascimento, Eliane Cavaleiro vai buscar um conceito de “democracia racial”. Segundo ele, essa democracia constitui um instrumento da hegemonia branca brasileira que mascara um processo genocida, constituindo uma fachada despistadora que oculta e disfarça a realidade de um racismo tão violento e destrutivo quanto aquele dos Estados Unidos ou da África do Sul (NASCIMENTO, 1993, p. 28, *apud* CAVALLEIRO, 2011, p. 29).

Essa ideologia, apropriada pelos cidadãos, produz um certo “alívio”, eximindo-os de suas responsabilidades pelos problemas sociais vividos pelos negros. E culpa os próprios negros de estarem em situação precária, “pois, supostamente, lhes faltam vontade e esforço próprios para alterar sua condição de vida”. Aponta a autora que a justificativa para a exploração econômica a que os negros estão submetidos é devido à forma de pensar sobre eles. Isso acarreta-lhes outras perdas nos campos social e no econômico: condições precárias de moradia, acesso restrito aos serviços de saúde e educação e alto índice de desemprego (CAVALLEIRO, 2011, p. 29). E acrescenta

Outra face perversa dessa ideologia configura-se na sua apropriação pelos próprios indivíduos negros que, em situação social. Apreendem a visão que a sociedade construiu sobre eles, levando-os a reproduzir preconceitos e atitudes discriminatórias dirigidas ao seu próprio grupo étnico, o que, também, tendencialmente, lhes causa a própria autonegação (HASENBALG, 1990, p. 2, *apud* CAVALLEIRO, p. 30)

O sociólogo Florestan Fernandes diz que os brasileiros têm ”preconceito de ter preconceito”, no sentido de que existe um esforço maior em negar o preconceito no país do que, efetivamente, em buscar soluções para combatê-lo. Essa ideia é defendida por Jaqueline de Jesus, professora e doutora em Psicologia Social, pela Universidade de Brasília, pois ela assinala que o primeiro passo para mudar esse quadro é acabar com a falsa concepção de que aqui existe uma “democracia racial”, o que seria responsável por mascarar uma série de desigualdades . A escola, já apontada por alguns estudiosos como difusora de pensamentos e lugar de multiculturas, é, portanto, local propício para exercitar uma educação igualitária, sem privilegiar uma ou outra etnia, uma ou outra cultura, minimizando as desigualdades exercitando a prática democracia racial no seu verdadeiro sentido.

Ainda hoje, permanece a ordem do dia a luta pela participação equitativa de negros e negras nos espaços da sociedade e pelo respeito à humanidade dessas mulheres e homens reprodutores de cultura. Com essa finalidade seres da sociedade civil têm atuado intensamente contra o racismo e as discriminações raciais, tomando a linguagem africano-brasileira como ancoragem e lapidando as relações sociais emergentes no entrecruzar dessa cultura com a cultura eurocêntrica da sociedade. (LUZ, 1997 *apud* BRASIL, 2010).

12 Apresentação da pesquisa e análise dos resultados

Depois de qualificar meu projeto, passei para o próximo passo, a realização das entrevistas.

A primeira entrevista foi realizada com a ajuda de um aluno. O trabalho dele foi gravar com uma câmera de vídeo, enquanto eu conversava com o entrevistado, Seu Gilberto. Pessoa simples, trabalhador do campo, hoje aposentado, 73 anos de idade.

Seu Gilberto nos recebeu em sua casa. Receptivo e simpático, aos poucos foi se sentindo à vontade para conversar. Observei que seus aperos⁵ gauchescos estavam de mostra, talvez para retratar o homem do campo que ainda se considera, como relatou durante sua fala e também mostrou por meio de algumas fotografias. Enquanto contava sua história de vida seu Gilberto riu muito ao lembrar alguns fatos.

O próximo entrevistado foi um senhor benzedor, Seu Ricardo, também com uma fala simples nos contou sua vida.

A primeira reação de seu Ricardo foi negar que sua história de vida tivesse algo de importante. E ao passo que buscava justificativas para confirmar sua afirmativa, nos contagiava com o que começara a nos contar. Pedi que esperasse, pois o que ele justificava como sem importância, na verdade, já era o que estávamos buscando, uma história simples, mas reveladora, sobre as dificuldades enfrentadas desde sua infância.

Seu Ricardo, conhecido benzedor na cidade, nos recebeu em uma casa simples, a qual aluga para atender as pessoas que o procuravam para serem benzidas. Antes de começarmos a gravar ele nos revelou que usava aquele local para fazer sua caridade – pois como paga, recebe um valor mínimo – para que sua casa não ficasse “carregada”.

Pessoa modesta, de vestimenta simples, sandália nos pés calejados, o que não pudemos deixar de observar. Com uma forma muito simples de falar nos contou passagens de sua vida desde a infância até a atualidade, enfatizando sempre sua crença religiosa.

Devido à distância da escola em relação à cidade e por não termos como retornar após as entrevistas, os alunos perderiam aula nos dois turnos, uma vez que fazem curso técnico em agropecuária e ensino médio, concomitantes, passei a realiza-las sozinha. O próximo passo foi buscar familiares do Sr. João Chaves, já falecido, para que nos informassem sobre suas realizações. Infelizmente, dos filhos, somente pela filha mais velha conseguimos uma informação – que foi um pai exemplar, rigoroso e que praticava a doutrina espírita. Esta filha

⁵ Arreios. Preparos necessários para encilhar o animal. As partes dos arreios que servem para o governo, segurança e ornamento do cavalo: rédeas, cabeçaça, cabresto, buçal, peitoral, rabicho, manea, etc. Preparos.

nos indicou que buscássemos informações com outra pessoa, um amigo que o acompanhou de perto e testemunhou assim o nascimento de um sonho até sua concretização. Esse amigo chama-se pediu para não ter seu nome citado, então me referirei a ele como D. Foi com ele que conseguimos alguns dados sobre seu João. Também de doutrina espírita, seu D, emocionado, relatou a vida do amigo.

A professora Lacy Caldas é professora aposentada. Orgulhosa conta a sua vida e nela, a importante contribuição para a fundação da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) nesta cidade.

Fui até sua casa em um sábado, dia em que pode me receber. Com dificuldade de locomoção devido à cirurgia na coluna, a professora, emocionada por alguém estar fazendo esse tipo de trabalho - registrar a história de alguns negros e suas contribuições para o município - pedindo, algumas vezes, para desligar o gravador, quando ia relatar algum ocorrido mais grave com seus alunos da APAE. Dizia que tinha que contar aquilo para que eu entendesse o quão era difícil lidar com esses alunos especiais.

Pode-se perceber, que durante sua fala, quando tocava no tema racismo e ela, no primeiro momento, negou que haja esse tipo de discriminação. Mais ao final, muito incomodada, relatou uma passagem de sua vida, um acontecimento que desencadeia na retirada de um de seus sobrenomes. Então, constatou que aqui ainda há discriminação racial sim e que ela foi vítima dessa prática discriminatória.

Dona Conceição, 84 anos de idade, dona de uma memória privilegiada, na verdade nos fornece duas biografias entrelaçadas, a sua e a de seu falecido pai, “Cheda”, mecânico e dono do primeiro lava jato da cidade. Ela, braço direito do pai, conhecia peças de carro como nenhum outro, pois era quem cuidava do estoque, fazia as compras, cuidava do caixa da oficina. É ela quem rememora características arquitetônicas da cidade, inclusive citando nomes dos moradores. É ela também que conta sobre a fundação da Caixa Econômica na cidade e orgulhosa revela que foi a primeira pessoa a depositar dinheiro naquela unidade bancária.

Ao entrevistar a irmã de Mestre Vado - não cito nome por solicitação da mesma - ela explicita que outras pessoas já estiveram à procura da biografia dele e também visitando a peça na antiga moradia do irmão, onde estão guardados objetos, algumas fotos, troféus, medalhas, um violino e o sax. A esta peça ela denomina “museu”.

Na metade da entrevista fomos surpreendidas com a chegada o marido dela, que prontamente interage ansioso por também relatar sobre o cunhado já falecido. A partir daí

cada um fala um pouco e em determinados momentos a conversa tomava outros rumos. Então era eu quem interrompia chamando-lhes a atenção para o que interessava.

A irmã procurava não perder o foco, mas o cunhado ansiava por atenção. E em um trecho de sua fala que deixei de fora, fala sobre os dois filhos do casal e destaca que um é sargento aposentado e o outro, veterinário.

A irmã contou, mas pediu para não gravar, que seu pai era sapateiro, tinha sapataria na Avenida 27 de janeiro, a avenida central e que fazia sapatos, botas e sandálias sob medida como nenhum outro. Falou também que depois da morte do pai, a mãe e um dos filhos assumiram a sapataria, e quando viram-se em situação difícil, contrabandeavam sola, couro curtido do Uruguai, já que lá o preço era mais acessível. Contou ela que iam mãe e filhos e traziam o contrabando enrolado na cintura, por debaixo da roupa, para não serem pegos.

Ao perguntar sobre as formas⁶ da sapataria, tive uma triste constatação: foram carregadas para casa e usadas como lenha para o fogão.

Percebi também que nem a entrevistada, nem a outra irmã que mora na antiga casa de Mestre Vado têm noção da importância daqueles objetos para a história de nossa cidade. Sugeri que guardassem ou para enviarem ao acervo do Instituto Histórico e Geográfico ou para acervo do futuro Museu de Interpretação do Pampa. Muito tranquila disseram que depois que os três irmãos morrerem, os herdeiros façam o que quiserem. “São coisas velhas, sem serventia”, disse a entrevistada.

Ela me convidou para retornar à casa no sábado seguinte para conhecer o pequeno museu do irmão. Foi o que fiz, e pude também bater algumas fotos dos objetos.

Dona Neusa, na época da entrevista, vivia com seu companheiro e uma filha, em espaço alugado enquanto sua casa estava sendo reformada. Pessoa extrovertida que, orgulhosa, contou suas picardias enquanto fugia para longe da vida sofrida com os pais. O sonho de ser cantora e de gravar um CD ainda lhe acompanha. Rememora a época do show de calouros no Teatro Esperança e o olhar que a sociedade da época mantinha sobre as mulheres que se atreviam a subir no palco.

Às vezes interrompida pela filha e outras vezes apoiando-se nela para confirmar dados, Dona Neusa relata suas histórias sempre mostrando alegria frente às adversidades que enfrentou.

⁶ Estrutura em madeira que serve para moldar calçados.

13 Entrevistas

13.1 Gilberto Montes Silveira

Nascido no dia 26 de abril de 1939, 75 anos.

Eu: O senhor é natural de Rio Grande?

Seu Gilberto: de Rio Grande, é.

Eu: E como se deu essa vinda do senhor pra cá pra Jaguarão?

Seu Gilberto: É, aí quando eu fui... é... aí eu vim servir. Vim pro quartel. Aí servi um ano aqui. Depois quando completou o meu... terminou o meu...o ano de quartel, aí fui embora pra Rio Grande. Aí trabalhei uns dias lá na ... trabalhei uns mês na... na cidade de Rio Grande. E depois quando escasseou o serviço... o finado meu pai e a minha mãe moravam lá né, trabalhavam lá.... Ai quando escasseou o serviço eu saí pra campanha porque eu fui criado na campanha, né? Ai eu fui pruma estância aqui no... ali no... no Paulista. No Sarandi ali. Ali trabalhei com... trabalhei um montão de anos ali na estância do seu Julio [incompreensível] Aí depois dali eu sai dali aí ele me levou lá, ele tinha outra estância lá em São Lourenço, né. Era feitoria. Ai fui pra lá. Ai trabalhei mais dois ano lá de peão campeiro e domador. Aí de lá eu saí de lá e vim aqui pra Pelotas, no Retiro. Aí no Retiro trabalhei acho que uns seis ou sete anos aonde eu me casei. Aí eu mi casei. Trabalhei acho que uns seis ou sete anos ali. Depois sai dali fui lá pra Canguçu. Tive dois anos lá em Canguçu. (risada)

Ah, viajei um pouco! Tive dois anos lá em Canguçu, lá na estância da Armada. Tive dois anos lá, é. Depois, saí de lá, vim aqui pro, vim aqui pro Herval, lá na Santa Angélica. Lá trabalhei mais sete anos. Era cabanheiro de cavalo, de touro e domava. E campeiro. Fazia tudo o que é serviço (risada).

Eu: E a doma dava dinheiro ou era só pra estância?

Seu Gilberto: Dava dinheiro sim. Dava sim até que afinal de contas com as minhas domas eu comprei uma casa lá no, no Rio Grande. Até a minha casa, é.

É, é claro. Eu tinha um lote de cavalos pra cuidar, ai eu pedi dinheiro pro meu patrão, seu “Juruvena”, é morto o seu Juvenal, lá em São Lourenço. Aí ele me deu o dinheiro. “_ Ah eu te dou o dinheiro tu estás domando meus cavalos, depois tu me pagas”. Aí depois ele foi descontando.

Era uma luta, chegava no fim de mês pra pagar ele não queria receber o dinheiro.

Não, não queria receber. Aí eu deixava o dinheiro em cima da mesa (risada) e ia embora (risada). Aí, aí, de lá, de novo aí eu fui pro Herval, na estância Santa Angélica. Lá eu trabalhei uns sete, oito anos lá, domando, cabanheiro, fazia tudo que era serviço. Ai depois de

lá, talvez, depois de lá vim aqui pro, pro Quilombinho, na estância do finado Fernando Afonso. Aí trabalhei mais uns, aí trabalhei mais uns três ano ali. Aí eu já era capataz de estância.

É aqui eu já fui capataz. Ai depois sai dali, trabalhei uns dois anos lá, aí depois sai dali aí fui trabalha lá com seu Antônio Carlos. Conhece seu Antônio Carlos?

No seu Antônio trabalhei dois anos (risada). Aí era de pião. Trabalhei dois anos. Aí depois do seu Antônio lá, os guris aí não tinham colégio. O colégio era longe... aí sai dali. Aí fui lá pra estância do finado Flávio Pacheco, que era coronel do quartel, era aposentado. Era irmão do finado Ribas, a Dona Ligia. Ai trabalhei mais uns cinco anos lá. Dali, saí dali e vim aqui pra Granja Sílvia. Na pecuária ali, na Granja Silvia é... era, era granja e estância. Aí sim, aí me aposentei ali (risada). Aí me aposentei. Trabalhei como uns vinte anos, dezesseis. Aí eu me aposentei, criei meus filho tudo ali na granja.

Eu: Quantos filhos o senhor tem?

Seu Gilberto: São, são cinco.

Eu: Cinco filhos?

Seu Gilberto: É, são... perai... guria são três, dois homens. São cinco é, são cinco é, são cinco.

Eu: E nessa andança aí, a sua esposa falou que o senhor andava em muita festa, rodeio. Tinha rodeio, carreira?

Seu Gilberto: Tinha carreira sim, tinha carreira no Quilombinho, tinha carreira. Era no, quando tava no Rio Grande, era no Povo Novo, era no Sarandi, por aí tudo tinha carreira boa. Pah... finada minha mãe botava barraca ainda.

Eu: Botava barraca. O que ela vendia?

Seu Gilberto: Vendia doce, vendia leitão.

Eu: Leitão assado?

Seu Gilberto: Leitão assado. E fazia esses pão, desses feito em casa. Tudo isso (risada).

E de vez em quando tinha uma gaita velha chorando numa barraca. De vez em quando sabe, saía um pé de guerra, de vez em quando saía um arranca toco, armava aquilo e seguia, seguia o baile de novo. Ah, aqueles tios, tios velhos, do tempo antigo. Naquela época eu... eu era gurizote ainda. Aí o cara ia pros bailes assim, e aqueles negros velhos dançavam. Agora não, ninguém. Pra passar por eles dançando tinha que se agachar porque iam com os braços espichados, com os olhos fechados (risada) levando tudo por diante (risada). Era aquela gente velha, aqueles tios velhos meio bagual. É, aquele tempo quando a gente queria namorar,

namorar as gurias, mas... a mãe não saia de perto (risada). Não saia de perto é, não saia de perto. E às vezes a guria estava com sede. “- Quer tomar uma cerveja, uma Coca-Cola?” e já iam os pais, já ia os irmãos (risada) até o pai, (risada).

Seu Gilberto: Tinha que pagar pra todo mundo.

Seu Gilberto: Ah, tinha que pagar pra todo mundo. E a janta também. Naquela época o cara que não tinha dinheiro, não adianta, não podia namorar porque... tem que ter dinheiro. E a hora que ia pra copa ia tudo, ia mãe, ia pai, ia irmão (risada longa). Tem que pagar tudo, ah é. Tem que pagar tudo. Às vez os negro estavam louco pra namorar as gurias, as guria louca pra namorar...

Seu Gilberto: Ah tchê, não tem dinheiro, ah, não tem dinheiro pra arrumar? Ah, não tchê, aí não dá pra... ta louco (risada).

Seu Gilberto: E aqui nessa campanha de Jaguarão seu Gilberto, o que o senhor tem pra nos contar dessa, dessa lida de campeiro, das estâncias, e extensão das estâncias, o que que criavam?

Seu Gilberto: Ah, essas estâncias aqui sempre trabalhava nuns lugares bons. É com tudo era o finado [essa pessoa ainda é viva] João Alberto, a senhora conhece o finado João Alberto?

Seu Gilberto: Sim.

Seu Gilberto: Estância grande também. Aí na, na Bandeira também. Também era uma estância com quase, acho que era umas três mil braças de campo. Acho que ainda tem até hoje ali na Bandeira. Ai depois sai dali. Tem o Cruzeiro também. E as do finado Jaime Ferreira. A granja Silvia também, aí eles plantavam tudo, eles criavam gado, plantavam arroz, aí tinha aquela pionada!

Sempre foi estancieiro, aqui em Jaguarão era a pecuária. E agora não, agora eles tão deixando de criar gado pra plantar soja. É mais tudo é soja, é soja (ri) a pecuária agora tem, mas é muito pouco, tem. Eu gosto tanto de pecuária, mas não é como antigamente. Antigamente só plantavam arroz e criavam.

Eu: Criavam bastante ovelha?

Seu Gilberto: Criavam. Criavam. O finado Eudócio mesmo era o maior criador de ovelha.

Eu: Eudócio Corrêa?

Seu Gilberto: É o finado Eudócio Corrêa. É eu domava os cavalos todos, os cavalos do finado Eudócio.

Eu: E o senhor trabalhava com ele ainda na época em que ele começou o Freio de Ouro?

Seu Gilberto: Não, não. Eu estava aqui no Quilombo, no finado Fernando Afonso. Eles eram todos amigos, né? Estancieiro, todos amigos. Uma pessoa domava aí ele dizia: “_ Pede pro teu empregado domar uns cavalos aí!”.

[...]

Traziam, levavam cavalo de uma estância pra outra. Aí na Tuna também, que era do, é dos Dode, a senhora conhece? Aí era como uns cinco mil, umas cinco mil braças de campo. Era a estância que tinha mais ovelha era aí. É o seu Dadão. Seu Dadão ainda é vivo ainda hoje. Não conheceu o seu Dadão?

[...]

Eu: E as carreiras aqui na campanha de Jaguarão, como é que eram, tinha bastante?

Seu Gilberto: Tinha. Tinha e ainda tem ainda. Ali perto da... ali no Prado tem. E aqui na estrada velha, aqui na... tem também.

Ali também, na Capela São Luis tem carreira também. E nas Pedras Brancas. Nas Pedras Brancas tem carreira também ali.

Eu: O senhor trabalhou no Quilombinho, não é?

Seu Gilberto: Trabalhei no Quilombinho.

Eu: Conheceu o Jamanta?

Seu Gilberto: Ah, conheci. É, conheço o Jamanta. O Jamanta gineteava muito em pelo (ria). É, ia lá no pescoço. Uns cavalos muito gordos...

Eu: Era bom ginete ele?

Seu Gilberto: Não, não era muito não. O que era mais ginete era o Nico, era irmão dele né, o Nico?

Eu: E o senhor como é que era?

Seu Gilberto: É (ri) eu não deixava os meus arreios irem embora. Era muito difícil eu cair (ri) graças a Deus. Não, não era de cair (fala rindo), não era muito caidor, não. Não era muito caidor.

Eu: E que tempo leva, seu Gilberto, pra domar um cavalo?

Seu Gilberto: Ah o ca... pra ficar bem bom, um ano. Hoje em dia eles não levam um ano. Hoje em dia são... ah, são... ah, já... entrega já. O cavalo esquenta a boca e deu. Já perde o cavalo.

Ah, ta aqui. Vou lhe mostrar o retrato...

(levanta e vai até a estante pegar a fotografia)

Seu Gilberto: Aqui tem ó, das festa aí (referindo-se à fotografia dele a cavalo).

Essa égua aqui venderam ela porque...não conseguiam andar na mãe dela, aí o cara agarrou e vendeu. Ia vender pra matar aí eu comprei dele.

[...]

Eu: E o senhor desfila ainda hoje ou não?

Seu Gilberto: Desfilo. Esse cavalo aqui ó.

Eu: Esse cavalo aqui é seu?

Seu Gilberto: É... esse cavalo é meu. Esse cavalo eu comprei por trezentos pila. Eu comprei do Claudio Faria, né. É daqueles manga larga, hum, hum.

[...]

Eu: Então quer dizer que se tem festa aqui no sindicato o senhor está no meio?

Seu Gilberto: To graças a Deus (risada longa).

Eu: Faz muitos anos, seu Gilberto, que o senhor participa dessas festas aqui?

Seu Gilberto: Ah, faz, desde que eu vim aqui pra Jaguarão.

Aí quando eu estava lá em Pelotas, também eu ia às festas, os rodeios ali na, no sindicato. Eu ia também em Pelotas.

Eu: Me diz uma coisa: nessas estâncias, [...] chega de noitezinha, a pi lazada, a peonada senta na beira da lareira pra tomar mate e contar causo.

Seu Gilberto: Contar causo e tocar viola.

Eu: O que o senhor tem de causo pra nos contar?

Seu Gilberto: Ah, faziam baile. Faziam galinhada de noite (ria).

[...]

Diziam, e até hoje, vamos fazer uma galinhada? Vamos fazer. Arrumava um gaitero...

Eu: Por quê? Naquela época a carne era liberada na estância?

Seu Gilberto: A carne era liberada, mas, às vezes os caras estavam enjoados de comer carne e ... “_ Tchê vamos comer uma galinha com arroz?” “– Então vamos”.

Uns levavam o vinho e os outros levavam...levavam arroz, porque tinha lareira, né. E aí iam fazer aquela galinhada com arroz... aí depois que nós comia bastante galinha tinha sempre tinha um pra tocar violão [...] tocava uma gaita né, e tocava, nós fazíamos o baile e dançávamos homem com homem (risada longa).

[...]

Dentro da estância, aquela farra. Ah Ontem mesmo, ontem mesmo estava conversando com um colega meu, o Reni. Nós estávamos conversando lá no centro aí ele disse: “_ Pah, seu Gilberto, se lembra naquele tempo que nós estávamos lá na, lá na Santa Helena, no Herval,

que de noite nós jantávamos e íamos lá pra lareira, cerrava o baile, era homem com homem!?” (risada longa).

E, e diziam os caras assim ... : “_ O Gilberto era o mais dançador”. (gargalhada)

Aqui no quartel também, aqui no quartel quando nós servimos aqui, na noite lá de São João, aí nós fizemos um baile. Vinham os caras lá do, lá do centro... violão, cavaquinho, pandeiro... os caras eram bons de cavaquinho.

[...]

A turma lá do cerro. Aquilo tudo bagunceiro. Eu não era bagunceiro, mas estava no meio deles... (risada), mais tinha que, tinha que acompanhar.

Aí fizemos um baile tchê, mais era até as nove horas... aí fizemos um baile lá. Mas... olha, ah ta, um... chegou uma semana... o pessoal aqui de Jaguarão, lá do centro. De gente direita. Um dia pediram licença pra, pra entrar no quartel pra ver os ca... os cara tocavam bem, ah, tocavam bem mesmo.

Chegaram lá e o tenente: “_ Não, não, até as nove horas vocês podem apreciar. Só não... só não se metam, fique só de fora olhando, olhando”. [...] Olha os caras se admiraram, que nunca viram uma turma tão divertida. Mas era acho que umas, umas cem pessoas dançando. Homem com homem (risada longa), cerrava o baile, ali, aí no quartel.

Eu: Então era bem diferente de hoje, hoje é bem rígido, diferente daquela época?

Seu Gilberto: Ah, era. Mas, mas, acho que o quartel naquela época era pior que agora.

Eu: é?

Seu Gilberto: É. Era o finado Itacílio, é morto já há muito tempo. Era um velho tarrascudo. Ainda tem uns sargentos que estão velhinhos já, mas aí que ainda existem ainda. Tem um que ainda existe ainda!

Eu: São brancos ou são negros?

Seu Gilberto: Ah, não. O negro que tinha era o... Ertá. Tinha só um cabo. Era cabo Demarco e o outro, como era o nome do outro. O outro era bem pretinho como... eu esqueci o nome do outro. Era bem pretinho. Os caras... os milicos todos apelidaram ele de porco das batata (risada longa). Era bem pretinho, era cabo ah, esque... eraa bem pretinho. Esqueci o nome dele. Ah, tá o nego Edes. Conhece o nego Edes?

O Edes aquele que saia na escola da Palestina. Não, não. Na Palestina não. Na escola do...como é que era? Do..., da finada Mocinha?

Eu: A Estrela D’Alva.

Seu Gilberto: É. A Estrela D’Alva.

Eu: É vivo ainda?

Seu Gilberto: O Edes é vivo ainda. Ele mora aqui na Pindorama. Toma muito trago, ele. Bebe. Ele tem só um guri. O guri dele já tá homem, já. Ele trabalha no, ele trabalha no Paraíso (supermercado). Trabalha sim. De vez em quando até encontro com o filho dele.

O Edes não pode estar muito aqui na cidade, porque ele bebe muito. Ele às vezes ele vai lá pra estância da Dona Norma. A Dona Norma leva ele pra lá que lá ele não pode beber. (risada longa)

Ainda digo pra ele, quando encontro ele assim: “Bah, negrão. Não morresse ainda?”

“_ Não. Não negrão. Não morri nada. Já parei de beber”.

Seu Gilberto: Parou, mas tu já estás bêbado aí (risada longa). “_ É, parei de beber hoje”.

Eu: Tinham muitos negros no quartel na sua época?

Seu Gilberto: Ah, tinha. Ah, e outra coisa, aquela época que eu servi, negro não dançava, não entrava no baile dos brancos. Era no 24 (Clube 24 de Agosto, naquela época somente para negros). O 24 era ali perto, ali perto, na rua do, na rua do Mercado... negro não podia nem espiar... E a turma dos, dos negros aqui... dali do 24 não deixavam os brancos também espiarem.

Ah..., na campanha lá no Rio Grande, dava aqueles bailes de campanha e nós chegávamos lá pra entrar pra copa. Nós éramos gurizada assim... de espora e rebenque enfiado na mão, cavalo amarrado lá na árvore. Tinha que pedir licença, pedir licença pra nós entrarmos na copa pra tomar cerveja, era a... ou tomar café... mas vinha o dono da casa, oh, mandava parar a gaita. Vamos parar a gaita que vão entrar lá, vão entrar lá pra copa aí. Aí nós íamos entrar, ninguém dançava né. Deixava nós entrarmos pra depois seguir (ri).

[...]

Aquela, aquela época aquelas guria mais feia... não sabiam se pintar, se borravam todas (longa risada).

Ah é, pintavam, aqueles vestidos mais compridos..., amarrado no tronco, (risada). Ah, é. Naquele tempo não andavam de [incompreensível] ninguém andava de mini saia. Uns vestidos compridos. [...]

Naquele tempo não era changa não, era não, hum, hum...

Eu: E voltando ao quartel, como é que era? Vocês saiam pro campo, faziam simulação? Como é que era?

Seu Gilberto: Saia pro campo. Saia a cavalo. Ia até Bagé, ia.

[...]

Seu Gilberto: No Quilombinho nós íamos de carroça pro Quilombinho. Passávamos uma semana metidos no mato, lá naquelas carroças. Naquele tempo era carroça, cavalo.

Carro não existia, era carroça?

Tinha carro sim, mas era... mas era... mas era cavalaria, né. E tinha que ensinar os caras, mas na cavalaria, né. É... é...

É... é... tinha auto, tinha condução, tinha tudo mas com essa sai pro campo assim era tudo...

Todos de carroça... as carroças igual, as carroça igual as de mocinho (risada)

Eu: E a comida como é que era?

Seu Gilberto: A comida era boa. Era boa, ah...

Eu: Até na saída pro campo faziam uma comida boa?

Seu Gilberto: Ah, sim. A comida era boa... comida tinha ali. Os cozinheiros, bah... eles faziam comida boa! Mas é, eles matavam um boi por dia, né...

É, no quartel era mil e pico de soldado (risada). E aí, já tinha aqueles que carneavam?

Ah, ti... não. Eles compravam no açougue aqui no, no matador, aqui nessa estrada velha tinha um matador ali. Às vezes matavam. Todos os dias matavam gado ali.

Eu: Mas quando iam pra fora?

Seu Gilberto: Pois é.

Eu: Como é que levavam a carne?

Seu Gilberto: Levavam a carne toda, levavam.

Eu: A carne fresquinha?

Seu Gilberto: A carne fresquinha. Os caras vinham aqui e levavam. Na hora do almoço já tinha, dez horas. Não... era bem preparado, (ri). Tinha leite, tinha tudo. Nã... tinha carne gorda. Tinha de tudo. Ali o cara não passava fome, não. Bah... Carne a rolete, bah. Era a vez tinha, eles faziam arroz cum galinha. Não. O cara passava bem.

Eu: Então quer dizer que naquela época o quartel era bom?

Seu Gilberto: _ Era bom sim, não, naquela época o quartel era bom, sim (risada).

Chegava o Natal eles, eles dispensavam o cara. Os caras que morassem noutra cidade, iam lá. Só não podia passar os oito dias, não. Dentro dos oito dias tinha que estar no quartel, senão ia pra cadeia.

Eu: O senhor chegou a pegar cadeia alguma vez?

Seu Gilberto: Não, graças a Deus nunca peguei cadeia.

Eu: Foi menino comportado, então?

Seu Gilberto: Não, era amigo dos coronéis e, e não era malandro. Sabia as leis todas direitinho. Serviço e tudo. Chegava na hora o cara se levantava, já...

Eu: E a profissão de domador o senhor aprendeu com seu pai, ou foi indo assim e tomou coragem?

Seu Gilberto: O meu pai. O meu pai. O finado meu pai era domador. Ah, era também. Trabalhava em estância e domava.

13.2 Seu Ricardo

Ricardo Rodales Dutra, 83 anos. Nascido em 18/09/1930, benzedor.

Seu Ricardo: Nós morávamos na campanha, nós sempre moramos na campanha, eu fui nascido e criado na campanha. Pra Jaguarão mesmo eu vim em 81 foi que eu vim pra Jaguarão e fiquei de firme aqui. Até 81.

Uma certa idade de moço até eu fui escravo, eu fui escravo já vou dizer assim, tem o escravo de antigamente, ele era escravo e eu tive escravo dentro da minha época eu tive escravo de criança, fui babá, fui escravo de estancieiro tá. Fui escravo de estancieiro porque ele só dizia assim: “_ Eu te pago tanto tá”. E se eu dissesse não, é pouco. “_ Não, então tu vai embora é o que eu pago é tanto”. Eu precisava, tinha que aceitar aquele tanto. Foi assim que trabalhei de escravo. Nessa estância aonde eu trabalhei eu fui escravo, já vou dizer assim.

Eu: O senhor se lembra do nome de alguma dessas estâncias? (risada) pode falar, pode falar, não tem problema.

Seu Ricardo: Olha eu não queria, eu não queria porque bom... todos eles já são falecidos né, já são falecidos.

Bueno, a primeira casa que eu fui tá, que me judiavam barbaridade, mas barbaridade mesmo, judiavam. Eu tinha 8 anos quando eu fui dado para esta família tá. O homem era bom pra mim, o dono da casa era bom pra mim, ele me tinha como um filho, mas eu cuidava duas gurias. Fui babá de duas gurias, tá. E a mulher não sei por que que até hoje eu penso, que a mulher como me judiava dessa maneira, me perseguia. E eu tinha (incompreensível) Então é isso aí. Muito sofrimento e ela me perseguia, eu não sei por quê. Eu cuidava bem das crianças. Gostava das gurias, cuidava bem das gurias.

Eu: Que idade tinham essas gurias, mais ou menos?

Seu Ricardo: Ah, uma tinha um ano e a outra tinha o quê, é um ano e meio, quase dois anos, por aí. Essas gurias quando eu fui com 8 anos... bebês, bebês, bebês. Sim. Bueno. Bebês sim. Eu não, eu não, eu vou dizer que assim... eu não vou dizer que eu lidava com elas, fazia movimento. Não. Eu era companhia, entreter elas. Pegar no colo tá, depois foram crescendo e... aí fizeram um... que antes botavam as crianças no caixote. Bueno tá. Aí empezei (comecei) pelos meus irmãos. A minha mãe e a minha avó iam pra terra, pra lavoura ta, dos vizinhos arrancar batata doce a troco de batata tá, não era por dinheiro. Quebrar milho a troco de milho pra comer canjica tá. A coisa como era... Bueno, *entonces*... e aí tá. Aí chegou um ponto que os meus pais teve que nos esparramar não é?... Pra cada lado um filho e nos criamos todos nós assim, tá. Nos criamos assim. Bueno, eu venci a batalha, eu venci, tá. E

daí sair nessas estâncias. Nessas estâncias, sofri. Ah, sofri, em. Trabalhar muito, passar fome e frio, bastante serviço tá. Bueno, na última estância que eu trabalhei, tá, que eu trabalhei, eu atendi, eu atendi uma estância muito grande, meio só. O empregado que tinha. Eu era empregado e os meus peões era os cachorros, tá. Meus companheiros pra juntar gado e ovelhas, tá. É isso aí. *Entonces* quer dizer que eu fui criado assim. Eu fiquei livre, eu fiquei livre, eu tive minha liberdade, eu tive depois de 81 pra cá. Cuidando a minha mãe, que eu cuidava a minha mãe. Morava num rancho velho. (incompreensível) Pra cuidar da minha mãe, eu aceitei. Que era pobre e não tendo...

Trabalhava na estância, e nos lindeiros eu saia nos lindeiros pra ganhar dinheiro porque não tinha o dinheiro pra comer. Eu trabalhava nos vizinhos o trabalho era em troca da moradia. Coitada da mãe, cuidei da mãe até ela falecer. Até ela falecer eu cuidei ela. Nunca me retirei dela, nunca, tá. Perdi meu pai, reuni dois irmãos que eu tinha eu disse: _ Não vamos deixar a nossa mãe só. Agora isso aí é conosco e assim mas venci a batalha igual, porque Deus me ajudou. Com a proteção de Deus muito boa, então eu venci a batalha que ela faleceu mas não foi abandonada nunca. É isso aí, meu caso é isso aí. *Entonse* eu saia pra trabalhar por que me pagassem porque eu precisava. Por isso eu digo que fui escravo por isso. Escravo, escravo até no salário porque sofrido até no salário, quer dizer, no trabalho é isso aí. Com Deus eu me sinto feliz porque Deus me deu a recompensa. Foi Deus que me deu, Deus me deu a recompensa. Eu não me aborreço de agradecer a Deus porque Deus, eu sei que ele é pai ele atender não deixa o filho mal por isso eu digo que eu tenho que passar por aquilo, hoje eu me dou conta eu tinha que passar por aquilo pra poder vencer a luta né, e venci.

Me deram um campo para limpar, desse patrão que eu digo do rancho, me deram campo para limpar pensaram que eu não ia, não ia, que eu não ia cortar lenha a machado e a facão. Nesse tempo tinha motosserra, não era tudo que tinha. Limpei um campo eu preparava 11, 12 mil toros de achinha pra fogão. Vinha aqui, contratava um caminhão, ia lá e trazia uma carga de lenha distribuía aqui em Jaguarão. Vendi quantia de caminhão. Tudo feito pelos meus braços, tá. Só. Nas vagas, nas vagas que eu monteava com chuva é tudo quando eu não ia não, não trabalhava na estância porque estava chovendo, eu acertava o serviço na estância, tinha uma folguinha e ia pro mato. Sozinho eu ia pro mato bater machado, é assim que eu venci a batalha graças a Deus tudo por causa da minha mãe, pra não abandonar a minha mãe e não faltar, e não faltar comida pra ela. Tinha uma irmã, morava em Montevideú (incompreensível) me ajudava, alguma coisa dava, mas fui eu que padeci, que enfrentei.

Sabe que eu trabalhava nas estâncias, me choravam comida, me faltava. Agora serviço sim, serviço o meu lombo, os meus braços que aguentassem porque era demais, mas eu precisava, o que ia fazer? E é isso aí, não.

Eu: E como é que era a vestimenta que o senhor nos contou antes de a gente começar a gravação, a roupa que o senhor usava, como é que era nos invernos?

Seu Ricardo: A roupa era um, como é que eu vou te dizer, bermuda não, é bermuda como é, tinha bermuda e tem aqueles curtinhos, calção, um calçãozinho isso aí e uma camisinha de fazenda fina eu não me lembro como era o nome da fazenda, mas era bem fininha, de mangueira. Ali eu atravessava e de pé descalço também ali eu ia botar as vacas pra mangueira pra tirar leite, eu chegava com as vacas e os pés encarangados. Sabe aonde que meu me abrigava os pés pra seguir caminhando? O esterco aquele que fica a farinha da mangueira você sabe, eu rebocava os pés, tapava os pés de coisa botava um calçado de esterco desmanchado e aquecia. Daí um pouco, sim, aí eu seguia a lida de novo. Na sanga, eu pulava na sanga, com o pé encarangado da geadada, aí eu passava na sanga, no poço com água pelo joelho, aí eu ficava ali pra dar uma aquecida, porque a geadada quando é muito grande a água fica quente de manhã. Ali eu aquecia e saía correndo com as vacas pra eu não encarangar de novo, tá. Assim atravessava o inverno todo tá, sofrendo assim. Bueno eu vim conhecer calçado e conhecer o Jaguarão eu tinha 12 anos. Conheci doutor me atendendo, conheci Jaguarão, tá. Eu não sabia nem pra que lado ficava Jaguarão porque nunca tinha vindo a Jaguarão. Por enquanto me deram um calçado que eu usei. Me deram uma sapatilha que era pra eu não chegar de pés descalços porque ficava feio chegar criança assim. É isso aí. (incompreensível)

[...]

Eu: Depois que o senhor veio para a cidade em que o senhor trabalhou?

Seu Ricardo: Eu trabalhei, eu trabalhei naqueles apartamentos, na firma do Dr. Umberto Ferreira, que fazia essas pontes, fazia apartamentos. Aquele apartamento que foi o último que ele fez em aqui em Jaguarão agora não foi o da 15, da 15 (rua 15 de novembro), tá. Ali foi o último que ele fez. Eu vim, eu vim na miséria, na miséria de, de, de, necessitado de ter as coisas porque não tinha dinheiro. Vim pra Jaguarão numa punilha danada (risada), numa punilha danada. Aí eu fiquei, a minha mulher, a senhora sabe que a minha mulher... Eu casei, dentro de 80 eu casei. Aí a mulher trabalhava né, trabalhava de doméstica e eu queria serviço e queria e não conseguia serviço porque ninguém me conhecia e eu tinha vergonha de andar na rua, me encerrava dentro de casa. Eu saía a procurar serviço, “_ Não, já arrumei”. “_ Eu tava com falta do empregado, mas já arrumei...”, naquela coisa, não!?. Eu ficava com

vergonha de andar na rua e a mulher já estava trabalhando porque era eu que tinha que trabalhar e não a mulher. Eu pensava que é que vão dizer de mim? Vão judiar de mim. A mulher trabalhando e eu dentro de casa, não pode ser assim. Aí sofri muito falta de conseguir serviço. Até já trabalhei também na, nessa cooperativa de arroz aí também. Serviço bruto. Trabalhei. E quando... Isso. Quando eu vim pra Jaguarão, já vim doente, tá. Doente, adoentado, já vim, sabe. Adoentado já vim pra Jaguarão e trabalhei na cooperativa de arroz e depois que eu arrumei serviço um ano, que faltava um ano pra terminar os apartamentos, né. Aí conseguir serviço, tá. Quando entregaram os apartamentos eu fiquei de ronda dos apartamentos. Trabalhei de servente primeiro, depois me botaram de ronda. *Entonces* aí fiquei.

[...]

Seu Ricardo: Quer dizer que aí peguei um emprego aqui na cooperativa de lãs, aí foi aonde eu acomodei o meu bem estar, foi na Cooperativa de Lãs, tá. O patrão, o chefe de lá me deu serviço e entrei num serviço bruto, entrei na cooperativa, depois saiu o ronda antigo, se aposentou e me trouxeram aqui pra ronda na frente, ali na área toda. Aí tirei, tive 14 anos efetivos. Aí sim, quando saí de lá já aposentado, tá. Aí melhorou a minha situação, melhorei de vida graças ao bom Deus.

Eu: Aí o senhor já passou pra próxima fase que é esta fase que o senhor está agora. Como é que o senhor se achou como um benzedor, como o senhor é conhecido?

Seu Ricardo: Como é que eu me acho?

Eu: Como o senhor se descobriu, quando o senhor descobriu que tinha esse dom?

Seu Ricardo: Olha eu descobri porque aconteciam coisas comigo, com minha pessoa acontecia coisas que eu sacava em limpo que Deus estava sempre junto comigo e todo sofrimento que eu sofri eu me lembrava que Deus tinha que estar comigo senão eu não aguentava, eu não teria como aguentar, mas estou aguentando porque Deus tá perto de mim.

Bueno eu quando tinha oito anos, a minha mãe benzia de asma, disso, daquilo cobreiro... isso aí eu, quando ela ia benzer, isso aí eu era criança quando eu estava em casa ainda. Eu queria aprender, eu estava louco para aprender a benzer em criança, não é. Via ela benzer e via a pessoa dizer “_ Olha eu melhorei”. Eu gravava aquilo. Olha se será bom benzer. Eu quero ser benzedor, mas em criança quer benzer de que jeito, tá. Aí a mãe dizia: “_Tu vais ser um benzedor, tu vais ser um benzedor, mas não agora em criança, não.” E acontecia tanta coisa comigo, tanta coisa que eu saco em limpo que tinha uma força, um protetor muito bom, era Deus não é, só pode ser Deus que está ao meu lado. Então Deus me

salvou de todas essas tragédias Deus me salvou. Mais coisas e mais coisas aconteceram comigo. Estou aqui graças a Deus.

[contou uma passagem em que ingeriu veneno]

Bueno, depois num arroio, num arroio também, no arroio Jaguarão (Rio Jaguarão), nesse arroio Jaguarão, lá na minha zona, tá. Eu não sabia nadar a aí me atirei na água pra atravessar pro Uruguai, do Brasil pro Uruguai. E um amigo meu que estava tomando banho junto, nadava muito, se atirou na água e se sentou em cima de uma barranca e se parou a olhar eu tomar banho e via quando eu ia pro fundo d'água. Me via e pensou que eu estava brincando na água e não ia lá me tirar, não é. Até que numa ele viu que eu não estava brincando e ele... Me lembro até hoje, já faz anos...[...].Bueno, nasci de novo.

[conta outra passagem com um potro, com a gravação ficou com falhas, não a transcrevi]

Eu vou dizer que quase morri várias vezes e Deus me salvou várias vezes.

Deus me deu um dom, Deus me deu um dom pra resolver problemas de muitos seres humanos, de crianças, de animais. Eu atendo um animal, atendo qualquer animal, se é pra dar benzida, eu resolvo graças a Deus, tá. E não é coisa minha. Não é inteligência minha, sabedoria minha. Não tem nada a ver. É só um dom que é dado por Deus, tá. É só dado por Deus porque eu sei que é porque quando vou atender as pessoas eu não confio em mim, no que estou fazendo, eu me agarro com Ele, com as imagens, por intermédio da, de oração da católica... então quer dizer que eu faço uma consulta com eles. Eu quero as coisas tanto pra mim quanto para os outros, dentro do possível eu peço Eles, os protetores todos... *entonces*, tá tudo certo. Dá tudo certo.

Vem uma pessoa aí que o doutor errou, às vezes erra. Receitou um remédio não deu certo, outro remédio não deu certo. Deus me faz enxergar que não é pra doutor, é pra mim. Vem pra mim e eu resolvo e resolvi.

Eu me sinto muito feliz em poder ajudar.

13.3 Dona Conceição e Cláudio Pereira Freitas (Cheda)

Dona Conceição: Mãe da tia Marta. A tia Marta eu conheci mais ou menos é que foram... foram escravas. [interfiro pra colocar o microfone]

Eu: É bisneta de escravos?

Dona Conceição: Eu sou bisne..., acho que tataraneta né? Tataraneta que chamava antigamente. Tataraneto.

Eu: De escravos aqui em Jaguarão?

Dona Conceição: Aqui em Ja... Sim porque os escravos eram mais... era quando a mãe de meu pai mesmo era lavadeira, lavava no tempo que fazia um pano assim botava e botava as trouxas... Lá nas pedras. Lá na pedra, na chácara do quartel. Passa quem vai... é... pra cá da Charqueada, mais pra cá. Criaram no rio um..., assim botaram um aterro de pedra e ali elas lavavam. A minha vó foi lavadeira.

Dona Conceição: Quero ver se dezembro ou janeiro eu venho porque...

Eu tenho um companheiro. Fui viúva 35 anos, né... e depois achei esse desgarrado em Pelotas. Se demo bem, fazem cinco anos que nós temo junto, mas agora ele foi sorteado com a casa *Minha Casa Minha Vida* e é lá pertinho do fórum. Eu não gosto de lugar triste assim... eu tô ficando velha e não gosto de lugar triste e é muito pequenininho, eu tenho meus móveis... Fazem sete anos que eu moro na Cohabpel, sete anos. Morei em Porto Alegre, andei por Bagé, andei por Santa Maria, que meu marido é da Polícia Federal... da Polícia Rodoviária Estadual, que naquele tempo não tinha a Federal, agora que é... Então a gente... Eu casei já com... já velha, bem velha, bem velha casei que meu pai... eu trabalhava no balcão vendendo peças de carro (risada).

Eu: Mas que interessante!

Dona Conceição: Estudei no Colégio Banbá que iniciei... Aqui dobrando aí Dr. Wilson. No meio da quadra não tem uma mansão bonita?

Eu: Tem.

Dona Conceição: Ali foi meu colégio do professor Bambá.

Eu: Nunca tinha escutado falar nesse colégio.

Dona Conceição: É, do Bambá. Era Egídio Borges. No tempo que era fardamento feito militar dos brigadas e talabarte de segunda quarta nós ia pro colégio com aquele talabarte. De quarta a sexta-feira era uma calça... uma saia azul marinho com camisa branca, tá! E me formei depois tirei *tilografia* no tempo das maquinazinhas, com a filha dele que dava

ao lado, a aula de *tilografia*. Depois já tava... já tava bem velha tinha o tempo do Ipa, aqui onde é o colégio. Eu tirei contabilidade de noite, tá.

Eu: A senhora tirou contabilidade?

Dona Conceição: É. Fiz habilidade aí os livros tudo que eu assentava, tinha gasolina, meu pai tinha um posto de gasolina... defronte o Oliveira, defronte a Educação, no meio da...

Não sei se você conheceu. A minha irmã tem um retrato. A... no meio da quadra era bomba de gasolina, era um posto de lavagem. Meu pai era o único daquele que o auto *alevanta*. É, *alevanta* pra lavar. E tinha a bomba de gasolina, tá. Aí da, da *Esso*. A *Esso* ainda aquela de manivela, tá. Tudo isso me lembro. Todas as noites eu agradeço a Deus por me lembrar das coisas que não fiquei né?! E... a *Mesa de Renda*... tinha que levar os livros do comércio na mesa de renda, eu levava.

Eu: O que era a *Mesa de Renda*?

Dona Conceição: *Mesa de renda* tinha que declarar tudo que a senhora...

Eu: Declaração de imposto?

Dona Conceição: É que agora não tem, é... tá. Fica tá... O que vendeu, o que recebeu... quem tinha comércio, de quem comprava. Tudo direitinho, tá. É, tudo isso.

Pensando hoje como tá o Brasil. Isso eu fazia. Quando o meu pai já ficou doente mesmo ele foi no Banco do Brasil, o Banco do Brasil era na 15 ali aonde está aquele edifício Boa Baid, ali e botou o comércio, não comércio, todo no meu nome, mas pela responsabilidade em dinheiro, nos três bancos. Tinha o Banco do Rio Grande defronte ali à Caixa Econômica... Aquele banco não era assim, era mais antigo e os bancos tá, aí eu principiei a assinar, o meu pai já estava doente, é.

Eu já casei com 29 anos já. Não tenho filhos não. Eu tinha um tipo de... não é câncer, mas eu adoecia muito, uma hemorragia assim... eu ia levando, levando. Eu vou me operar, tá. Mas eu estava muito fraca, tá. Aí quem me operou foi o Dr. Rudy e o Dr. doutor Wilson, que não existem mais, o pai do Wilsinho. Me operaram. Eu tenho um corte assim parece cesariana. Eu tirei tudo, mas aí eu conheci meu marido. Ele era da polícia, vinha de Pelotas. A delegacia era em frente aonde mora o Kaine. Tudo isso, né, a delegacia ele vim trazer os papéis, ficamos namorando. Ainda namoramos cinco anos e dois anos de noivado, sete anos.

Quando eu fiz a operação eu lembro também que o Dr. Rudy disse: “_ Eu tenho que conhecer o noivo!”, que era pra dizer que ele pra ele que eu não podia ter família. E ele assim, “_Ah, Dr. Mas isso...” Eu criei todos os meus irmãos o mais velho né e aí ele veio, trouxe o par de aliança, que essa aliança que até hoje eu tenho, do primeiro marido. Até de vez em quando eu ando com a dele porque eu incho muito.

Ele disse assim: “_ Olha, ela não vai ter família... aquela coisa toda...” aí sim eu fui defronte ao..., fui na igreja com ele e tirei ele disse assim: “_ A partir de hoje eu não vou colocar mais aliança só o dia em eu que ficar boa é que vou botar a aliança. Só o dia do casamento!” Então eu botei só no dia do casamento. As alianças estavam guardadinhas. Mas eu tive muitos namorados, eu era namoradeira uma coisa. E o pai naquele tempo né, antigo, ele queria saber de que família era. Ele era de família daqui de Jaguarão, mas ele nasceu no Rio, porque minha sogra, naquele tempo quando um soldado fazia mal às moças, os pais iam no quartel e declaravam. A minha sogra foi uma que casou, botaram um soldado pra casar. O que tinha feito mal pra ela era de Porto Alegre. Aí de Porto Alegre ela foi pro Rio porque o pai do meu marido foi pro Rio e meu marido nasceu no Rio de Janeiro.

Quer dizer que essas histórias todas ficavam escondidas. Ah sim, outra coisa, casavam e naquela hora se não queria viver ele ia pra um lado e a moça ia pra casa dos pais. Era rígido. Agora não, a gente vê essas gurias agora. Às vezes eu fico olhando, em Porto Alegre descobriram essa casa de aborto, de coisa, as gurias novas, ah! Coisa mais triste!

Então vamos principiar, não é!

Eu: Vamos começar quase do meio.

Outra coisa é muito interessante anotar, não porque sou católica, mas a igreja aqui a fazia a festa da Nossa Senhora do Rosário, que era mais a festa dos negros. É isso aí, do Rosário. Era festa dos negros. Levavam um branco pra ser juiz. O meu pai foi festeiro há anos com a avó do, não sei se tu conhece, do Devanir, é da família Farias. Moram lá pro lado do... como é que eu vou dizer... passando os trilhos pra lá. Então a festa do Rosário, que festa bonita! Convidavam toda a Associação... Tem a banda também que é interessante, o Círculo Operário, tá. O 24 é o clube mais velho de Jaguarão, tá. Mais velho, eu era gurria.

Eu: E a senhora frequentou tudo isso aí?

Dona Conceição: Sim, porque meu pai gostava muito. O pai gostava de ser festeiro. [...] Eu ainda tenho santinho da festa do meu pai.

Então os negros faziam a festa. Era um casal, tá. A minha mãe nunca... o meu pai nunca conseguiu levar a minha mãe festeira que era o casal, mas o pai arrumava uma viúva, uma amiga, tá.

A banda também foi muito interessante em Jaguarão. Da banda não resta mais ninguém também. Era também, faziam aquela festa. A banda tocava sete dias como fazem do Divino aqui. Sete dias, fica cinco e três para a festa. A aqui tem muita, muita, muita festa. O carnaval, sempre. Que coisa mais bonita era o carnaval de Jaguarão. Saia aquelas comparsas.

O 24 era subindo aqui... nos fundos da igreja. Nos fundos da igreja. Antes tem, não sei se é instituto, passa a esquina à mão... quem vai, à mão esquerda, né. Ali era o 24. Dava baile.

Eu: Era ali, eu achei que sempre fosse aqui.

Dona Conceição: Não, não, não. Era ali, era ali. Aí que tá. Bem central, é. Bem central. E eu nasci mesmo na General Câmara, depois o meu pai foi vindo, foi vindo pro centro indo pro centro com a oficina e os outros meus irmãos, é...

Eu: Naquela época a população de Jaguarão era bem pouquinha?

Dona Conceição: Não. Tinha bastante gente, tinha, tá. Já, já tinha bastante gente já.

E guardo até hoje uma folha de um jornal que foi Jaguarão contando o que era Praça das Carretas.

Eu: A praça das carretas era aquela ali do Mercado?

Dona Conceição: Não. É lá onde está o... quem vai sentido pra lá... no Ferrujão. Era a Praça das Carretas. Era um comércio. Ainda esses dias eu vi num jornal, um jornal que eu tenho. Que era tanto como o pessoal vindo agora pro Uruguai, não é. Pra comprar, essa coisa e... tá. Então eles vinham. As ciganas paravam também lá, onde está aquele... entre o engenho, por ali pelo engenho. Ali era a Praça das carretas. Eles vinham e traziam carvão, traziam espigas de milho, pra vender. Rapadura, tá, de palha. Enroladinha. A minha vó era uma que comprava carvão, tá. Ela fazia como eu disse, botava a trouxas... e comprava carvão para passar a roupa porque a roupa era passada a ferro. Bem pesado, tá. Até porque ela teve o coração... o coração foi demolindo com as roupas, aquelas trouxas que lavavam pros médicos. [...] Gente de família assim, quantidade ela lavava.

Eu: E aonde é que ela lavava?

Dona Conceição: Na praia aqui lá na praia, lá na praia. Ajoelhadinha. A minha mãe fazia assim um... pano, pra ajoelhar, e lavar. Inclusive as mulheres de doutor levavam as toalhinhas quando menstruavam, separadinho, e a minha vó deixar de molho com *bosta* de cavalo pra tirar as manchas da ...

A minha vó foi... a mãe do meu pai, a vó do meu pai era escrava.

Eu: E a senhora sabe escrava de que família?

Dona Conceição: Não, porque a minha vó era Freitas eu sou o Freitas, tá. Mas a mãe dela não sei quem é porque eu... mas sempre por parte de pai e mãe eu tive bisavó ou tataravó, deve ser, escravas.

Eu: Mas a família de quem elas eram escravas a senhora não sabe?

Dona Conceição: Ah, não sei, é. Não sei.

A minha sogra mesmo foi daqui pro Rio veio de volta, mas já ficou em Porto Alegre, porque levaram o regimento daqui. Quando houve a guerra, levaram um regimento para Porto Alegre. Muitas famílias saíram daqui. A minha tia foi uma que foi..., tá. A mãe do meu marido, como eu te disse já estava, já estava cheia. Foi parar em Porto Alegre.

De porto alegre como ele, ele era... isso... acho que capanga do comandante foi pro Rio. Ela teve o meu marido no Rio de Janeiro. Quando ela veio, ela veio grávida porque eu tenho do meu marido era ele e uma irmã. A família era curtinha e foi muitas famílias daqui pra Porto Alegre.

Porto Alegre, ali quem vai pra Viamão, tem o Regimento Osório, pertinho da igreja do ...cosa. Ali era o regimento de Jaguarão. Eu tenho até hoje, eu conheço Porto Alegre como a palma da minha mão, mas Pelotas... Ali era o regimento de Jaguarão. Tem muitas histórias bonitas aqui. Eu estava curiosa, agora mesmo depois de 20 dias... Eu disse:

Dona Conceição: “_ José Carlos, me descobre a data da ponte!”

Eu: A ponte é de 1930.

Dona Conceição: 1930, A ponte é da minha idade. Quer dizer... principiaram antes, né. A minha mãe perdeu dois primos na construção da ponte. Sim em acidente, porque levaram tempo pra fazer a ponte.

[...]

Dona Conceição: José Carlos me descobre quem que inaugurou a ponte. Eu sempre tinha o Cordeiro de Farias. Que eu me lembro que eu era pequena, mas ele não foi. Quem inaugurou foi outro, mas ele veio pra recepcionar, depois da ponte está pronta. Aí o José Carlos achou o Cordeiro de Farias. Chovia, chovia. E a minha mãe... eu tinha uma capa de oleado e o Cordeiro de Farias baixou à rua, da São José, ali, a banda tocando. Que a banda daqui era uma maravilha, grande, grande, grande.

Tudo isso, às vezes quando chove, é que me dá isso na cabeça. Eu faço muito crochê né, eu tenho dificuldade, eu estou com os tendões todos rebentados. [...] Mas isso é lá do hospital que eu trabalhei, muito peso e limpar janela, e aquela coisa toda.

[...] A ponte é da minha idade. Esse orgulho eu tenho.

Não, eu tenho muita história, tá.

Eu: E a senhora estudou até que série?

Dona Conceição: Naquele tempo, até a 5ª série, mas era puxado. Era, número romano, Geografia, Norte, Sul, Aquela coisa toda, tá. Ah, mas era... mas eu adorava estudar.

Eu: Era boa aluna nunca levou um regaço do professor?

Dona Conceição: Não era homem, tá. 7 de setembro nós desfilávamos. Os desfiles de 7 de setembro, que coisa mais bonita... é tudo alinhadinho. A gente desfilava um dia, tinha o horário, como tem agora, dos colégios baixarem a Bandeira. O meu colégio foi aqui no Igídio Borges, era regime de militar. Se a senhora tava assim... o professor tinha uma régua, batia... “_ Dona Conceição, a postura!”

Era o tempo da classe já com a cadeira e eu desde o princípio tive um problema assim como o pescoço e eu quando me atacava, que era frio, o pai trazia uma pomada de Pelotas e eu passava. Aí quando eu chegava ele dizia assim: “_ Freitas, hoje a tua classe é lá no fundo!” Um quadro grande, bem na frente, porque era para não me deitar, por causa da postura. [...]

Uma semana era... as classes eram assim, uma menina e um guri, na outra semana, eram duas gurias. Eram bem grandes as classes. No centro tinha uma rodinha pra botar... no tempo da tinta. Tinha o tinteiro.

[...]

Tinha a Nicinha Borges. Usava muletas. Era a melhor pintora aqui de Jaguarão. Deve ter quadros hoje na São José (confeitaria) pela Nicinha Borges. [...]então a Nicinha sempre sentava na frente por causa da dificuldade que ela tinha. [...] e eu sempre ficava com ela, porque éramos duas defeituosas (risos). Eu arrumava os livros e ia com ela. Contratava a empregada dela, que o pai dela era o dono da Mesa de Renda. E ia pra casa. Sempre foi amiga.

[...]

Eu: Tinham muitos negros na sala de aula?

Dona Conceição: Não, não tinha. Era eu, tinha o Cândido que depois eu soube que o Cândido foi para o Rio de Janeiro. Não sei se ele foi da Marinha... E era pago, o colégio era pago. Pois é, negro era pouco. Diziam “_ A Conceição, ah, o pai tem oficina, paga o colégio!” E quando tinha reunião dos pais a mãe quase nunca vinha. Tenho outra história bonita pra te contar. Tá, o pai vinha. [...]

A minha mãe fazia, os autos, Chevrolet. [...] Ela fazia capota para os carros. Dela comer, botava a máquina, a máquina antiga, azeite. Cada capota. Tinha janelinha, puxava a janelinha subia. Os Chevrolets antigos.

[...]

Não tem jeito. Eu tenho loucura por Jaguarão, e agora com esse rapaz... ele é muito mais moço do que eu. Ele fez agora, 59 anos e eu tenho 83, mas eu sou feliz com ele é que agora ele ganhou minha casa minha vida. Eu disse vai pro seu canto e não gostei que ela é

pertinho do fórum, é longe e eu gosto mais perto do centro e disse pra ele agora eu vou pra Jaguarão, mas ficou a mesma amizade.

[...]

E naquele supermercado defronte aonde o Oliveira trabalha, ali foi o início do meu pai e o início da nossa família. Que nós morávamos... nasci na General Câmara, em frente ao colégio ...

Dona Conceição: Como é o nome daquele colégio que tem na General Câmara?

Eu: Alcides Marques.

Dona Conceição: Alcides Marques. O Dr. Alcides Marques era daquela casa aqui pegado... aqui defronte à rodoviária.

Dona Conceição: Também matei a minha curiosidade. Eu disse:

Dona Conceição: “_ José Carlos um dia tu me leva na Prefeitura que eu quero ver todos os prefeitos antigos”.

Dona Conceição: Ele me levou até era o Cláudio, e na sala: “_ Aquele foi fulano ou fulano ou fulano e ciclano”. Me botou à vontade na sala pra eu ver. Depois agradeci a ele.

[...]

Tudo isso eu agradeço todo o dia. Agora sou muito, muito católica. [...]

Mas de Jaguarão tem muita história bonita, sim.

Como era bonito o desfile de sete de setembro aqui, eram os colégios e depois a cavalaria, não. É. Os cavalos todos enfeitadinhos. Aí os colégios tiravam um grupo de cinco, seis, mais ou menos pra ficarem, pra puxar o desfile de sete de setembro.

Eu sempre estou dizendo: “Como Jaguarão se presta!”. O carnaval está matando o carnaval de Pelotas né.

[...]

E tem muitas coisas boas aqui.

Eu: E como eram os bailes do 24?

Dona Conceição: Ah, eram bons. [...] Faziam bloco das negras no carnaval e desfilavam. Agora vai desfilhar o 24. Eram 12, 15, de baiana. Um ano elas fizeram a jardineira. Eu lembro que a minha tia era um vestido tão bonito com um turbante de flor e um cesto cheio de flor. Desfilavam na rua principal. Ali na 27 (avenida 27 de janeiro).

Me lembro também da usina que o gelo... não tinha gelo. Naquele tempo não tinha gelo. Eram umas barras de gelo e... até tá dando na televisão, de um negrinho que ele diz assim “_Gelado era bom!” . Depois aparece um assim... E vinha na serragem as barras de gelo.

O 24 tinha, a senhora vai dizer que é mentira. Eu acho que é maior porque a minha mãe também cozinhava na noite de carnaval. Então era um latão, era uma mala forrada de latão. Enchiam as beiradas de serragem, as barras de gelo, que era a usina aonde está o Oliveira (Secretaria Municipal de Educação). Isso ainda eu disse pro José Carlos, tinha uma torre muito importante ali. Foi uma judiaria eles liquidarem aquela torre. [...] então ali botavam a cervejinha. A orquestra tocava no carnaval, desfile, as cadeiras todas na volta feito velório (risada), que hoje é o velório, né. As mães sentavam. A minha mãe cozinhava porque o meu pai era da diretoria, uns quantos, e ela dizia: “_Pra dançar, tu não me dança no meio, passa aqui pra eu te ver!” (risada) É... mas eu era sem vergonha.

Eu: Pai e mãe seus eram negros ou tinha um mais claro?

Dona Conceição: Não. Eram negros os dois. O tio Ponino, mesmo, muito... com o negócio do futebol, era bem escurinho mesmo. Foi um militar. O irmão da mãe, o menor. Ele casou com uma de Bagé e ele morreu. Era irmão da mãe e a mãe criou ele.

Tudo e a gente tinha relação assim. Mas eram muito bonitas coisas aqui em Jaguarão. Eu recordo. Aquele, é muito interessante também, aquele sobrado ali defronte o Caixeiral (Clube Social hoje desativado). Era dos barões. É da família dos Tavares Leite. Ele era bem alto. Só lavava e abastecia no posto de gasolina do pai.

[...]

Dona Conceição: A gente foi criada aqui, né. Por exemplo eu mesma, a doutora Jacy se era muito..., nós estudamos juntas. Claro ela tinha mais dinheiro. No tempo do Ipa, é. O Ipa tinha aqui. Era ali aonde é o SECAR. E ela foi quem me influenciou, dizia: “_Tira contabilidade de noite, Conceição. Tu és inteligente!” Eu trabalhava no balcão vendendo peças. Eu decorei todas as peças de carro. Ela insistiu.

Eu me lembro tão bem quando nós veio pro centro, o meu pai botou o posto de gasolina ali defronte o Bradesco. Aonde tem aquela Natura, aquela farmácia ali. A bomba era na frente, no tempo da manivela. E ela morava já no meio da quadra aonde está a casa dela hoje. E ela não saía de lá. Ela tinha dificuldade da matemática e às vezes eu... mas ali eu só estudava só, meu pai era sócio com outro branco, o Olavo Gonçalves, era a família Gonçalves. Meu pai só era mecânico e ele deu, nos fundos, uma casa bem arrumadinha pra nós morarmos, porque nós morávamos lá na General Câmera. E ela dizia assim: “_Conceição, vamos no matinê?” No tempo do matinê, no Esperança e eu dizia não sei se meu pai vai deixar, ela dizia “_ Não, porque tu és negra? Pois eu me sinto mais feliz contigo do que com uma branca igual a mim!” E ela ia ao cinema e eu também. [...] Eu ia. Duas três

brancas, a única negra - mas já tinha cabelo bom, e a minha mãe fazia tranças. A negrinha botava uma roupinha melhor, graças a Deus já estava melhor, já usava sapato de salto...

[...]

Dona Conceição: A avó dela era do Paraguai, da Jacy. O avô dela chamava Bolinha. Onde está o Banco, o avô dela tinha uma venda e ele fazia questão de dizer: “_ Não Cheda - o apelido do meu pai era Cheda - Cheda, compra tudo aí pros teus filhos, marmelada...” Meu pai comprava de tudo ali. No tempo do caderno. Se pagava a conta ele dava uma lata de abacaxi grande [...]. Eu recordei muita coisa assim.

Eu: E a banda, como era a banda? Tinham muitos negros?

Dona Conceição: Tinha branco, mas tinha muito negro. Tinha o primo da mãe, o Marçal que cuidava a Operária. Outra associação que venceu muito, que é a Operária que agora está nessa subida aí, mas era naquela casa defronte à Câmara de Vereadores. Me lembra que eu quero antes de morrer conhecer... ali era o Círculo Operário. [...]. Tinha uma parreira, tinha bilhar para jogar, tinha o Marçal Gonçalves. Era um negro bem pretinho, primo da mãe, que a mãe dele foi escrava também. Depois um branco criou ele e ali... então ele fazia que nós éramos aqui na esquina do Bradesco [...]e ele era da banda. Os uniformes da banda ficavam todos numa peça. [...] se algum uniforme estragasse a mãe reparava.

Eu: A senhora sabe aonde, como surgiu o Círculo Operário?

Dona Conceição: Ah, pois é. Não sei quem foi. Nesse álbum (Álbum que está na posse de outra irmã) eu acho que eu tenho o fundador do círculo operário. Porque o meu pai era do Círculo Operário e era negro. A banda, assim... A minha mãe conta que quando morria um músico a banda tocava o funeral. Mas isso sim eu já não me lembro porque eu era pequena. [...] depois que trouxeram o Círculo para cá. O círculo Operário sempre foi bem cuidado.

[...]

Eu: E o seu pai, agora vamos conversar um pouco sobre seu pai.

Dona Conceição: O meu pai, o nome dele era Cláudio Pereira Freitas e a minha mãe, Inês da Costa Pereira Freitas, porque a minha avó também foi uma... o meu pai... ela sempre falava que o pai do meu pai era um branco que fez mal a ela. Ficava tudo na... tudo na...

Aqui tem o Davi Pereira das Neves, aquela família Pereira das Neves, que eu acho que não tem mais, eram da gente do pai do meu pai. É que eles faziam assim com as negras, né. E não casavam. E aqui... Talvez agora que não tenha mais, mas aqui tinha muitos assim, filhos de fulano... É o Davi mesmo, o Davi era branco. O Davi teve Caixonaria. [...] e ele dizia: “_ Tio Cheda, eu sei que meu bisavô foi teu pai!” Ele considerada. O dia que o pai morreu ele

disse: “_ O caixão vai estar sendo pela funerária do Davi Pereira das Neves e o carro da Santa Casa!”

O carro da Santa Casa, era também outra coisa. Como era bonito! Em cima o forro era todo escamado como peixe, e o pai é que conservava aquele carro. O tio Cheda vai no carro de primeira e os outros eram puxados a cavalo e os outros, o carro mais pobre, é o era puxadinho a cavalo. Este não. Este já era a motor. Meu pai vendeu muita gasolina pro carro da Santa Casa, no tempo das freiras. Eu tenho sentimento, assim, de chegar no hospital e não encontrar aquelas freiras. As freiras aqui de Jaguarão. Eu vinha pra receber e ele dizia: “_ Vai lá e recebe a conta da Santa Casa.

Eu: Com quem ele aprendeu a profissão?

Dona Conceição: Na Ford. A Ford, sabe onde era? Não. Ele não existe mais. Ele morreu em Porto Alegre. Onde é a Casa Joia, em frente ao Oscar Amaro. Ali o meu pai, ele sempre disse: “_ Foi a primeira martelada, foi o primeiro parafuso que eu aprendi!” Ficar deitadinho embaixo dos carros para aprender. Dali era o Olívio Brum. Era branco, baixinho. [...]

Outra coisa também que eu recordo [...] Nossos talheres, sabe como nós lavávamos? Cinza do fogão. Pra clarear.

Eu: Como eram clareados os dentes?

Dona Conceição: Ah, meu pai tinha a mania de botar, parece que uma soda com caldo de limão, me parece. Não sei se era para a garganta. Eu não sei por que os negros antigamente tinham os dentes muito bonitos. Dizem que compravam porque levantavam e viam os dentes deles e dizem que era a canela. [...]

Eu também, a minha história também é bonita. Eu fui para lavar prato no hospital pra ser copeira e depois de copeira, quando estava com 50 anos, fui a Canoas onde a filha do Oliveira está pra aprender a lidar com aquelas mamadeiras que hoje o paciente recebe. 50 anos, 50 anos de idade. No tempo que se ia de ônibus de Porto Alegre para Canoas. Ali na Praça do Mercado e pegava o ônibus. Depois sim, depois o hospital botou uma Kombi para nos levar. Fiquei especialista em sonda. Era só eu que preparava.

[...]

Me aposentei. Tive que pedir as contas porque não queriam me deixar. Depois eu fiquei viúva já tinha um apartamento e aí então às vezes de noite a não tinha com quem ficar, porque eu sentia muita saudade do meu marido. Era só eu e ele, não tínhamos filhos e aí eu ficava.

[...]

Graças a Deus, e as filhas do Oliveira são minhas filhas, eu que criei elas. Eles foram pra Porto Alegre e nós nos desdobrávamos pra cuidar delas. [...] A Cláudia, que trabalhava no INSS, que tirava plantão lá no processamento de dados de Porto Alegre, é grande não é. Mas elas não foram criadas na creche. A gente se desdobrava. São as minhas filhas.

A Gabriela eu considero minha filha, basta estar que eu tenho poupança e tenho no nome dela. Já agora ela vai me trazer para cá. Queriam que eu morasse com eles. Não. Depois a gente já está velha e gosta de dormir mais tarde, eu vou ficar num apartamentozinho em frente ao laboratório do hospital, passando a clínica do Boito.

(choro de emoção) Como eu gosto de recordar...

[...]

Tem muita coisa de Jaguarão. É. O navio vinha, trazia banana. Parava. Nós tínhamos o navio. A minha vó, mãe da minha mãe, viajou muito no navio daqui para Porto Alegre, que as outras filhas dela foram casando e foram para lá. O navio encostava, ficava oito dias, sete dias. Tinha passageiro. Nós tínhamos o Loide (quem comandava o navio). Isso tudo foi terminando. O Loide era aqui, passando o Banco do Brasil, onde está o apartamento da Gilinha. Ali era o Loide. Se tirava passagem ali. Era o João Dufão era o que era trabalhava, era o filho dele. Estudou comigo. É Loid brasileiro das passagens de Jaguarão até... parece que eu tenho uma recordação que Santa Vitória foi calçada com muitas pedras aqui de Jaguarão. Outra coisa muito importante que, se reformarem a Enfermaria do Quartel. A Enfermaria... Minha Nossa Senhora, vou exagerar... acho que essa daqui do SECAR e da janela tinha uma mesa de mármore, era Duque de Caxias que era todo aquele, né era rodeado, como era da Prefeitura. E os soldados adoeciam e iam pra Enfermaria. [...]

Os soldados que tinham febre, que dava essas coisas, iam pra Enfermaria. Inclusive o meu tio e se o menor da mãe teve pneumonia e ele foi pra Enfermaria. E a sala aquela a gente via por uma porta de vidro, os que foram comandantes aqui teve o, o Azambuja que foi comandante do quartel, os meus dois irmãos menores, os três que era o Paulo o Marcelino e Beto tão felizes pelo nome do pai, que o pai graças a Deus nos deixou o nome limpo e nós zelamos por ele, eles eram chofer do comandante. Nunca foram de limpar cavalos. Eram especial. E o pai sempre dizia. Teve o Azamburja, que morou dobrando ali na esquina, naquela casa grande, do filho da Gilinha, bem na esquina, no meio morava o Azamburja. O guri dele brincava com o meu irmão do meio. E o pai fez questão dos três fazer quartel ele dizia que o homem tem que passar pelo quartel. E eles eram chofer do comandante.

Tirava aquele tempo depois iam pra Bagé. O Paulo, mais velho, que tirou especialidade naqueles tanques, ele foi pra Bagé. Teve um ano em Bagé. Depois ele casou

com uma moça lá de Bagé. [...] Essas a´eram todas da família Cassal. As moças daí faziam cada bloco no Harmonia... baaa, vou te dizer. Saia assim, aqueles blocos de carnaval e sempre foi assim, visitado. O 24 eles eram só de negros e um dia no carnaval, a comparsa visitava os outros clubes. [...] Apesar que o Harmonia trazia a orquestra do Rochinha, de Pelotas.

Eu: A orquestra era de negros?

Dona Conceição: Não, era de, de... até tinha três negros ate tinha um que namorou a minha tia. O Rochinha que é afamado. Que agora não tem mais. Vinha fazer os bailes e os nossos era a banda aqui e juntavam. Vinha gente do Rio Grande, então formava... Oh, beleza. Oito dias de carnaval.

[...]

Dona Conceição: Ah graças a Deus ainda me lembro de alguma coisa...

[...]

Dona Conceição: Tenho a minha economiazinha, o José Carlos sabe. Tenho a minha poupançazinha. T na consciência dele que... qualquer coisa faz um enterro legal lá, paga umas cachaças lá (risada). Se pudesse até a banda ia mandar botar (risada). Não é às vezes eu fico... eu gosto de fazer crochê, porque crochê é uma terapia para a cabeça.

[...]

Dona Conceição: Eu tenho muita fé, eu estou fazendo agora a novena do Pai Eterno e já recebi. [...] Ganhei um afilhado que eu não conheço. Quando o Papa agora assumiu, escolheram um afilhado para mim. Ele já me mandou inclusive eu recebi uma velinha. [...] Eu não conheço ele. Me mandou um rosário e a revista. [...] Às cinco horas não me ocupo pra ninguém. Eu sento aqui com o terço faço a prece [...] e depois boto um copo da água também para benzer.

[...]

Eu: Vamos voltar ao seu pai. A Oficina era no Bradesco...

Dona Conceição: Não. A oficina ali, não. Ali era mesmo só a bomba. A oficina mesmo era em defronte o...

Ele principiou ali, tirou um empréstimo no Banco do Brasil. Veio o gerente guardou o carro, reformou tudo. O pai comprou essa oficina de um italiano. [...] O italiano vendeu, ele reformou a casa toda pra ele. E eu tenho um cartão de Natal que ele disse, aliás, eles foram embora. Eles vieram da Itália, botou o posto de gasolina ali, que eram as bombas em cima da calçada. depois já era dessas modernas e no meio da rua, da prefeitura, quando calçaram o pai quebrou do posto, terminou com as bombas porque dava muita greve no Rio Grande. Então terminou e a Prefeitura... o pai já estava, já estava doente e a prefeitura pagou a indenização

da lavagem de carro que era o único posto de lavagem de carro no meio da rua. Ligava o compressor e o carro subia para ser lavado. Era o único que... tinha mais poço, mas para lavar... nós tínhamos muitos fregueses. O Tomazinho Matos mesmo, aquela casa verde ali na baixada, tinha aquele dia. Ninguém mais lavava carro. Eram só os carros do seu Tomazinho e do doutor Rubens Marques. É, a Prefeitura mesmo, nós vendíamos pra prefeitura óleo diesel, tudo isso aí. E ali meu pai foi subindo, deixou o nome e como ele sempre dizia: “_ zelem o nome, dinheiro não é pra mais, mas basta zelar o nome!”

E eu também tenho essa honra. Quando fizeram a Caixa Econômica, na esquina onde está o São João, fui a primeira quem botou o dinheiro. Fui eu (risada). Tenho o cartãozinho, já tá amarelo. Fui juntando aqueles trocados. Eu trabalhava, o pai pagava. Pagava também o salário. Eu dizia: “_ Pai, eu tenho mesa, tenho cama, e tenho vocês...”, paga os empregados. Nunca um empregado nosso foi se queixar que era na Mesa de Renda e saíam todos direitinho e eu era a última. Quando o décimo terceiro também. Se pagava, aí quando saía o décimo terceiro eu abri uma poupança. Sempre ele me dava os dias de carnaval, que aí eu estava mais mulherzinha, né, tinha meus namorados namorava, passava o carnaval no Rio Grande ou Pelotas. Eu tinha uns neguinho já (risada). Vou na poupança a tirar os meus trocadinhos pra passar o carnaval. Então o meu pai graças a Deus não nos deixou ricos, mas nos deixou o nome e a gente hoje tem o nome e agradece graças a Deus.

Eu me dou com todo mundo, bah. É, a Caixa Econômica era ali na São João, depois que fechou. E eu sempre tive... eu sempre controlei, e o resto da família. Ele disse pro meu marido uma vez e disse pra mamãe: “_ Erramos a forma. Em vez de ser homem nós tivemos essa guria!” O pai já estava doente. Eu comprava do viajante. Eu dizia: “_ Pai, pai, vamos comprar pouco!” Não vai faltar. Não vamos encher a prateleira, tá... e controlava. Os guris também.

Eu: Não foi por ser mulher que a senhora deixou de ter pulso?!

Dona Conceição: Ah, eu tenho pulso sim. Sim tenho pulso.

Eu: Seu pai tinha muito orgulho?

Dona Conceição: Ah, ele tinha muito orgulho sim. Graças a Deus. Eu até fiquei tão chateada no dia do meu casamento, que eu casei e fui morar em Pelotas e o meu pai disse, disse pro meu marido: “_ Olha é um ouro que você tá levando. Porque já quebrou as minhas pernas. O que acontecer, minha filha, tu volta que a porta da nossa casa estará aberta pra ti!”. Aos oito dias ele foi lá me visitar. Eu morava defronte o Prado. A primeira casa da polícia que botaram ali... o meu marido veio de Porto Alegre transferido prali.

[...]

Dona Conceição: Outra coisa que eu recordo também é ali onde está o supermercado da Anália, na beira da praia, ali era o Pelaio. Era português e esse é que era o chefe que comandava do porto pra vender e mandar pra lá. É, ele controlava. Chegava a mercadoria no porto pra vender e mandar pra lá. Era o seu Pelaio. Eu não conheci ele. Já conheci os filhos. A venda era do tempo da carroça.

Quando nós morávamos na General Câmara, nós não tínhamos água. Quem botou água na General Câmara foi o seu Cantalício que era o prefeito, era um velho bem baixinho.

Eu: Cantalício Resén?

Dona Conceição: Não, o Cantalício Resén era dali da livraria mais antiga onde está a Panvel. Um homem bonito, pai do seu Anísio. E esse era o seu Cantalício. Chamavam ele de baixinho não lembro o nome dele. Botou água, que nós carregávamos água da esquina, defronte o asilo. Nós não tínhamos água. Quando botaram água, ele botou uma torneira. A negrada toda limpando (faz gestos de esfregar os pés).

Fui criada de tamanquinho sempre estou dizendo, a minha avó, se chamava Siá Ana. O nome dela era Ana. Chamava Siá Ana, tem a sandália das gurias. As ricas né, leva tá, eu tinha... era o meu número. Os meus pés, nunca racharam meus pés. Aí a sandália curtinha, eu levava pro meu tio que era sapateiro, irmão da minha avó. E o tio chegava eo meu tio, que que é? Num saquinho de plástico. É que eu ganhei três sandálias. “_Bota o pé aí!” Aí ele cortava e passava na máquina. Aí eu corria o pezinho para frente. (risada) Mas eram sapatos bons que eu ganhava da minha avó que lavava pra fora. Elas davam. Muitos vestidinhos também, elas davam e mãe reformada. Éramos uns quantos. A minha mãe, entre todos, a minha mãe teve doze filhos. Perdeu um casal mas graças a Deus a farmácia também, meu pai tinha conta na farmácia e a minha tia, irmã do meu pai, morreu tuberculose. A tuberculose era braba. A minha tia namorou um soldado e ele passou a tuberculose pra ela, que morreu na Enfermaria. A tuberculose matou muita gente aqui em Jaguarão.

O Posto de Saúde como eu recordo era ali onde está... aqui defronte os banheiros, como é o nome dele?

Eu: Antônio Carlos Marques?

Dona Conceição: É. Ali mesmo, isso mesmo, era o posto de saúde. De um lado e o IPA, do outro... Isso mesmo, e a gente vinha todos os meses pra revisar quando não tivesse baixado a menstruação, remédio, e o nosso banheiro, nós não tínhamos banheiro. Era um coisa de trono, e nós fazíamos cocô. Ah, no posto de saúde forneciam os pacotezinhos de cal pra gente botar pra consumir aquela obra.

[...] A minha avó, no fim do ano, ela lavava pra fora, o pai já fez direitinho. Era um chuveirinho feito numa lata, com furinhos e puxava e ele gritava “_ Conceição, deixa o banho para os outros!” Mas eu tinha o cabelo muito comprido... É mas em tudo se vivia bem. A cacimba também, com água, a minha avó plantava as melancias, botava as melancias a gelar na cacimba. Tudo isso então eu recordo... Ah sim, agora eu estou com um bom chuveiro, ventilador... quem te viu passar, mas eu não esqueci, eu não esqueço.

O que é as coisas... assim o café era passado também com uma colher feita de... ah, falta de higiene mas era um café saudável os bules grandes e um aramezinho passava...

[...]

Isso! Saquinho branco. O nosso lençol de saquinho. A mãe botava uma chitinha. Assim tudo isso hoje a gente tem bom lençol, lençol térmico eu não tenho porque tenho medo (risada), um ventilador, então a gente sente-se feliz.

[...]

13.4 Mestre Vado

Irmã: E ele não casou com ninguém. Aí quando ele chegou mais ou menos aos setenta... mais de setenta anos arrumou uma noiva. Uma senhora velha já né. Eles iam casar mas aí não casaram ele gostava assim era de estar sempre junto com a família. Já tinham marcado a data do casamento aí eles se desarreglaram e desistiram.

Ele ajudou muito as pessoas, assim, os que estudavam. Às vezes tinham uns que pagavam e outros ele não cobrava nada.

O meu filho estudou música com ele desde menino a minha irmã disse para ele: “_ Não, você tem que ensinar esse menino porque ele é teu afilhado!”, que era o meu filho. Aí o meu filho estudou. Estudou com ele e depois foi fazer um exame de música, ele estava no quartel, pra entrar pra banda né. Aí o exame era no estado do Rio Grande do Sul, Paraná, e Santa Catarina. Ele tirou primeiro lugar e os outros companheiros dele que estudaram aqui todos passam.

Tinha uma senhora, agora não sei como é o nome até o rapaz veio aqui em Jaguarão, o rapaz até agora é professor de música e estudou com ele era aluno não sei de que colégio, acho que era... parece que era Alberto Ribas que ele estudou...e então ele trabalhava assim, como as os alunos que dão quando tem... que são bem sucedidos nas notas... Ele trabalhava na caixa depois ele saiu acho que era gente pobre, era lá do cerro, não sei como era o nome dele. Aí esse rapaz, a mãe dele veio pra agradecer a ele por que o rapaz que estudou com ele foi fazer um exame pra música, pra entrar na banda que passou, aí ela veio agradecer a ele. E hoje ele é professor de música e quando ele se formou veio, queria levar ele para que ele entregasse o diploma, mas ele já estava ruim, não deu para ir. Esse rapaz aí quando ele já estava muito, muito... ele vinha aí e deixou até um livro para ele. Fez uma tese, tinha que fazer e fez sobre ele, que o ajudou. O que ele ensinou para ele... porque ele ensinava a música do tempo que ele aprendeu. Tinha que começar sabendo o que era música. Tinha um monte de perguntas. Ele ensinou o meu filho também, é. Meus dois filhos, mas um só seguiu na música. Foi um verdadeiro professor de música.

Ele pegava uma música que nunca tinha visto e tu sabe que ele olhava, ali ele cantava. Ele cantava aquela música. Ele sabia o solfejo entoado.

Há muitos anos atrás, eu não lembro porque nós éramos 15 filhos né, e tinha o Osmar, tinha um mais velho que era diferença de 20 anos do mais moço ou mais de 20, então esse aí eu nem cheguei a conhecer porque morreu. A minha mãe teve 15 filhos e eu não me lembro dele ter estudado. Vinha as bandas lá do Norte do Brasil, Centro né, e aqueles grandes mestres

foram os que ensinaram para ele aí meu pai pagava os professores pra ensinar a música pra ele. Viram que ele era muito inteligente. O mestre da banda, não sei se era do Recife, era lá do Norte. Ensinou solfejo entoadado para ele e aí... ele sabia tudo de música. Sempre inventando aqueles métodos de músicas né.

Ele ensinou, ajudou muita gente. Tinha uns que eram tenente, outros sargento, tudo da banda né. Ele ensinava para eles. Tinham uns que não pegavam, não podiam pagar e ele ensinava, dava aula de graça né. Ele ensinou os meus dois, ensinou os meus sobrinhos. Ele se dedicou só a música, tocava em baile, em carnaval, eram as orquestras, né. Ele tocava aqui no Uruguai. Quando ele era novo ele tocava sábado, domingo, quinta.

Ele também fez muita música. Tinha um chorinho até que meus filhos gravaram. Ele fez, mas nunca chegou a gravar. Nunca saiu daqui de Jaguarão. Ficou, se deixou só aqui em Jaguarão e morreu com 88 anos. Não tinha ruga, nenhuma ruga.

Uma vez num carnaval um rapaz que tinha um bloco fez uma música e acho que a 15 anos atrás botou que era os 100 anos dele, aí todo mundo pensava que ele tinha mais de 100 anos. Se ele tivesse cem anos não estava tocando nos bailes. Tocou no Suburbano até bem velho, depois ele não tocou mais porque ele adoeceu de câncer e depois se curou, mas mandaram que ele voltasse lá e ele não voltou e depois a doença voltou, dentro de uns três anos mais ou menos e aí quando a gente levou ele para ver o que era, aí a doença já estava avançada. Se ele tivesse ido, continuado o tratamento... Ele fazia endoscopia, também tinha câncer no esôfago e no estômago. Ele aumentou 17 quilos. Se tratou bastante tempo em Pelotas. Ficou completamente curado, seguiu tocando. Vai fazer três anos que ele morreu. Dia 10 de dezembro, três anos vai fazer.

Ele morava aí do lado na casa verde. Tem os troféus dele, tem os retratos dele tocando, tem dois retratos grandes. É ali onde ele viveu, naquela peça ali... Só o quarto porque a gente vendeu as coisas dele aí eu digo pra minha irmã que mora ali, até o sax dele tá ali ainda, e o meu filho que mora em Pelotas mandou arrumar, lustrar. Ficou bem novinho. Não tem nenhum músico porque os sobrinhos, filhos e sobrinhos... podia ter um que gostasse de música, mas... o que gosta de música é só instrumento de corda esse gosta esse toca e o outro tocava pistom e aí se eu tivesse... a gente teria dado pra um deles aí eles mandaram deixar aí. Façam o que quiserem nós estamos em três, todos velhos e eu digo: “_Depois façam o que quiserem!”. As coisas estão tudo ali.

Seguidos aí na Casa de Cultura fazem homenagem pra ele. Ele é sempre lembrado por isso ou por aquilo.

(Chega o marido e interfere fazendo perguntas e relata outras pessoas que já estiveram pesquisando a vida de Mestre Vado)

Irmã: Eu disse pra ela que ela venha no sábado pra conhecer o museu dele. Ela disse que vai tirar fotos eu tava dizendo pra ela que tinha o livro daquele rapaz que a mãe dele morava lá no cerro.

Cunhado: O que é sargento agora?

Irmã: É. Que pediu para ele ensinar a música. Ele chegou lá e passou lá no Exército. Não sei se foi no Exército ou na Brigada. Não sei em que foi. Depois ele tirou a faculdade de música e aí ele tirou o diploma e queria levar o Vado pra entregar, que fez uma tese, uma coisa que ele falou, mas o Vado já estava muito ruim e não foi .

(O marido lembra que este é o mês da Consciência Negra. Comentam sobre outra pessoa, uma mulher também negra, que faleceu há pouco. Falam que esta senhora era doméstica, negra contos sobre a outra entrevista que realizei com a senhora de 83 anos) Explique qual é o objetivo do meu trabalho, como realizo a minha pesquisa.

Cunhado: Ele era uma pessoa que se perdeu em Jaguarão, um crânio como músico.

Irmã: Alguém teve visitando o Vado e disse que em relação à música, aqui no Rio Grande do Sul, tudo o que ele sabia pode-se tirar uns oito. Pois ele tinha acho que já de nascença já, ele pegava qualquer música e sabia como cantava, né. As alturas das notas ele sabia.

Ele era meio compositor ele tinha muita música feita por ele, inclusive ele fez o hino de Jaguarão muito mais bonito do que este que tocam. Não é porque ele que tenha feito, mas todo mundo diz. Eu não sei qual é o prefeito que trocou, botou outra, botou um hino meio gauchesco, não é. Ele escreveu a música, né. Essa letra é capaz de estar arquivada na Biblioteca ou na Casa da Cultura. A letra foi aquelas filhas daquele capitão do quartel e foi o Vado que fez a música praquela letra, é.

Cunhado: Os músicos ficaram com melhor situação financeira.

Irmã: Ah, a gente ficou com o salário mínimo, porque ele não quis sair daqui de Jaguarão.

Foi aquele Tenente Mauro que arrumou pra ele ir pra a banda em Plotas, Pelotas ou... de Rio Grande e ele não quis ir. Não quis sair. Ele se achava bem assim. Era uma pessoa muito humilde. Você olhava pra ele e não dizia... não se importava... a gente tinha que está arrumando ele pra.. Dizia olha tem aquele coreto, o prefeito, eu sempre arrumava ele direitinha, pra, pra... Depois quase não enxergava, tava enxergando muito pouco, tava quase cego e se ele se operasse, ficaria cego. Eu andei com ele nos oculistas, até no Uruguai andei.

Ele foi em Pelotas, recorreu. E até o oculista disse pra operar, mas ele poderia até perder a vista. Eu disse “_ Olha, em perder a vista e ficar enxergando pouquinho é melhor ficar enxergando pouquinho!”. Aí eu levava ele pelo braço praqui e prali. Ele enxergava bem pouquinho. Tinha vontade de ser operado... ele já estava doente mas enxergava dentro de casa.

Cunhado: Muita gente nem dava o valor que ele tinha porque ele era muito humilde. Ele não se valorizava. Era muito... não valorizava o que ele sabia e muita gente não dava valor. Ele tinha a mania de ficar sempre encolhido.

Irmã: Ele gostava era de criança. Gostava de brincar. As crianças estavam sempre na janela com ele.

13.5 Dona Neusa

Neusa Maria Machado da Costa, nascida em Jaguarão, em 1945.

Eu: O que a senhora faz hoje?

Dona Neusa: Hoje eu trabalho na lavanderia. Passo roupa, só o meu serviço e atender o caixa pra patroa. Sou a boneca da confiança dela. Que quando a gente começou, fazem quatro anos, a gente foi só. Eu e ela. Ela me procurou. O namorado da minha filha falou pra ela que eu poderia querer. Que eu estava sem... Tinha pensão, porque fiquei viúva. Eu tinha pensão. Aí eu fui passar roupa na casa da patroa. Aí uns três meses depois ela falou pra mim: “_ Tia Neusa estou fazendo uma lavanderia pra nós, te animas ser pau para toda a obra?” Me animo sim. Aí a gente foi, chegou o dia em que a lavanderia ficou pronta e ela disse: “_ Vamos embora!” Só se for agora. E fomos duas pra lavanderia.

[...]

Dona Neusa: Eu já trabalhei de cozinheira lá no Dr. Rubens Marques, trabalhei na Dona Silvia, que agora é morta. A Dona Silvia do Diogo Vieira. Trabalhei na Dinara, que por sinal era uma boa patroa, mas o marido dela me passou pra trás. Assinou a minha carteira, trabalhei cinco anos e ele assinou com um mês só. Não pagou o INSS, eu fiquei a ver navios. Não recebi nada. Não fui pra justiça porque achei que... Ele chegou e falou pra mim: “_ Dona Neusa, se a senhora me botar na justiça eu perco tudo, casa, mulher, filho. Perco tudo.” Ele também, ele não trabalhava. Era ela que era professora e depois se tornou diretora lá daquele colégio que tem perto dos bombeiros.

Meu pai se chamava Darci Correia Machado e a minha mãe, Genésia nobre Anjos. Os dois jaguarenses. [...] O meu pai eu acho que era da campanha, da 2ª zona de Jaguarão. A gente trabalhava um pouco aqui na cidade, outro pouco eles moravam lá fora a gente ia pra fora e ficava um tempão e vinha pra cidade arrumar um serviço.

Vim ainda nova 13, 14 anos por aí. Cuidava criança. Trabalhava lá na Helena. Esqueci o sobrenome dela, não vem ao caso. Era ali perto da praça. Ali eu trabalhava lá com ela. A Helena era a professora. Ele trabalhava na Charqueada, ela era professora e eu cuidava as crianças pra ela, ali, em frente à praça. Ali e sempre foi a minha vida, assim trabalhando.

Um dia eu tô no serviço [...] chegaram lá, correndo assim, bateram na porta e “_ Neusa, é contigo!” Fui ver. Mas aí eu já tinha meus filhos, já era casada. Era senhora Neusa. “_ Já almoçou?” “_ Já”, eu disse. “_ Que anda fazendo aqui, Mocinha?” Disse ela pra mim “_ Eu tô te procurando porque eu tô precisando de alguém que me puxe a escola Estrela na Avenida!”. Eu digo... “_ Eu puxar a Estrela?”. “_ No consigo achar um puxador, você que

tem boa voz.” “_ Te animas?” Eu digo: “_ Mas é claro, afinal, estou aqui pra quê?”. Nos fomos embora.

Eu: Em que ano era isso, lembra ou não?

Dona Neusa: Ah, eu não me lembro. A Cristina é de 66, foi depois de 66. Eu já tinha o Rodrigo.

Comecei a ensaiar com eles na quadra. E sabe que deu certo! Foi uma beleza. Eu não me lembro a música que a gente cantou porque... nem sei se tem em algum lugar aí a música que a gente cantou naquele ano. Mas ficou muito bom, ficou lindo. De vez em quando dava umas brigas no meio do povo, lá e eu fazia que nem estava vendo. Continuava firme, pra bateria não parar, né. E passamos aquela briga toda, lá. Fomos embora, lindo de ver. A Estrela ganhou. A gente se deu muito bem.

Eu: E o carnaval sempre a sua paixão?

Dona Neusa: Carnaval a minha paixão. É, toda a família, né. A gente saiu. Eu já saí uma vez de baiana, mas as minhas amigas disseram que eu não podia ser baiana que eu não era pra ser baiana. Tinha que sair ali no meio da escola, no vai e vem ou de fantasia, de destaque, assim, qualquer coisa nós... e assim eu digo fui baiana uma vez só depois eu não quis mais ser baiana se o meu pessoal não queria que eu fosse, eu não fui. Continuei sempre saindo, puxando o pessoal.

Eu: Dona Neusa, esses dias a senhora me falou como começou a cantar, de como alguém lhe descobriu cantando. É essa história que eu quero que a senhora conte agora. Onde a senhora trabalhava? Quem lhe escudou? Quem deu valor à sua voz? Onde a senhora foi cantar depois?

Dona Neusa: Assim ó, a minha irmã, Mocinha, ela trabalhava no finado Miraboa Baltar. A Helena, naquele tempo lá tinha o colégio das irmãs, era ali pertinho, do lado assim agora tem assim até um hotel lá, o Crigial. Ali era o colégio das irmãs e a gente trabalhava ali defrente. Aí ela disse pra mim que tinha o Oliveira Silva, que é o Valmir, ele fazia show de calouros - que é o marido da Ellen Beatriz. A Ellen Beatriz até hoje está na rádio, trabalha lá. E aí ela disse: “_ Vou te levar pra cantar!”. Tinha aquela guria do Salvio, ela agora até tem uma banda de música num lugar aí. Depois vou me lembrar do nome dela. E aí chegamos em casa e a minha avó disse assim: “_ Vocês nem têm ideia, tem uma mulher que canta bem, mas canta muito bem. Adorei a ver!”, disse ela. E a Mocinha preparou pra ela. “_ Eu vou fazer pra ela uma sacanagem!”, disse a Mocinha. Vamos? Eu digo, de quê?. É que eu vou te levar para cantar. Eu digo: “_ Me levar pra cantar?”, sim. “_ Vou te levar pra cantar.”. “_ Nós vamos no Esperança que tem um show de calouros lá, que o Valmir Silva está fazendo. Tu vais?” Eu

digo: “_ Mas é claro que eu vou!”. Aí chegou no dia nós fomos. Levei a roupa pra lá pro serviço e de lá fomos direto. Eram duas quadras. Em pouco cheguei lá. Me aplaudiram de pé, né. E aí quando a gente chegou em casa ela disse assim: “_ Olha, que pena que vocês não estavam aqui!”. “_ Porque mãezinha, disse a Mocinha?” - a Mocinha chamava ela de mãezinha porque foi ela que criou a Mocinha, né – “_ Porque cantou uma mulher muito melhor que a outra que estava cantando.

Como era o nome daquela guria do Sálvio que eu não consigo me lembrar... ah, não vem ao caso. Não consigo me lembrar agora, mas depois eu lembro (risada). Aí ela foi. Eu não consigo me lembrar o nome da guria . Aí ela disse: “_ Sábado que vem vocês venham cedo porque o programa começa às três horas!”. Bueno, tá. A gente vem. Saímos do serviço e fomos pra casa.

[A filha interfere dizendo que ela se apresentava com um apelido, Neusa Só].

Dona Neusa: Nelza Soares era lá em Porto Alegre que me botou o Ivan Castro porque eu tinha a voz parecida com a voz da Elza Soares. E aí ela escutou, escutou. Terminou o programa e ela disse: “_ Que judiaria, a mulher não cantou!”. E eu digo que... (risada) aí ela disse assim; “_ Vocês não puderam ver, mas sábado que vem com certeza ela vai estar lá!”. O nome da mulher eu acho que era a Rosângela Só, para ela não descobrir. Sim era Rosângela Só. É Rosângela e sobrenome Só. Então ficou Rosângela Só.

[A filha interfere novamente e fala que naquela época mulher de família não cantava]

Dona Neusa: Naquela época é... não admitiam mulheres cantando. A minha avó, Deus me livre. Ela achava que ... Aí um dia vai uns parentes lá por casualidade, assim. Foi um sobrinho dela, que era filho de uma irmã dela, da tia Candinha. Foram pro tal de teatro ver o tal de show de calouros e a Neusa tá lá, cantando. A primeira coisa que eles fizeram, foram lá na minha avó dar os parabéns e dizer pra minha avó: “_ Como a Neusa canta bem! Como a Neusa canta bem. Olha, cantou melhor que a guria do Sálvio!” Do Sálvio era o nome do pai dela e aí ela assim: “_ A Neusa cantando? “_ Sim, claro. E canta muito bem.” Quando nós chegamos lá ela já estava pronta pra... (risada). Quando nós estávamos lá essa mulher não cantava, e quando nós não estávamos a mulher cantava. Ela veio descobrir pelos parentes.

Quando nós chegamos lá ela: “_ Mocinha tu não tem vergonha de estar ensinando a tua irmã a mentir?”. “_ Por que mãezinha?”, “_ Porque eu fiquei sabendo que ela estava lá, cantando lá no...”, “_ Mas quem foi que disse?” “_ Tu não me desminta, porque a tua tia teve aqui e ela me disse.” Ela disse: “_ Não, claro. Mas a gente sabia que a senhora ia ficar brava a gente não disse nada. Era eu. Levei a Neusa pra cantar lá disse.” Nos damos bem pra caramba!

[...]

Eu deveria ter uns 13 por aí. 13 anos por aí.

Eu: Não admitiam que as mulheres cantassem?

Dona Neusa: Não admitiam. E principalmente a minha avó, porque a minha avó tinha aquela mania de não é pra sair aqui porque fica feio, não é pra ir ali porque é feio. Tudo era feio pra mulher naquele tempo, né.

Eu tava olhando uma reportagem na TV e estava dando, é porque a Alcione puxou a escola de samba, muito bonito, muito bem. A primeira mulher a puxar uma escola de samba. Eu disse, sim porque não me conheciam. A primeira fui eu, porque quando ela foi puxar eu já tinha puxado a escola de samba aqui. Só que não... Uma coisa assim, longe, não era famosa, não apareceu. Cidade do interior ninguém ficou sabendo. Mas aqui mesmo, naquele tempo mesmo vinha muita gente de fora. Que essa cidade, né Cristina, tava assim ó, cheinha de gente.

Eu: E esse show de calouros no teatro era regular, era todos os sábados?

Dona Neusa: Todo o sábado.

Eu: Durante quanto tempo mais ou menos a senhora sabe ou não?

Dona Neusa: Ele durou até que o Valmir Silva morreu.

Eu: E a senhora virou freguesa do show de calouros?

Dona Neusa: Ah, virei freguesa. Depois eu... me deu uma raiva lá fora. Porque me levaram pra fora. Eu fiquei lá fora. Me deu uma raiva, Fugí. Arrumei a minha malinha. Só a minha irmã que era a Marilu, que era mãe do Giovani, ficou sabendo. Eu digo, amanhã to me mandando! “_ Pra onde tu vai?” Eu digo, fica-te quieta. Eu vou botar a minha roupa toda arrumadinha dentro da mala em baixo da cama e vou me mandar amanhã. “_ Aonde tu vai?” Eu vou para a cidade (risada). Eu tinha uns 14 anos por aí. Vou pra cidade. Aí meu pai fez café, saiu pra lavoura, eu botei o pé na estrada. E me mandei. Cheguei lá na esquina do Cristo [quilômetro 131, BR 116] e ali me deram uma carona. Vim pra Jaguarão de carona. Muito bem, era muito chique. Tava ali sentado esperando o ônibus me deram carona. Bom... Mas eu nem sabia que a gente podia correr algum risco, né. Era nova. Não tinha ideia. Naquela época não tinha muita maldade. Naquele tempo me trouxeram. Eu fui pra chácara do Penha, não apareci na casa da minha avó, não apareci na casa da Marcinha, fiquei lá escondidinha, na chácara do Penha. Na chácara do Penha era uma senhora que benzia, uma benzedeira. Aí ela disse: “_ Bom, eu vou ligar para Porto Alegre que eu tenho uns contatos com pessoas de lá e aí se tu quiseres ir pra lá, eu te mando direitinho. E... conversa, aí me falou com um engenheiro da construção civil. Dona Terezinha, Seu José. “_ Olha, Neusa, já tem um serviço

pra ti. Tu vai te animar a ir?”. “_ Mas é claro que eu vou!”. Tá. Aí me botou no ônibus. Ela disse pra mulher a roupa que eu estava, já disse: “_ Escolhe a roupa que é pra eu poder te dar direitinho o sinal!”. Olha que Porto Alegre era grande, né. Não era como é agora, que agora está muito maior. Mas eu cheguei direitinho. Ela me conheceu pela roupa. Ela disse, “_ Olha o carro vai ser assim, assim, eu vou estar assim, assim. Vou estar com duas crianças e um homem careca!”. (risada). Eu olhei assim, eu digo... é aquele ali. Cheguei lá. Naquele tempo a gente levava sete horas de viagem daqui lá porque não tinha facha, né. Saí, acho que a meia noite, acho que eu cheguei lá às 7 horas da manhã ou mais. Aí tá. E aí eu fui na farmácia, comprei remédio pra levar com medo que me desse alguma dor no caminho, sozinha. Mas eu ia bem prevenida e bem decidida.

Dona Neusa: [...] Tinha duas meninas e um menino, Edgar, a Rosane e a Simone. Coisa mais queridas as crianças, né. Aí eu saía com eles, andava ali, estava no bairro do Menino Deus ali.

Então um dia bateu uma mulher lá na porta, que eu sempre cantarolando, fazendo meu serviço, cantarolando, cantarolando. As crianças iam pro colégio, ela saía e eu ficava lá cantarolando. Aí bateram na porta um domingo. Ela me diz, a D. Terezinha: “_ Neusa tem uma colega tua de serviço aqui do apartamento debaixo que quer falar contigo!”, ela disse assim. “_ Mas primeiro eu quero falar com a senhora!”, disse ela. “_ O que que tu queria?” “_ É que eu vejo alguém cantando aqui e eu queria saber quem era porque eu queria pedir permissão pra levar ela no programa do Ivan Castro.” Ela disse: “_ Daí é com ela.” A aí ela me mostrou. “_ Quer ir comigo?”. Era uma pretinha, alta, coisa mais querida. Se chamava Glória. [...]

Chegou domingo me arrumei, me emperiquei toda, parecia uma boneca. Aí eu já tirei primeiro lugar. Aí todo sábado ela me levava. Não lembro se era sábado ou era domingo. Era um programa de rádio, era auditório, mas era gravado. Aí o homem não me deixava cantar todos os domingos porque depois de eu cantar as outras não queria cantar. Não deixavam elas ganhar. O pessoal batia pra mim. Tinha duas cadeiras, poltronas e a outra cadeira. Eu me sentava no trono, e depois quem me tirava desse trono? Ninguém porque o auditório... tomei conta do auditório. Era por palmas e aí ele já não me deixava cantar. [...] Não me lembro se era sábado ou se era dormindo, e eu acho que era domingo eu acho. [...] não tenho nenhuma foto daquele tempo, nenhuma foto. Que me levaram, me levaram, não sei que fim levaram minhas fotos. Levaram todas as fotos que eu tinha bem arrumadinhas, bonitinha, direitinho. Eu acho que passaram a mão, nós saíamos dali e íamos no bailinho, comemorar, ir no bar e eu acho que eu deixava a bolsa, me levaram as minhas fotos não fiquei com nenhuma, queria

tanto ter as que eu tenho são todos daqui mesmo. São daqui do 24. E aí depois quando eu vim embora pra cá ainda continuava, viste, o show de calouros no teatro. Que eu não me lembro, mas acho que ainda era ele que fazia, o Valmir Silva. E aí tinha um show lá. Aí eu acho que já estava casada. Eu estava casada, porque o teu pai não queria que eu fosse cantar porque não tinha mais inscrição. “_ Não, como tu chegou agora de Porto Alegre eu te arrumo uma apresentação especial!”. Aquele auditório estava cheio, tu não tem ideia. Eu já cantava antes de ir daqui, né.

Dona Neusa: [...] O meu marido não queria [...] Eu não ia pelo prêmio. “_ A Neusa está fazendo uma participação especial, ela não está concorrendo ao prêmio!”. E aí todo mundo queria que eu ganhasse naquele tempo davam um radiozinho, assim, todo chiquezinho. E aí eu tive que brincar. “_ Gente eu estou cantando uma música só pra comemorar que eu estou de volta a Jaguarão, mas eu não estou concorrendo”. Era melhor que os outros né, senão já tinham perdido o rádio.

[...]

Dona Neusa: Meu marido sempre me acompanhava. Quando eu trabalhava no posto do Tamer e quando eu fui puxar a escola de samba aqui ele, ele pediu licença pra deixar um no lugar dele e ele ia sempre aplaudindo, né Cristina. Ele gostava. Ele não cantava nada, mas ele adorava.

[...]

Dona Neusa: Uma feita teve um show de calouros no Arroio Grande e eu fui. Eu digo assim pra ele... e aí ele disse, ah eu não vou ir no Arroio Grande, disse... no show de calouros porque eu vou estar trabalhando. Ele me botou no ônibus e a gente foi. Pois tu sabe que na hora de eu me apresentar lá, ele estava na sentado na primeira fila. (risada). Eu não sei de que que ele foi que chegou tão ligeiro, menina. Era de noite, né Cristina e quando na hora de me apresentar ele estava lá. Disse “_ Não posso perder, eu tenho que estar!”. Estavam os irmãos dele, estavam os tios, todos lá. Todo mundo, né, aplaudindo e todo mundo dizia que eu ganhava mas sabe como é que é esse negócio de jurado... que um puxa praqui, outro puxa prali... Sei dizer que ninguém, nada. Nem primeiro, nem segundo, nem terceiro, nem nada. Mas acontece que eu me apresentei. Me levaram, eu fui, me apresentei e me apresentei bonito também.

Eu: E a escola, a senhora puxou só uma vez ou por vários anos?

Dona Neusa: Uma vez aqui e outra no Uruguai. O carro tinha se desgovernado e eu saí pra dizer, lá na frente, pra bateria, pra soltarem o cabo que puxava, o carro da rainha, pra tirarem as cordas que o carro estava indo, né. E aí estava o João que era um rapaz que

sempre... morava com a Mocinha lá, cuidava dela. Ajudava muito e ela. Ele era do Papão, tudo. E aí estava o Derli puxando e ele. Aí eu saio pra ir dizer pra eles, correndo, que soltassem, liberasse o carro da rainha que estava atropelando o pessoal, né. Quando me viram me deram o microfone porque o Derli, ele canta direitinho e tudo, mas é uma música no baile, quando ele toca bateria e tudo né, ele canta bem. Mas como ele é meio gordinho, eu acho que ele cansa. né. E aí eles me passaram o microfone e eu sai puxando. Sempre toda vez que tinha ensaio lá na escola, na quadra, eu ia sempre. Eu não faltava. Podia faltar a bateria, mas eu estava lá (risada).

Eu puxei aquela escola de toda a ponta, era na Coxilha. E o puxador deles aqui não tinha ido. Quando eles me viram e sabiam que eu sabia... Então, toma. Vai tu mesmo.

Eu: A senhora nunca quis ou nunca teve oportunidade de cantar de forma profissional?

Dona Neusa: Essa senhora depois da Dona Terezinha que eu tive, lá em Porto Alegre eu fui pra casa de duas solteironas, a Dona Leonor Stigmayer e a Margarida Stigmayer e elas queriam me levar pro Chacrinha, acho que era. Eu não me animei ir porque era de avião (risada)

[...]

Dona Neusa: Tu sabes que nesse negócio lá de Porto Alegre, no show esse que eu cantava lá, eles fizeram um show de calouros entre todos os calouros que estavam lá, pra escolher um calouro ou dois, os melhores pra cantar no meio de gente grande. E aí veio a Elis Regina, o Moacir Franco e a Bibi Ferreira. Vieram pra Porto Alegre. Eu fui um desses escolhidos, naturalmente. Aquele povão todo a meu favor, fui uma das escolhidas. Aí a gente foi pra..., lá pra, pra TVE, acho. Que era mesmo no morro de Santa Teresa. [...] Aí a gente foi pra cantar mas deu uma daquelas quedas e a Neusa dançou. Não pode apresentar. Sabe aquelas quedas que dá na TV e não conseguem arrumar... às vezes ele se acertam na hora, outras vezes não sei se o fio rebentou, não sei o que aconteceu que não deu pra gente se apresentar. Mas eu tiver lá dentro, olhei tudo cheio de televisãozinha, assim na volta. Coisa mais linda.

Eu: Mas chegou a conhecer os artistas pelo menos?

Dona Neusa: Sim, claro. A Elis Regina esse... o Moacir Franco e a Bibi Ferreira.

[...] Conheci eles, só não pude cantar com eles. Eles podiam até gostar e me levar com eles. Eu tenho uma sede de gravar um DVD e ainda vou gravar um CD, se Deus quiser. E vou juntar um dinheirinho, eu vou gravar. Eu vejo gente que grava que canta menos que eu.

[...]

Dona Neusa: O nome da menina que eu queria te dizer é Maria Abigail, Maria Abigail e ela foi a Porto Alegre num dia de show. E ela foi cantar e ela achou que ela ia me ganhar e sabe o que que aconteceu, eles deram um empate (risada). Ela tem uma banda aí num lugar não sei aonde.

Eu: Até que série a senhora estudou?

Dona Neusa: Até a quinta.

Eu: E onde era a escola?

Dona Neusa: No Pagliani. Cedinho já saí de casa para trabalhar.

Lá fora tinha uma escolinha lá na Bretanha, 2ª zona, que a gente estudou. Lá fora tinha um granjeiro, o Naná e tinha uma escola para os funcionários. O meu pai trabalhava lá na granja dele, então tinha aula pra todas as crianças da vila. Depois quando eu vim pra cá estudei no Pagliani. Eu nunca rodeio, mas eu nunca segui em frente...

13.6 Professora Lacy Caldas

Professora Lacy: É depois, mas não tinha isso... quando eu fiz a faculdade nós éramos tratados tudo igual. Não tinha essa bobagem. Agora é que tem. Eu acho, eu acho que a própria raça, o próprio negro se separou. Eles que se separaram pensa comigo, eu acho ...

[...]

Professora Lacy: Era sempre muito solicitada né!? Muito reconhecida, é. Porque eu ... e no Normal Regional uma colega minha - não se cita nome agora - uma colega minha que era da nossa... da nossa cor. Ela era muito desleixada. Ela trabalhava em casas de família, mas ela ia pro colégio com a roupa rasgada embaixo do braço, suada. Nos pés um tênis, uma congá, era uma coisa assim e... e mal cheirosa assim saía da cozinha ia correndo porque não dava tempo não é!?

Professora Lacy: [...] Quando ela passou em todas as matérias e a madre julgou ela depois que ela não poderia fazer ... receber o diploma. por causa da ...Ela foi a aparência. Ah, isso sim e eu estava de acordo porque também a pessoa assim né, mal cheirosa e tudo né... Que jeito!? A gente tem que cuidar muito, prezar pela chegada. A gente... eu sou...

Nunca me viram eu pingando. Eu usava sapato de salto agora não posso usar mais, mas eu tenho. Às vezes vou de carro, meu marido me tira do carro de braço, me segurando, porque falta bengala... Porque o dia que eu tiver que usar bengala eu não vou sair mais. Muito egoísta né Deus que me perdoe, mas eu estou com 77 anos. A coluna me faz eu me desequilibrar.

[...]

Professora Lacy: Bom eu não sofri. Não tinha, não existia o bullying na minha época... Hoje está...está em tudo né! E apesar quando eu era criança mocinha nós fazíamos isso com as amigas. [...]

Eu nunca permiti também com um aluno meu. Eu era muito assim pelos alunos, porque eu tenho este método comigo. Acho que o aluno pode não gostar de vir a estudar por causa da primeira série, a professora é que marca. Marca, sim.

Então eu tinha muito receio. Lecionei aqui o Dr. Cicco, o Dr. Jorge, dos doutores ai... a Ana Cecília, a dentista, a irmã também. [...] A Isabel e médicos, mais uns que não estão aqui, o Danilo se foi, era anestesista. Está em Pelotas agora. E lecionei vários médicos aí e padres. Tem um padre inclusive que me fez uma mensagem muito bonita no face, que se ele hoje era padre, que ele agradecia a mim, que eu ajudei muito eles. Que bom ter reconhecimento.

Eu apresentava, como religiosa também, ali eu fazia cenas não é. Nascimento crianças no bercinho, na manjedoura. Tudo era com representação. As crianças adoravam.

Chegou o dia que eu disse... fiz bem... apliquei o livro Vera, Marcelo e... como é... Vera, Marcelo e Faísca e eu fiz desenho de cachorrinho. Não nem sei jeito de cachorro, mas eu fiz e não tinha essa evolução que tem hoje do eletrônico então as crianças aceitavam muito bem visse! Ah, aquilo porque o cachorro nem tava parecido muito com cachorro, mas ele eles estavam acostumados. Agora só estão no play. Eu vejo pelo meu neto se não é o celular é o play. Eu tinha uma facilidade assim de dramatizar. Eles adoravam vendo as figuras e desenhavam. [...] Nós pegávamos a sílaba VE e treinávamos [...]

Vou te ser sincera, uma coisa, que eu acho muito fraco, sabe, que as crianças às vezes estão na 4ª série e não sabem ler corrido. É. Eu, visse. A interpretação... gosto de literatura. A interpretação não é um foco do assunto, todo o tema está nele. Eles não tem assim... aquela coisa... Saem sem saber.

Chegou o meu neto aí (incompreensível): “_ O vó, me diz o teu truque!” que tava com dificuldade no CLA, CLE, CLI, com L intercalado né, CLA, CLE, CLI e eu me sentei, os troços na cabeça. Eu tinha uma facilidade no desenho, eu dava aula desenhando. Desenhava um mapa. Hoje não fazem isso.

Pra dar um mapa do descobrimento do Brasil as crianças... eu já dei o mapinha. Lá estava o Brasil, os barquinhos vindo de lá, os barquinhos, botava no quadro coladinho. Os barquinhos vinham, as três caravelas e ali pra só comentar assim como eles. Pra eles terem noção, né. Qualquer criança eu fazia já com facilidade. Desenhar o mapa do Rio grande do Sul que ali eu já dava limites, hoje as crianças não sabem isso. Eu acho assim, um atraso uma coisa horrível. Mas eu não sei.

[...]

Mostrando os certificados, a professora comenta-os.

Aqui eu te disse que tirei o meu normal e comecei a trabalhar. Este é o primeiro. Foi a primeira faculdade normal que apareceu, era Regente do Ensino Primário. Aí eu entrei no Joaquim Caetano que eu me formei com uma turma que hoje faleceram, era a diretora a Diva que morreu no acidente com a minha colega que era afilhada dela, Maria José. Então quando ela foi... eu era muito amiga das gurias e ela me colocou. [...] Aqui essa é outra que eu fiz porque eu achei que estava esquecida, 22 anos, vai cair lá em português então eu preciso tirar então me inscrevi aqui para fazer vestibular. Fiz outros três anos. E esse diploma é o último que eu tirei. [...]

Visse, então eu não sofri esse negócio do racismo eu era bem quista, a gente tirou faculdade tudo junto o total era 70 pessoas pra aprender a faculdade.

Eu: Tinham muitos colegas negros?

Professora Lacy: Não é só eu que apareço.

Me convidaram para diretora da escola Nelson Wortman e eu não aceitei. Eu estou aposentada da APAE, eu ganho pelo Estado, 44 horas como duas pessoas.

No meu tempo, não sei se é no teu tempo agora, era plano de carreira. Eu recebi todas as classes. Minha era a classe, D. E era os secretários, delegados de ensino eu fui quase, a penúltima né. E eu acho que a gente por ser boa e eficiente, eu levava muito a sério aquilo.

[...]

Esses dias estavam falando em acabar com as APAES. Não é possível. Eu atendi muitos aí da Lauro Ribeiro. Não é possível uma criança estudar junto, Eu vi.

Essa minha sobrinha, a Carina..., são capazes, lia como ninguém. [...] Números de telefone tudo na cabeça. [...]

Tu sabes que eu lecionei os com Síndrome (Síndrome de Down) e todo mundo se alfabetizou e liam [...] Agora são muito francos, o que tinham que dizer de bandalheira, diziam. [...]. Os professores não estão preparados pra recebê-los.

O meu marido fez no pavilhão da escola bem pra cá, da Joaquim Caetano, arrumou uma classe. Ali tinha ordem da diretora pra atender as crianças. Não se falava em APAE em Jaguarão, pra atender as crianças com dificuldade e eu me interessava por que eu tinha uma sobrinha filha de uma irmã do Glacy que tinha Síndrome de Down, e eu gostava, adorava essa sobrinha.

Eu tinha um, todo com defeito. Com bengala, com muleta. E eu botei lá dentro que era bem capaz, né. Botei pra uma aula, a professora vinha chamando no quadro. Ele era bem capaz, inteligente. Quando chegava nele, pulava pro outro de traz. Ele quase deu com aquelas bengalas na professora. Discriminação aí, né. Eu acho que a discriminação é feita pela própria pessoa.

Eu li uma vez assim, repara: “o baile do peão negro”, fizeram um tal dia. “O baile do peão branco”. Por que que o baile... era tudo peão! Por que que o negro não foi no do peão outro? Visse, eu... cansei de ver. Agora comigo nunca teve, graças a Deus. Eu entrei, fui a um baile em CTG pra ver, fui recebida pelos patrões. Os patrões tinham sido meus alunos. Quase todos as pessoas assim... eu fui... eu não gosto de frequentar. Se eu fosse uma pessoa oferecida, ah... eu... eu não gosto. Fui convidada até prum bloco no Harmonia tu vê... da... daquela Marques ali onde era o posto de saúde. Era de antes. Me convidou pra entrar num

bloco delas. Eu nem tinha assim... quando eu falei com ela... Eu era professora das filhas, né? Ela me convidou pro [incompreensível] como é que eu ia me chegar no bloco? “Não, eu por mim não, eu não posso... aquela conversa”.

Mas eu graças a Deus nunca sofri racismo, nunca. Tá bem sabe como é né que é, a aparência é uma coisa e por trás é outra. A gente tem que se habituar a isso aí. Mas não nunca, nunca.

Meus pais eram pessoas humildes. Meu pai era da campanha. O meu pai, a família do meu pai é família rica de Jaguarão existe ainda. Porque o meu avô era filho dizem, que era filho natural filho natural duma família, duns ricos com campos e coisas no município de Herval e em Cerrito.

Quando este reconheceu, o meu avô quando fez a divisão da herança, ele dividiu assim, um e outro pra todos os filhos e no meio entrava o meu avô também. Dividido campos iguais e lá meu avô viveu. Com campo, com o rancho. O rancho estava lá e tudo. Dividiu. Antes de o meu pai morrer o meu pai vendeu esse campo com casa e com tudo, os animais tudo o que tinha dentro deu pra minha tia, visse uma irmã dele. E o resto tudo, ficou com ele e vendeu para outro tio que era o irmão... o pai do Cláudio Farias, visse. Vendeu pra ele que é aonde o Cláudio Farias tem a estância, o campo dele era a casa do meu avô, ta. Então o papai era dessa gente então e a minha mãe era também filha natural dos Ferreira. E vinha, chegava aquelas ossadas, carne de ovelha. Aquelas coisas em época de Natal. Eu não sabia, eu era pequena e aquilo tudo eram meio calados. Então, né, então a minha mãe era bem diferente.

[...]

Assim que eu e meus pais, bom o meu pai o meu pai era bem preto, elegante. Puxou o casamento e a minha mãe, não. Era mulata. Era dos Ferreiras. E tudo um homem veio um dia, encontrou meu marido no banco e disse, “_ Ah, te casasse se com aquela mulher, aquela tua mulher não presta a família ... e ele disse não, para que a mãe dela é minha sobrinha!”, disse. Visse, ficamos sabendo por que ela não abria e vi quando ele veio para o sepultamento dela. Veio aquele homem elegantão que era o pai, né. E eu aí quer dizer que assim não e a mãe era muito esforçada pra dar porque o meu pai era muito seguro, muito. Tinha tudo embaixo de uma cama num tapete de tira aqueles que a gente faz e não era capaz de nada. Ai, meu Deus. Então a mãe tinha que trabalhar muito pra nos dar.

E gostava de estudar e desde pequena queria ser professora, sabes. Que a nossa casa ali aonde é a Padaria Santa Rita a nossa casa morei, eu nasci ali. Atrás da porta tinha os desenhos que eu fazia. Os desenhos pra... ensinando. O que a professora dizia no colégio eu dizia dentro de casa, aí tá a facilidade de ensinava os meus alunos imaginários. Sentava,

fechava a porta escrevia na porta tudo, dava todinha a aula. Depois eu passeava pelo meio dos canteiros lá em casa, assim, dando aula, passeando com meus alunos. Passava falando sozinha isso que eu gostava aquilo foi de... foi de gostar.

Aí eu enchia uma mesa, tinha, sempre gostei, de alunos de pessoas adultas pra ensinar e aí eu dava aula, preparava pro banco, preparava pra entrar em correio, preparava o homem lá da usina que tinha que marcar hora e não sei o quê, que não sabia e eu dava aula e aí... 12, 13 anos, a mesa cheia e aí eu fui. A Gilka do Pagliani, aquelas todas fui eu que botei no banco, né. Todas minhas alunas. Aí eu fui pra entrar nas freiras. Uma vez eu estava atrasada até no pagamento e eu fui lá no caixa dele, não sabia contar, era analfabeto, aquele monte de dinheiro, nota de 1000 reais. Roubei duas, paguei. Que tem a coisa e ele nunca descobriu que eu tinha roubado.

Meu pai, muito firme e muito brabo. Comigo então era uma fera sempre. Uma fera é. Então quando eu comecei a namorar o Gleycy a coisa piorou. De eu estar prontinha pra sair e ele me atirar uma bacia d'água. [...] Ele não podia pisar na calçada lá de casa. O pai sentava resmungando, era uma fera, visse. E então a mãe tinha que trabalhar para dar as coisas para nós porque ele não dispunha dessas coisas, não comprava. Então é isso. Eu fui criada assim, muito assim. Não era com qualquer pessoa que a gente se juntava.

Eu: A senhora estudou no colégio das freiras que era pago?

Professora Lacy: Pago. Tudo particular. Estudei. Um ano me apertei e roubei dois mil reais e ele nunca ficou sabendo, pois estava aquele dinheiro estava pronto para emprestar para as pessoas. Gente ficou com casas e tudo, né. Ele usava o dinheiro para emprestar pras pessoas, pros outros e não comprava as coisas. Não nos dava nada. Nós tivemos que vender a casa, uma casa lindíssima aqui em cima, na terceira quadra onde é a Padaria Santa Rita. Ali ficou uma só porque a casa era da Maria, única irmã viva que eu tenho. Ela mora em frente à praça Comendador Azevedo, uma casa de grade.

[...]

Eu: Agora conte da sobre a fundação da APAE.

Professora Lacy: Foi assim: então eu tinha essa classe especial no Joaquim Caetano. Ali um professor velho que tinha já na escola e ele me ajudou. O professor Antônio me ajudou a colocar a fórmica em todas as mesas. Todos aqueles espelhos grandes, comprei pra colocar, armário e tudo, a gente se adaptou para uma classe especial. porque a classe precisa ter tudo isso. Então ali, que era muito unido e tudo ali eu comecei a dar aula pra essas crianças.

[...]

Professora Lacy: Aí quando apareceu o boato de uma APAE, entrei na comissão, visse. Foi assim e quando eu me aposentei eu fui de secretária pra essa APAE que iam fundar. Estavam fazendo e tudo. O Seu José Luiz Piúma. Ele tinha uma filha que foi minha também. Aluna. E aí precisavam, mas como fazer para uma APAE, pra uma escola tem que ter uma biblioteca, são leis que vem de lá. Não tinha livros especializados, nenhum. Eu dei todos os meus livros, tinha coleções *Escola e A criança e eu*. Aquela porção de coisas. Doei os meus livros e como fazer capa pelada o que se faz? Todos esses cursos aí, então eu digo não, eu faço eu e a Ercilinha.

Nós tomamos conta das rédeas, do início. A Ercilinha, uma pessoa maravilhosa que eu não canso de elogiar e amiga, ela saiu assim tudo conseguir sabe como é né, tem que ser. Nós íamos pra a praça atacar um e outro, fazer aquelas campanhas de doação de tudo pra ajudar o Seu José Luiz, seu José Luiz Piúma. E ele queria então nós íamos, toda assim funcionando, então nós começamos a frequentar esse grupo, não é. E a, a Lígia Ribas eu me lembro fazia parte eu, a Ercilinha, bom. Aí nós fomos vendo. Já tinha..., ele fez um prédio, já tinha as serventes e uma cozinheira que precisava. Aí nós tomamos a frente, mas “_ Que que vamos fazer?”, digo. Não... O cofre ali no banco e nós vamos fazer as fichas, que se chamam as anamneses. As fichas deles todos. O histórico daquela criança todinho, o histórico. Muitos não tinham condições de vir, mas nós ficávamos de mandar, mandávamos o alimento. No início era assim.

[...]

Professora Lacy: Tinha outro que então... vinham aqueles alunos assim, tu não imaginava que estava... Precisava ser muito apurado pra saber as coisas. Aí nós fizemos todo o preparo. Fiz toda a papelada. Precisava agora os médicos pra fazer. A Ercilinha, por lá pelo meio, conseguiu um dos melhores médicos, justamente o que me operou. O Antônio César Brito. Um ótimo cirurgião, reitor da Católica. Ele veio e entraram médicos de Pelotas... tinha que ter um médico psicólogo. A Gelci, aqui foi a Gelci. Uma outra que vinha de Pelotas ... Essas crianças precisavam passar por isso. Passavam pelo pedagógico. Eu era a supervisora pedagógica da escola, da APAE, e coordenadora pedagógica. Aí não lembro bem o ano, em 26 de abril iniciou a APAE.

Eu não dava nada de colégio, mas eu tinha sempre que estar presente. Eu tinha que estar presente na disciplina.

[...]

Professora Lacy: Eu acho que a discriminação é feita pela própria pessoa. Se tu pegares uma pessoa, uma coisa... “_ Ah eu não quero me juntar com o fulano, só com

beltrana...”, ficarem nessa cosa... No Brasil não tem racismo. Dizem que não tem, mas tem quantia. É, mas tem quantidade. A própria raça negra, a nossa raça, a nossa própria, a nossa raça faz a discriminação.

Fui palestrar lá em Herval dentro de um CTG, dar aula para o magistério me convidaram aí eu fui. Qualquer coisa me solicitavam. Num turno eu trabalhava com os alunos, no outro atendia aos alunos da classe especial. Eram especialidades diferentes.

[...]

Professora Lacy: Mas eu graças a Deus nunca sofri racismo nunca tá bem. Sabe como é né, o que é!? A aparência é uma coisa e portanto por trás é outra. A gente tem que se habituar a isso aí. Mas ... Nunca .

Por ser negra que eu nunca senti, nunca me fizeram nada porque elas não podiam comigo. Com um currículo desses elas comigo não podiam. Ao contrário vinham me pedir ajuda. Quem me olha assim nem sabe que eu tenho... a gente não fica se bobecendo, se exibindo, não adianta dizer que eu tenho tudo isso se eu for uma grosseira, uma estúpida. [...]

[Folheando os certificados...]

Professora Lacy: Esse Farias, paguei para tirar do meu nome. Eu sempre recebi desse rico, do Celso Farias, umas piadinhas. Uma vez eu recebi, cheguei no Paraíso, que eu queria comprar um capa de chuva bonita e ele disse, bem, disse o Farias, já até morreu. “_ Difícil se ver *mil reais!*” Se via pouco *mil reais*, era difícil se ver mil reais. Ele quis me dizer que era difícil ver um negro com notas de *mil reais* na mão. Eu tinha sim. Então comecei a me... essas coisas a me revoltar até que um dia eu [...] paguei pra tirar esse sobrenome. Eu não sou Farias! [...] Foi uma forma de discriminação.

13.7 Seu João Chaves

Então a Prefeitura Municipal de Jaguarão precisava de um local para jogar o lixo, o entulho, aterro sanitário.

Então, quem sai de Jaguarão como se fosse em direção ao Cemitério das Irmandades, quem dobra lá em cima em direção ao famoso Passo D'areia.

Ali, um pouco adiante tinha uns barrancões que dava para se esconder um automóvel ali. Ali a prefeitura então botou, tapou, botou o lixo ali. Então aquilo ficou tangenciando com a estrada. E houve uma marcha, uma marcha de um esquadrão e... mas como era urgente esquadrão dizia que ia almoçar no Passo das Pedras a cavalo e as quatro horas estando no quartel, então a gente ia almoçar e montar a cavalo. E vinham as pessoas ali, a cavalo. E ali naquele lixo, um sol... vejam bem, uma e meia, duas horas no sol de verão assim. E ali naquele lugar onde a Prefeitura esvaziava o lixo tinha um, tinha adiante uma galinha em elevado estado de decomposição, ali mais um cachorrinho e tudo e três criancinhas. Três lindas criancinhas, toda criança é linda. Três lindas criancinhas ali, brincando, correndo. Sendo que o menorzinho quando começa a caminhar ele vai correr com os outros, tropeça e cai. E uma criança, aquele menorzinho vinha com uma chupeta na boca, certo. E cai a chupeta. Não estava atada, dependurada. Cai bem em cima de uma galinha, de um galo, uma galinha morta. E uma pessoa olhou para a outra ali e disse pro capitão: “_ Olha, isso aí é criança que a mãe está trabalhando cuja mãe está trabalhando, cuja mãe está trabalhando e não tem com quem deixar as crianças e deixa-as encerradas com o maiorzinho. O maiorzinho em vez de falar...” E aquela autoridade ainda disse para a outra pessoa: “_ Olha as minhas crianças, um carrinho menos uma roda não querem, uma boneca com menos um bracinho não querem, mas esse pobrerio, essa gente pobre, eles aceitam assim por que arrancam do outro carro, outra roda puxam assim, assim, assim. Pode ser que um dia, pode ser que um dia Jaguarão tenha uma creche para amparar essas crianças!”. Viu? E alguém chegou e contou isso para o seu João.

O seu João então ficou muito penalizado, já que ele tinha um coração magnânimo, ele disse: “_ Esse terreno ao lado aqui da sociedade, que era do seu Carlos Adão Gonçalves está para vender!” viu. e nós então podíamos comprar esse terreno, né. E se... aí já a essa altura, viu, a gente para ir para o ginásio, pra entrar no ginásio tinha que fazer o a admissão pro Ginásio. Pra fazer a admissão pro Ginásio tinha que ter o certificado de conclusão do curso primário, que chamavam Colégio Elementar antes, que era até a quinta série, certo. Então o

que que houve com o Seu João? Na Sociedade, antes da creche ele funda ali uma escola. Um curso de alfabetização para adolescentes e adultos.

Consegue, arrecadando aqui e ali, uma gratificação só para não dizer que não era nada. Aquele curso chegou a ter 60 alunos, desses 60 alunos 20 eram militares. Ao invés de entrar na Escola Regimentar, eles entravam lá. E se dava até estímulo pro aluno. Ele te dava papel, dava borracha, lápis. O Seu João conseguia tudo, certo. Então, antes da creche, antes disso que aconteceu, de comprar o terreno ali, então funcionava ali uma escola de corte e costura. Muitos e muitos senhores e senhoras que são avós, estudaram no corte e costura da Sociedade. Curso de corte e costura, tá.

Então o Seu João, em homenagem a uma senhora muito bondosa, ele trabalhava de pedreiro e aquela senhora era muito bondosa, ficava longe, então ele trazia o almoço pra aquecer nas brasas no pátio pra não ir em casa descansar. Aquele senhora, a professora Guilhermina Moraes de Farias então... “_ Não, a partir de agora o senhor não precisa mais trazer comida, o senhor vai almoçar aqui!” E em sua homenagem ele botou o nome daquela escola particular professora Guilhermina Moraes de Farias. Naquela escola hoje, para nós que somos espíritas, somos muito contentes porque aquela escola estudou a dona Evanilda, que é presidente da Sociedade Espírita Irmãos Unidos, estudou o nosso irmão Merciano que hoje participa do colegiado espírita Ponto de Luz aqui no Mercado, estudou o Eriberto Fernando Rodrigues que é secretário lá da creche. Então, todos estudaram. Por ali tinha então uma escola de corte e costura uma escola de datilografia gratuitamente e uma disciplina muito rigorosa. A entrada era no meio da quadra e a gente exigia que o aluno que viesse de mãozinha com aluna, eles largavam e pegavam os livros com os dois braços senão não entravam na escola porque não podia esses namoros.

Assim era o Seu João. Bom, então o que que ele fez? Já tinha escola de datilografia, já tinha curso de corte e costura então o que ele fez, ele se deu conta que aquele terreno ao lado estava para venda e se tinha muita pena, aqui em Jaguarão já se via ancião, senhora, idosa com netinho batendo de porta em porta pedindo esmola. Então ele achou que seria... quando ele soube daquilo disse aos companheiros, olha o terreno que está ao lado aí pra vender. O Seu Carlos Adão, para nós, vende até pra pagar... dá uma entrega e seis vezes. “_ Então, mas como vamos pagar isso aqui?” Então eu lhe pergunto: “_ Mas como é que vamos pagar isso aí?” “_ Em campanha. O senhor sai a jogar futebol com os soldados aí e ...”.

[...]

“_ Olha, é o seguinte, nós vamos juntar papel e papelão”. Eu duvidei. Eu disse, “_ Seu João, não tem quem compre papel e papelão em Jaguarão!” “_ Ah irmão, em Pelotas estão

comprando”. Aí vem a segunda parte negativa: “_ Mas Seu João, como é que vamos levar esse papel daqui a Pelotas? Vai sair mais caro o transporte!” . E ele dizia: “_ Irmão D, o senhor agora ganhou uma casinha popular lá entre o engenho e o campo Jaguarão. Já aconteceu de faltar luz e o senhor ter que comprar velas o fósforos no Bar dos Motoristas. E o senhor consegue chegar no balcão sem pedir licença?”, “_ Não”, “_ Porque ele está cheio de caminhoneiro ali e nem todos aqueles que estão ali estão carregando... Eles estão aguardando uma horas, contando um caso ou outro. Descarregando sua carga de banana ele vai vazio. Então eu faço amizade. Se tem na escola dos sessenta alunos, de três aulas, sessenta alunos e desses, vinte militares eu junto papel e papelão com meus filhos, vou enfardar e quando tiver uma carga vou lá no Bar do Motorista, faço amizade com o motorista e venho. E o senhor suspende aula ali. Vinte soldados, a gente carrega o caminhão no upa upa. E no outro dia, a hora que o caminhoneiro for, eu vou”. Então era na estrada antiga, a gente levava... Lá ia Seu João em cima. Aquele senhor idoso cheio de filhos em cima de um caminhão de carga pulando lá pra Pelotas pra comprar o terreno aonde é a creche.

14 Considerações finais

Observamos o progresso lento e ainda um longo caminho a ser percorrido quando falamos em história do Brasil, do povo que lhe constitui.

Remetendo à escrita de Cruz (2005, p. 25), em seu artigo *Uma abordagem sobre a história da educação dos negros*, ela afirma que estudos nessa perspectiva resultam em uma nova história local, uma nova forma de fazer na educação onde se possa ver a narrativa de acontecimentos por vários observadores, passando a se conhecer o lugar que cada um ocupa como historiador e como participante do contexto estudado. Segundo a autora, teremos, assim, um fenômeno histórico visto por vários ângulos, a partir de várias lentes. Uma história nessa perspectiva merece ser denominada história brasileira. CRUZ destaca em Cunha Jr (1999),

é que são escassas as abordagens em períodos históricos mais remotos. Enfocam-se principalmente a “sala de aula”, o “currículo” (explícito e oculto) e as “relações étnicas e de poder no espaço escolar”, delineando uma história recente da educação, no sentido geral, e da escolarização, no sentido específico. (2005, p.27)

Aporto-me a Amauri Mendes Pereira em seu artigo *Escola – espaço privilegiado para a construção da cultura de consciência negra*, para reforçar o importante papel da instituição escola para com a temática não só do negro como da questão étnica. Destaca o autor:

Quaisquer que sejam, no entanto, os cenários que as subjetividades de cada um pretendam privilegiar, é forçoso reconhecer que a questão étnica e cultural ainda está longe de ser contemplada. Como falar, então, de avanços significativos na educação, se conteúdos e procedimentos didáticos ainda se encontram impermeáveis a essa temática, e a maioria dos agentes educacionais insiste em permanecerem cegos, surdos e mudos à exuberante diversidade de sua clientela, e culpando a grande maioria por não se encaixar nos padrões cognitivos, afetivos, estéticos e comportamentais requeridos?. (2005, p. 38)

Ao realizar este trabalho, pude perceber que mesmo em tempo e espaço diferentes a vida de nós negros tem muito em comum. Como pode se perceber a metade dos entrevistados são pessoas que vieram do campo, da zona rural, como eu.

Identifiquei em Seu Gilberto a figura de meu pai, campeiro e que domava o cavalo necessário para a lida campesina. Na figura de seu Ricardo enxergo representada minha mãe, também benzedeira, conhecedora de simpatias, de ervas de chás e xaropes caseiros. Que assim como ele, quando criança, usava vestes feitas com tecido de saco branco e andava de pés descalços, calçando tamancos de pau apenas quando lavavam os pés para deitar. A figura da professora Lacy representa a minha determinação em perseguir meu sonho, o de ser professora e também de respeitar as diversidades no universo principalmente escolar. Dona Neusa é a figura que enfrenta as adversidades da vida com bom humor. Como ela, já estive muitas vezes frente a situações difíceis e que as enfrentei e carreguei como aprendizado, nunca como arrependimento.

Essas entrevistas mostram a vida de pessoas negras que estão ansiosas por reconhecimento. Cada uma delas ao rememorar seu passado, mostra uma parte da história de Jaguarão que está legitimada pelo registro escrito.

Acreditamos que um passeio turístico tendo como guia a Sra. Conceição seria uma aula inesquecível aos pequenos e grandes moradores desta cidade. A professora Lacy com suas experiências com alunos especiais é dona de uma sabedoria, um traquejo pertencente a poucas pessoas, tem muito a contribuir para a educação em geral.

Seu Ricardo retrata em suas falas a cultura das benzeduras, prática comum e cultura já arraigada nesta comunidade. Uma cultura que tanto as práticas diárias como os estudos comprovam ser herdada da cultura do negro.

A vida do homem do campo é percebida na fala de dois entrevistados, seu Gilberto e seu Ricardo, cada um com suas especificidades: um, o que podemos dizer, típico gaúcho⁷ (peão), acostumado na lida do campo, seja com o gado, seja com o cavalo, incluindo aí a doma e participante ativo dos festejos referentes aos costumes rurais. Já Seu Ricardo, representa o homem que mora no campo, mas que realiza outras atividades. Desprovido do cavalo e morador posteiro de favor, em troca desta moradia faz o trabalho braçal, que podemos classificar como de manutenção da sede da propriedade, como roçar, lenhar, aramar e mesmo assim, para prover seu sustento deve buscar trabalho na vizinhança.

A cultura popular, mais precisamente o carnaval é percebido na história de três dos entrevistados, Dona Conceição, Dona Neusa e Mestre Vado. Os dois últimos são os personagens que marcaram e são lembrados até hoje quando se fala em carnaval.

Dona Neusa é quem traz boas lembranças dos cantores populares da cidade, cada um buscando uma chance de destaque na música através do reconhecimento do público.

Estar com essas pessoas foi muito além de prazer, foi descoberta, confirmação de que é em atos simples que a história se faz. Percebi nessas pessoas que, ao passo que se contavam, descobriam-se como seres sociais de grande importância, pois notavam-se em cada frase, em cada oração, um feito que no conjunto é algo que também funciona como peça relevante na construção desta sociedade.

Está na hora de nossa sociedade mudar o conceito de que para registrar a história de um lugar tem que se buscar dados nos diversos contribuintes. Devemos ter em consciência

⁷ É uma denominação dada às pessoas ligadas à atividade pecuária em regiões de ocorrência de campos naturais do vale do rio da Prata e do Sul do Brasil, notavelmente no bioma denominado pampa, Sobretudo sua origem é na Argentina, Paraguai, Bolívia e Uruguai. As peculiares características do seu modo de vida pastoril teriam forjado uma cultura própria, derivada do amálgama da cultura ibérica e indígena, adaptada ao trabalho executado nas propriedades denominadas estâncias.

que uma guerra não se faz somente com generais e coronéis. Soldados e cidadãos civis muito mais do que esses que carregam insígnias, estão à frente das batalhas. Assim dá-se a construção de um lugar, cada um contribui com um pouco e neste contexto, o de Jaguarão, o negro contribuiu e muito, pois como já foi citado, em certa época somavam 50% da população. Esses escravizados deixaram como legado seus descendentes que estão, como em qualquer lugar do país, locados às margens da cidade, constituem a periferia e é nessas escolas também de periferia que estudam a maioria deles.

Uma sociedade não é movida, tampouco construída por mãos de poucos privilegiados. Cada pessoa tem a sua contribuição, por ínfima que pareça, é mola propulsora em outros desencadeamentos.

É hora de destacar também como “vultos ilustres” na história de nosso município, essas pessoas que mesmo de grande prestígio continuam desconhecidos, anulados, nos bancos escolares. Esses negros e essas negras contam o que viveram, são testemunhas de si mesmos e da história e são deles os herdeiros que em sala de aula percebem-se diminuídos pelo não reconhecimento do legado de seus antepassados, tendo como consequência um ensino de história que o desprestigia, o anula como ser social também construtor de história e não dá a este aluno argumentos, informações positivas sobre sua etnia para que possam reproduzi-los seja em casa, seja na sua comunidade.

Essas entrevistas, consideradas ações afirmativas de combate ao racismo e à discriminação racial, têm a intenção de promoção ativa e positiva da igualdade de oportunidades para todos. São uma forma de criar meios para que essas pessoas passem a competir espaços no ensino com aqueles idolatrados até então, pessoas brancas, abastadas financeiramente, consideradas como de prestígio na sociedade.

A sala de aula passa assim a ser palco de discussões ricas, pois outras verdades surgem fazendo emergir uma história até então desconsiderada ou nem mesmo eleita como merecedora de prestígio e de registro nos livros didáticos. Assim, alunos e professores ganham argumentos para enriquecer uma aula, pois ali está sendo valorizada a contribuição do Outro, do negro.

Dessa forma serão corrigidas as desigualdades historicamente impostas a determinados grupos sociais ou étnico-raciais com um histórico comprovante de discriminação e de exclusão.

Não devemos desconsiderar que a continuidade deste trabalho dependerá sempre da avaliação constante da escola. Esse é o primeiro de muitos trabalhos que de forma simples serve de incentivo a professores e alunos na mudança do olhar sobre si mesmos, sobre seus

antepassados e sobre seu grupo social. Eles devem perceber que a história é feita dia a dia nas grandes e principalmente nas pequenas ações.

A escola como lugar de diversidades múltiplas é o melhor lugar para que se disseminem essas outras verdades. É pelo currículo da escola que essas mudanças começam, é ele o documento que permite pensar e repensar as atividades que dão prestígio ao ensino dentro de um espaço escolar.

É necessário desconstruir a visão que insiste em mostrar uma escola sem conflitos, pois isso é fundamental para a garantia de boas condições de ensino e de aprendizagem. É preciso também estar com o olhar atento à violência simbólica e concreta que ocorrem no cotidiano escolar e mais, observar para que os desentendimentos desrespeitosos e as discriminações não sejam compreendidos como ações inerentes à interação entre as crianças.

Assim como os educandos também os docentes têm suas culturas e identidades afetadas pela dinâmica social. Crianças, adolescentes ou jovens não ficaram passivos a esses processos, mas se fazem presentes nas lutas por direitos entre as fronteiras. Esses protagonistas, assim como nas ruas, devem levar para as salas de aula o exercício da vez e voz, exigindo presença, portanto reconhecimento da massa nos conhecimentos escolares. São as salas de aula o espaço para essas disputas saudáveis e mais que legítimas.

Para Miguel Arroyo (2011) “o território da escola ainda é importante para a sociedade e, sobretudo, para as crianças e, os adolescentes, os jovens e adultos populares do que para seus professores e professoras” (p.12). E ainda acrescenta:

A produção e apropriação do conhecimento sempre entrou nas disputas das relações sociais e políticas de dominação-subordinação ponto em nossa formação histórica a apropriação-negação do conhecimento e age como demarcação-reconhecimento ou segregação da diversidade de coletivos sociais, étnicos, raciais, de gênero, campo, periferias. Não apenas foi negado dificultado o seu acesso ao conhecimento produzido, mas também foram despojadas de seus conhecimentos, culturas, modos de pensar-se e de pensar o mundo e a história. (ARROYO. 2011, p. 14)

Acredito que é no currículo escolar o espaço de mudanças para que o outro, o negado, o sem vez, o sem voz, seja pensado mobilizando assim para que o ensino os privilegie também e instituindo a importância de cada segmento na construção de uma sociedade. Esse currículo deve estar aberto a provocações, a mudanças, moldando-se conforme moldam-se os interesses dos sujeitos que fazem parte de determinada peculiaridade, não deve ser algo engessado, rígido, fechado, já que todo o conhecimento é considerado legítimo. Ele deve permitir que à medida que surjam outras vivências as salas de aula tornem-se espaços de libertação.

“Os educadores, assim como os pais, são figuras fundamentais na vida da criança. Eles representam autoridade, ocupam lugar de admiração e modelos de identificação”, observa a diretora-presidente do Instituto AMMA Psique e Negritude, Maria Lúcia da Silva.

Conforme Maria Lúcia da Silva, as marcas de quem sofre preconceito perduram para a vida toda. Normalmente, nós negros, acabamos aceitando o que falam de nós ou acabamos odiando ser quem somos. São sentimentos que marcam nosso corpo e nossa mente. Temos que ter onde nos afirmarmos para que não nos percamos de nós mesmos, portanto de nossa história, de nosso legado, de nossa importância.

Nosso município deve ceder espaço, não somente por meio das escolas, mas também por meio de outros órgãos para que as pessoas negras saiam da marginalização e do ostracismo em que vivem por também trazerem introjetados espaços que não consideram seus, não se sentem pertencentes àquele direito.

Enquanto negros, estamos em tempo de revermo-nos, tempo de olharmo-nos como ser de deveres e também de direitos. Devemos buscar caminhos que nos levem à luz do reconhecimento como ser social, produtor de história, de cultura, de sociedade. Os ecos de nossas vivências chegam às salas de aula e disputam espaço na busca também de sua legitimação como de valor e de verdade.

A educação é o campo onde deve-se, de forma democrática e comprometida com a promoção do ser humano na sua integralidade, “estimular a formação de valores, hábitos e comportamentos que respeitem as diferenças e as características próprias de grupos e minorias” (Brasil, 2004, p. 07). Dessa forma, ela é essencial no processo de formação de qualquer sociedade e abre caminhos para a ampliação da cidadania de um povo.

A sociedade deve entender que o negro é um ser social constituído de direitos e deveres e tem essas características furtadas em seu dia a dia e mais, ao mesmo tempo que descobre-se descendente de escravizado encontra dificuldade em enxergar-se na história de forma positiva. O que encontra ressaltado nos registros é uma “servidão paciente” de trezentos anos ao homem branco. Mais uma vez é papel da escola acabar com esse modo falso e reduzido de tratar a contribuição do negro escravizado e de seus descendentes para a construção da nação brasileira e, neste caso específico, do município de Jaguarão.

Duas das entrevistas não apresentei aos alunos, uma pelo entrevistado falar muito baixo e também por, neste trabalho específico, não fornecer dados relevantes. Mesmo assim,

não está descartada no momento em que pensarmos outro objetivo, outro trabalho. E a segunda entrevista não transcrita foi devido à entrevistada dar muito pouca informação relevante, além do mais, um terceiro personagem invadiu o espaço e sem o mínimo de respeito e ao telefone, falou paralelamente à entrevistada isso quando não a contestava.

Ao trabalhar essas entrevistas na sala de aula foi claramente percebido a admiração por parte de alunos e professores, pois ao passo que encantavam-se com histórias simples, percebiam a riqueza de dados e informações. Assistindo aos vídeos notaram que nada havia de rebuscado e que a simplicidade daquelas pessoas era o que mais tinha valor.

Ao final do trabalho, entenderam que a memória, o modo de viver também fazem história.

Essas pessoas envolvidas nas entrevistas, notoriamente mudaram o olhar sobre si mesmas com este projeto. Pessoas que se descobriram como seres sociais atuantes e que já ganharam outros espaços a partir do olhar daqueles que estiveram envolvidos.

Este projeto ao ser trabalhado com os alunos e professores, os provocou a que falassem sobre pessoas, familiares que até então, para eles eram pessoas comuns, sem prestígio, sem necessidade para a história.

Os vídeos – devido à falta de prática com a tecnologia – não ficaram apropriados, mesmo assim, foram apresentados aos alunos e professores, pois ao visualizar os entrevistados era notória sua simplicidade, inclusive na forma de se expressarem. Isso também chamou a atenção de alguns alunos que orgulhosos, relataram ter entre os familiares, alguém que se expressa da mesma forma. Professores participantes também aproveitaram para reforçar que o que interessa é a comunicação e que cada pessoa dentro de sua cultura, de seu modo de viver, tem seu valor e seus conhecimentos, sendo assim, o que menos importa é a forma de se expressar.

Na comunidade onde está localizada a escola, uma granja, a maioria dos moradores e pais dos alunos são humildes, por isso que este trabalho foi considerado por eles algo de suma importância que reforçou ou trouxe à luz a importância de cada um e como cada ser tem seu valor e sua contribuição.

Mexer com o ego desses participantes de forma positiva foi o que mais gratificou. Tanto entrevistados como alunos e professores foram provocados à criticidade, a acreditar em si mesmo e nos outros, nas suas capacidades de ser, de fazer, de pertencer, valorizando assim sua cultura, sua história e principalmente, sua história de vida.

Infelizmente não houve tempo hábil para realizarmos encontro com outras escolas como intencionávamos, mas podemos coloca-lo gratuitamente à disposição das escolas, por

meio de arquivo digital para que os demais professores e alunos tenham acesso a essas informações e que elas sirvam de incentivo à pesquisa, ao aprender fora da sala de aula, ao aprender a história local. Como havia escrito, um passeio turístico com Dona Conceição, por exemplo, resultaria em um aprendizado voltado à valorização do patrimônio histórico que compõe esta cidade, Jaguarão.

A partir dessa pequena mostra, fica a provocação ao órgão gestor, aos educadores e aos educandos sobre a necessidade de mudança nos currículos escolares e/ou, pelo menos, à escola repensar uma nova dinâmica de ensino.

Todos os entrevistados, ao serem convidados a participar do projeto prontamente se colocaram à disposição, da mesma forma consentiram a publicação de seus relatos bem como de seus nomes.

15 Cronograma de trabalho

	Revisão Bibliográfica e elaboração do projeto	Apresentação à Banca de qualificação	Realização das Entrevistas	Análise do material coletado e Elaboração	Elaboração do Relatório	Defesa do Projeto
--	---	--------------------------------------	----------------------------	---	-------------------------	-------------------

				dos Textos		
	2013					
ABR	X					
MAI	X					
JUN	X					
JUL	X					
AGO	X					
SET	X					
OUT	X					
NOV	X					
	2014					
MAR	X					
ABR	X					
MAI	X					
JUN	X	X	X	X	X	
JUL	X		X	X	X	
AGO	X		X	X	X	
SET	X		X	X	X	
OUT	X		X	X	X	
NOV	X			X	X	
	2015					
FEV	X			X	X	
MAR	X					X

Referências

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). *A aventura (auto)biográfica teoria & Empiria*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

- BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais*. Ministério da Educação / Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: SECAD, 2010.
- BRASIL. MEC. Lei 10.639. Brasília. 2003.
- CAMINO, Leoncio et al.. *A Face Oculta do Racismo no Brasil: Uma Análise Psicossociológica*. Revista Psicologia Política.
- CAVALLEIRO, Eliane dos santos. *Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil*. São Paulo: Contexto, 2011.
- COSTA, Candida Soares da. *Percepções de alunos e professores sobre a discriminação racial no livro didático*. 28reuniao.anped.org.br/textos/gt21/gt211255int.
- CRUZ, Mariléia dos Santos. *Uma abordagem sobre a história da educação dos negros*. In: História da Educação do Negro e outras histórias, Brasília, 2005.
- CUNHA, James Bolfoni da. *Jaguarão e os militares - Dois Séculos na Fronteira*. Porto Alegre: Evagraf, 2012
- DAMATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- FRANCO, Sérgio da Costa. *Gente e coisas da Fronteira Sul: ensaios históricos*. Porto Alegre: Sulina, 2001.
- GOLDENBERG, Miriam. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE JAGUARÃO. *Cadernos Jaguarenses. Volume 1*. Prefeitura Municipal de Jaguarão: 1986.
- INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE JAGUARÃO. *Cadernos Jaguarenses. Volume 2*. Impresso na T&M Artes gráficas, 1998;
- INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE JAGUARÃO. *Cadernos Jaguarenses. Volume 3*. Arroio Grande/RS: Gráfica GRAFISUL Gráfica & Xerox, 2006.
- INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE JAGUARÃO. *Cadernos Jaguarenses. Volume 4*. Pelotas: Editora Signus Comunicação Ltda, 2009.
- KRONBAUER, Selenir Corrêa Gonçalves & SIMONATO, Margareth Fadanelli (orgs.). *Formação de professores: abordagens contemporâneas*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- LOPES, Maria Aparecida (org.). *Entre o costume e a lei: superando o “silêncio” e descortinando a história afro-brasileira*. São José: Premier, 2011.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom e HOLANDA, Fabíola. *História oral: como fazer, como pensar*. – 2ª Ed. – São Paulo: Contexto, 2010.

MOURA, Glória. *Estórias quilombolas*. In: Coleção Caminho das Pedras. Vol. III. Ministério da Educação. Brasília, 2010.

MUNANGA, Kabengele e GOMES, Nilma Lino. *O negro no Brasil de hoje*. São Paulo: Global, 2006. (Coleção Para Entender)

PEREIRA, Amauri Mendes. *Escola – espaço privilegiado para a construção da cultura de consciência negra*. In: História da Educação do Negro e outras histórias, Brasília, 2005.

REVISTA FÓRUM. *Como uma pessoa se torna racista? Qual efeito na criança vítima de discriminação*. Publicado em 14 de outubro de 2013. In: <http://www.revistaforum.com.br/blog/2013/10/racismo-na-infancia-as-marcas-da-exclusao-2/>

SANTOS, Vagner Pacheco dos. *Caminhando através da história*. Porto Alegre: Evangraf, 2012.